



ATHOS BRIONES

MUITO MAIS QUE O ACASO







ATHOS BRIONES

MUITO MAIS QUE O ACASO



GUTENBERG



Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

*Para Bianca Briones,
por ser uma inspiração para mim, por nunca
desistir e ensinar isso para mim e para meu irmão,
e, principalmente, por fazer o possível e o impossível para termos tudo que precisamos! Amo
você, mãe.*



Muitas garotas sonham em ser a Julieta para o seu Romeu. O que elas esquecem é o que isso significou para os envolvidos nesta história.

Eu nunca quis ser o Romeu de ninguém.

Eu sou só um cara comum..

Queria viver, aproveitar o ensino médio, me dedicar ao time de futebol. Não queria nem ter mudado de escola, mas quem disse que tive essa opção? Aprendi desde cedo que há uma diferença entre o que a gente *quer* e o que a gente *precisa* fazer.

Como disse, eu sou só um cara comum.

E esta é a minha história...



É como pisar em outro mundo. É tudo diferente, desde os corredores até as pessoas. Os portões de ferro gigantes, as colunas de mármore, os quadros antigos na parede, os alunos uniformizados.

Eu estranho cada detalhe deste lugar, mas pela maneira como todos estão me olhando, parece que o estranho aqui sou eu. É como se eu estivesse na selva. Consigo ver claramente algum tipo de cadeia alimentar, em que os que *não* se impõem são devorados pela massa.

Quando me ofereceram a bolsa de estudos, eu sabia que seria difícil me adaptar, ainda mais por chegar no segundo semestre. Mas nunca imaginei que me olhariam dessa forma em uma das escolas mais conhecidas de São Paulo.

Saí da periferia, de uma escola em que, quando um aluno novo chegava, era rapidamente enturmado. Claro que isso era muito por minha causa. Como capitão do time de futebol, conhecia todos da escola e acolhia superbem os calouros. Quero que todos ao meu redor se sintam bem.

Mas não estamos mais na minha antiga escola, e aqui sou *eu* quem precisa se enturmar, então abaixo a cabeça e sigo até a secretaria.

Quando chego lá, um garoto está ouvindo o maior sermão.

– A sua sorte é que o diretor está em reunião, Matheus! – a mulher baixinha diz, com as mãos na cintura.

– Qual é, Hellen? Eu tava de boa. A professora exagerou e você sabe. Ela tá de perseguição comigo desde o ano passado. A aula nem começou e ela já veio implicar. Eu é que tenho que reclamar – o garoto se defende, mas algo no modo como ele segura o sorriso me mostra que ele não é tão inocente e sabe disso.

– Sei... – Ela o analisa e, quando abre a boca, me vê ali atrás. Sua expressão muda completamente. Acho que é a primeira pessoa neste lugar que fica muito feliz em me ver. – Ah, você deve ser o Victor. Tive uma reunião com sua mãe ontem. Sou a coordenadora. Meu nome é Hellen. Seja bem-vindo! Estamos muito empolgados em ter você entre nossos alunos.

Matheus me olha com curiosidade e o sinal toca enquanto, sem saber o que dizer, estendo para Hellen os papéis que ficaram faltando para a minha transferência.

– Será que você pode levar o Victor até a sala sem se meter em encrenca no meio do caminho, Matheus? – ela pergunta, remexendo as folhas que entreguei. – Vocês estão na mesma turma.

– Claro! – Ele parece querer sair dali o mais rápido possível.

– Ainda vamos conversar sobre isso, garoto. Não pense que vou esquecer.

– Demorô, demorô – ele diz, saindo da secretaria.

Assim que fecha a porta ele estende a mão, me cumprimentando.

– E aí? Então você é “o cara”?

– Como assim?

– Ah, o astro do futebol que trouxeram de outra escola.

– Sou só um cara que joga futebol. – Dou de ombros.

– É modesto. Bacana. Mas cuidado, se for muito mole, os caras daqui vão te engolir. Eles são meio idiotas com novatos.

– Você não parece idiota.

– É que eu sou demais, sabe? – Ele me empurra de leve. – E sou meio exagerado também. Não tem que se preocupar com todo mundo, não. No geral o povo é de boa, mas tem uns que conseguem ser chatos pra cacete. Ainda mais porque você vai chamar a atenção. Então achei melhor te avisar.

– Valeu. – Fico sem saber o que dizer e observo o piso de mármore. Pra que tanto mármore em uma escola?

O Matheus conhecia todas as pessoas que encontramos ao percorrer as escadarias e os longos corredores até chegar à sala, e elas agiam bem comigo por estar com ele.

A sala de aula é bem ampla e iluminada, com ar-condicionado. Em vez de carteiras, como estou acostumado, temos uma bonita mesa de madeira, acompanhada de uma cadeira com estofado azul-marinho, a principal cor do nosso uniforme.

– Parece que o astro por aqui é você, né? – falo, sentando-me na cadeira vazia ao lado da dele.

– Ah, sou mesmo! – Eu franzo a testa e começo a rir da resposta. – Qual é? Deixo a modéstia pra você. Eu falo a real. – Ele adivinha o que pensei?

– Tá certo. O que a professora te pegou fazendo? – pergunto, enquanto os outros alunos ocupam seus lugares.

– Nada de mais. – Ele tem uma expressão inocente. – Só jogando bola.

– Vocês não podem jogar antes da aula?

– Dentro da sala, não! – Ele ri, abrindo a mochila.

Dou risada. Coloco o caderno e o estojo sobre a mesa e penduro a mochila na cadeira, pensando que talvez este lugar não seja de todo ruim.

Começo a rabiscar um desenho na primeira folha, distraidamente. Um segundo sinal toca e a professora se prepara para fechar a porta.

– Espera! – uma garota pede, usando a mão para segurar a maçaneta. Isso faz com que a pilha de livros no outro braço se desequilibre e ela os derrube no chão.

Antes que qualquer um possa se mexer, ela pega tudo e se levanta.

– Atrasada outra vez, Sophia... – a professora diz, mas seu tom é tranquilo.

A garota entra e se senta bem na cadeira à minha frente, mas na pressa em sair do centro das atenções nem me vê.

Ela arruma o material na mesa e joga os cabelos escuros e compridos para trás.

– Parece que a primavera toda invadiu a sala, né? – Matheus se inclina para falar comigo. –

Agora já pode fechar a boca, que a aula vai começar.

Ele se ajeita na cadeira e eu fecho a boca, que eu nem percebi que estava aberta.

Capítulo 2

– Agora vocês podem fazer os exercícios das páginas 144 e 145, – informa a professora de geografia.

Como ainda não recebi as apostilas, acompanho a aula com o material do Matheus. Estou lendo a segunda questão quando a garota vira para trás.

– Me empresta a borracha, Math? – ela pede por educação, porque já começa a procurar no estojo dele antes mesmo que ele responda.

– Vira pra frente, Sophia! – exige a professora.

– Desculpe, professora – Matheus diz, bem tranquilo. – Eu que a chamei pra ajudar o Victor e eu no exercício.

– Ah, o aluno novo? – Ela nos observa por uns dois segundos, depois continua. – Sendo assim, sente-se com eles, Sophia. Aproveite e explique para o Victor o sistema da escola. Não sei se o *senhor Matheus* é a melhor influência...

– Pode deixar, professora – Sophia responde, e Matheus faz uma careta de injustiçado. Os dois riem quando a professora se vira para falar com outro aluno.

– Cara, vou te usar de desculpa pra tudo! Já vi que os professores vão querer fazer qualquer coisa por você. – Matheus atira a borracha na direção da garota, que a agarra no ar. – Deve ser coisa do seu tio, Sophia.

– Quem é seu tio? – Estou perdido na conversa.

– O diretor – os dois respondem juntos. Que mundo pequeno, minha mãe trabalha na casa do tio dela! Mas isso é assunto para uma outra hora.

Pela intimidade, acho que estão juntos, mas ela não usa aliança de compromisso como o Matheus. Nossa, eu mal a conheço e estou reparando se tem ou não aliança. Já fui mais de boa, viu? Que ansiedade é essa? Deve ser a mudança me deixando maluco.

– Ele é o garoto novo que irá nos salvar no campeonato – Matheus diz depois de nos apresentar, e eu tento dar um sorriso tranquilo.

– Muito prazer! O Henrique comentou que alguém novo ia ser transferido. Então, você é o salvador da pátria?

– Sophia, sem falar do Henrique, por favor – Matheus se intromete, com um tom meio bravo, antes que eu tenha tempo de responder.

– Quem é Henrique? – pergunto, meio perdido.

– Um idiota do time de futebol que se acha rei da escola e é louco por essa outra louca. – Ele

aponta para a amiga. – Sabe os caras com quem falei que você vai ter problema? Então...

– Primeiro, o Henrique não é louco por mim. Somos vizinhos desde que nascemos. Segundo, ele não é idiota... – ela defende o cara que não conheço ainda, e Matheus a encara, desafiador. – Tá, talvez ele seja um pouco, mas é legal comigo. – Sophia, ele não deixa você *nem* conversar com outros meninos!

– Eu *converso* com você, meu! – ela se defende. Parece que estou assistindo a um jogo de pingue-pongue e não faço ideia de quem vai perder a bola. – E não fica falando essas coisas assim. O Victor vai ficar com uma péssima impressão do Henrique.

– É pra ele ficar mesmo. E o Henrique só não dá pitizinho na *sua* frente, *meu*. – Ele imita o tom dela, que ameaça fechar a expressão, mas ele sorri e ela retribui. – Sô, não quero brigar com você. É que esse cara passa dos limites.

– Ok, ele é um pouco possessivo, mas é ciúme de amigo.

– Tá. Deixa. Vamos nos concentrar em geografia. Até isso é melhor que o Henrique. – Matheus vira a página e finge ler o enunciado da primeira questão.

– Você deve achar que todos nós somos loucos – Sophia fala para mim, e nossos olhares se encontram.

– Não acho que conheço vocês há tanto tempo pra tirar uma conclusão dessas... – Sorrio para que ela perceba que estou brincando.

– Isso quer dizer que quer conhecer? – ela pergunta e, pelo canto do olho, vejo Matheus virar a cabeça para nós.

– Vai ser um prazer. – Fico um pouco sem jeito por saber que estou sendo observado.

– E você toda preocupada com a impressão do Victor! – Matheus olha de um para o outro. – Pelos olhares, eu acho que ele já está com uma impressão ótima sua.

Fico envergonhado, mas tento disfarçar não dizendo nada; já Sophia está mais vermelha que a caneta na sua mão. Ela mexe no cabelo, tirando uma mecha da frente de seus lindos olhos verdes. Ela volta a atenção para a apostila e tento fazer o mesmo, recomeçando o exercício, mas nossas mãos se esbarram ao pegar a borracha. Nós nos encaramos outra vez e abro a boca para dizer algo no mesmo instante que o sinal toca.

Não sei se é isso ou não, mas fomos literalmente salvos pelo gongo.

Capítulo 3

A última aula finalmente acaba. Não tive mais tempo de conversar com a Sophia, porque a aula seguinte nos dividiu em grupos e caímos com pessoas diferentes.

No intervalo, eu a vi quando fui comprar um x-salada com o Matheus, mas não parei, só a cumprimentei com o olhar e vi a amiga cochichar algo.

– Agora é a hora do treino, né? – Matheus pergunta, guardando o material. – Quer que eu te mostre onde é a quadra antes de ir?

– Quero. Aqui é muito maior que a minha antiga escola. Vou demorar pra me acostumar.

Jogo a mochila nas costas no mesmo instante que Sophia me dá um tchauzinho, seguido de um sorriso, antes de sair da sala.

– Sou ou não sou demais? – Matheus cruza os braços sobre o peito.

– O quê? Tá precisando de elogio pra acariciar seu ego, é? – provoco, e ele dá uma gargalhada.

– Ah, não disfarça, meu. Que *fofura* vocês dois... – Ele finge uma expressão apaixonada. – Seu primeiro dia de aula e eu já fui cupido! – Ele continua falando quando saímos para o corredor.

Nem dou trela e mudamos de assunto, enquanto seguimos para o local do treino.

– Bom, a quadra é aqui, e essa é minha deixa – Matheus fala ao mesmo tempo que um bando de meninos que devem ser do time se aproxima.

Um deles vira para ele e diz:

– Tá fazendo o quê, patinho? Você não joga só na sala, não?

– Pelo menos eu jogo pela minha habilidade, já você joga só por ser grande. Aliás, habilidade está em falta aí.

O garoto se irrita e empurra Matheus. Na hora eu me coloco entre os dois, mas nada mais acontece, porque os outros seguram o esquentadinho e entram na quadra.

– Henrique? – Pela expressão do Matheus, meu palpite é certo.

– Exatamente, mas relaxa. Ele gosta de bancar o machão na frente dos amiguinhos. No geral, são só ofensas toscas. Sair na mão mesmo nunca saiu. Sem contar que ele gosta de se fazer de injustiçado pra Sophia. Se brigar, perde o drama.

– Espero não ter problemas. Não quero confusão, mas eu não ia te deixar sozinho nessa.

– Valeu.

Alguém nos interrompe.

– E aí?!

– Fala, Leo! – Matheus ergue a mão e um garoto que eu ainda não tinha visto o cumprimenta.
– Esse aqui é o Victor, o salvador de vocês. Esse é o Leo, Victor, meu melhor amigo e capitão do time.

Leo me cumprimenta bem empolgado. Ele é todo estiloso e sua postura é meio marrenta, como se fosse o dono do lugar. Pela expressão séria com que, de cara, ele falou com a gente, eu nunca imaginaria uma recepção tão calorosa.

– Prazer, cara! – Ele pega a mão que usei para cumprimentá-lo e me puxa para um abraço, me dando tapas fortes nas costas, bem receptivo. – Estamos precisando muito de você.

– Prazer, mano! – Retribuo o entusiasmo. – Parece que essa escola vive de extremos: uns superacolhedores e outros bem esnobes, que fingem que quem é diferente não existe.

– Olha, cara, tem horas que é complicado mesmo. Até pra mim, que já estou na escola há dois anos e meio. Mas o que rolou? É o causador de novo? – Leo me pergunta, apontando para o Henrique com a cabeça. Ele está longe demais para nos ouvir.

– Sim – Matheus responde. – Henrique veio me encher. Eu ia te dizer pra proteger o Victor daquele animal, mas algo me diz que se o Henrique se meter a besta, ele é que vai precisar ser protegido. – Ele ri.

– Ei, não preciso de proteção mesmo – falo rindo, entrando na brincadeira.

– Olha, se ele visse você e a Sophia hoje na sala, ia precisar. Te garanto...

– Eita, Sophia? Jogador dentro e fora da quadra, então?

– Só na quadra – digo, mais sério do que pretendia.

– Bom, o treinador chegou. – Leo aponta para a quadra. – Vamos?

– Vamos! – digo sem pensar.

Estou ansioso. Agora é a minha hora. Finalmente vou ficar à vontade neste lugar onde é tudo novo. É hora de pensar no jogo e apenas nisso.



Capítulo 4

Leo me mostra onde é o vestiário e estou tentando me trocar sem ser notado, mas é tarde. Todos estão comentando sobre mim e nem disfarçam. Estou vestindo a camisa que o diretor me deu ontem, quando o treinador me aborda.

– Você deve ser o Victor. Estamos muito felizes em ter você no time este ano.

– Sou eu, sim. – Abro um leve sorriso. – Muito obrigado pela bolsa de estudos.

– Nós é que agradecemos a você por ter aceitado. Quando o diretor me mostrou seus vídeos, eu o incentivei a trazê-lo na hora – ele fala mexendo as mãos, bastante empolgado. – É uma pena que não tenhamos descoberto você antes.

– Calma, professor, sem colocar pressão no moleque – Leo percebe que estou sem jeito.

– Me desculpe pelo entusiasmo. Sem pressão. – O treinador balança a cabeça.

– Terminamos de nos trocar e já vamos para a quadra, treinador. – Leo se senta e começa a colocar o meião.

– Perfeito! Vejo vocês lá. – Ele se afasta, conversando com seu auxiliar.

– Ele é um cara legal, só tá empolgado demais por achar que esse ano vamos ganhar o título.

– Leo amarra a chuteira quando me sento ao seu lado para calçar as minhas. – Mas não se estressa com isso, não. Vai na boa. É só seu primeiro dia. Bom, vamos logo, apesar de que eu não vou jogar.

– Não vai? Por quê?

– Porque eu não jogo, eu dou show!

Rimos, terminamos de calçar as chuteiras e vamos para a quadra.



– Atenção, garotos. Este é o Victor, novo astro... quer dizer, jogador da nossa equipe. – Todos me olham, e a maioria parece tão empolgada quanto o treinador, menos o Henrique. Ele me encara e devolvo o olhar. Ele é uns bons centímetros mais alto que eu, e olha que minha altura é acima da média. – Bom, todos pra quadra. Como hoje é o primeiro dia do Victor, vou dividi-los em duas equipes e fazer um amistoso pra vocês se enturmarem. Entrar no segundo semestre em uma nova escola não é fácil, mas sei que vocês serão receptivos, e logo, logo será como se ele sempre tivesse estado por aqui.

Sei que ele quer ajudar e parece falar como um pai preocupado falaria, mas fico ainda mais constrangido. Não gosto nem um pouco de ser o centro das atenções.

Felizmente, assim que piso na quadra me sinto conectado ao lugar. Estou em casa outra vez. Futebol é minha válvula de escape. Nada é capaz de me atingir quando estou dentro de uma quadra.

O treinador apita e o jogo começa. Tento observar bem os outros jogadores. Não entendo por que pensam que posso ser um milagre ou algo assim. Pelo que todos falaram até agora, eu estava esperando um time bem ruim. Acho que falta entrosamento e alguns alunos são bastante individualistas, mas em geral até que são bons, quer dizer, nem todos. Agora entendi por que o Matheus disse aquilo sobre o Henrique. Leo toca a bola para mim, eu dou um drible no Henrique e faço o gol. Todos ficam me olhando admirados, e o Henrique está nitidamente nervoso.

No lance seguinte recebo a bola, ele chega e me empurra para o chão. Me levanto, encarando-o, mas não me aproximo.

– É só um amistoso, cara. – Inspiro profundamente.

– Cala a boca, novato. Ninguém nunca te ensinou que não se brinca com a bola na frente de veteranos? – Ele me empurra de novo.

Aperto minhas mãos, contendo a raiva que ameaça me dominar.

– Veterano bom mesmo não toma drible. – Apesar de querer reagir, escolho o caminho mais sensato e viro as costas.

– Calma, garotos. Vamos terminar por hoje, mas não quero saber de clima quente no próximo treino. Façam o favor de se entender. Usem esse sentimento contra os nossos adversários, não entre vocês. É primordial termos uma equipe unida e integrada.

Os outros jogadores se afastam, caminhando para o chuveiro. Fico um pouco para trás, pensativo. Há muito a ser enfrentado nessa nova escola. E, por mais que essa decisão não tenha sido minha, preciso me sair bem. O futuro da minha família depende disso.

– Você se controlou bem. Agiu certo, garoto. – O treinador toca minhas costas.

– Não fiz nada.

– Às vezes não fazer nada é justamente o caminho certo.

Balanço a cabeça e me afasto devagar. Quando termino de tomar banho e me trocar, o vestiário está quase vazio. Atravesso a quadra e vejo Sophia parada na porta. Fico sem reação, mas quando ela me vê, logo pergunta:

– E aí? Como foi seu primeiro treino?

– Foi legal, acho que vou me acostumar rápido.

Não conto sobre a discussão com Henrique. Se ele quiser, ele que conte.

– Que bom! Os meninos do time são muito legais – ela diz com um lindo sorriso no rosto.

Não falo nada, sabendo que um sim agora seria uma mentira.

Tento pensar em algo interessante para dizer. Não vou negar que estou gostando dessa aproximação. Passo a mão pelos cabelos molhados e nos olhamos em silêncio.

– Vamos almoçar, Neymar? – Leo aparece do meu lado.

Quando me matriculei, recebi um vale-alimentação do diretor. Parece que ele realmente leva a sério a saúde dos jogadores. Eu quis dar para a minha mãe usar em casa, mas ela disse que se eu ousasse fazer isso ela me mataria. É, dona Silvia pode ser bem autoritária quando quer. Tudo

bem, darei meu jeitinho para ajudá-la em casa, mesmo que ela não queira.

– Vamos – respondo quando Leo repete a pergunta, parando entre nós dois. – Quer almoçar, Sophia?

– Almocei logo que a aula acabou. – Sophia toca a barriga. – Por fora posso parecer uma menina, mas por dentro sou um ogro faminto! – Ela gargalha no fim da frase e me contagia.

– Meu tipo de garota... – As palavras saem um pouco antes de o arrependimento me pegar. Não sei se estou mais surpreso comigo por ter deixado o pensamento sair em voz alta ou por estar quase corando por isso.

– Podemos almoçar qualquer quinta-feira – ela faz o convite. Franzo a testa sem entender como ela sabe meu horário. Ela dá uma risadinha nervosa. – Ai, não sou uma *stalker* louca! É que sei o horário pelo Henrique.

– Sem problema. – Antes que eu possa evitar, meu rosto fica sério. A menção a esse cara é o suficiente para mudar o meu humor.

– Bom, a gente se vê. – Ela fica na ponta dos pés, toca meu peito e me dá um beijo no rosto.

– A gente se vê... – Eu me afasto com o Leo, sem olhar para trás.

Leo me conta que o restaurante onde ele costuma almoçar é ali perto, e conversamos enquanto caminhamos.

– Acho que eu interrompi algo ali, hein? – Ele me empurra com o ombro, conforme andamos.

– Só estávamos conversando.

– Eu tive a impressão de que você estava prestes a ficar vermelho. Não sabia que era tímido.

– Não sou. – Penso em quais palavras devo usar para justificar meu comportamento. – Acho que eu não estava esperando algo assim de cara.

– Algo assim como? – Ele parece mesmo surpreso. – Uma garota linda interessada? Tenho certeza de que deve chover bastante na sua horta.

– Até chove. Não é isso. – Ajeito a mochila nas costas.

Como dizer a ele que algo naquela garota mexeu comigo? Eu mal a conheço.

– Cara, você é demais! – Felizmente não preciso me preocupar com o que responder, porque Leo volta a falar. – Já chegou não deixando o Henrique te intimidar. Mas vai ter um problema quando ele vir você e ela juntos.

– Por quê? Ela disse que eles não têm nada.

– Na cabeça dele, eles têm sim.

– Não tem nada pior do que um cara que não sabe aceitar um não como resposta. Se não tem nada, encara isso e parte pra outra.

Chegamos ao restaurante e nos sentamos próximo à janela. O garçom anota nosso pedido.

– Fala mais aí, cara! – Leo dá um gole no suco de laranja. – Como é estudar no Colégio Alberto Mourão, a melhor e mais completa escola preparatória de São Paulo? – Ele imita o tom pomposo do diretor ao falar e dou a risada que segurei no dia anterior, quando o diretor soltou essa frase.

– É normal. Minha mãe ficou feliz por nós dois, então tá bom pra mim.

Ele percebe que não foi uma decisão minha e que apesar do que digo não estou lá muito feliz.

– Olha, eu sei que é ruim vir de outra escola e sei mais ainda como é a galera da escola.

– Não posso falar de todo mundo, mas foi um pouco estranho mesmo.

– Sei bem. Quantos negros você viu por lá? – Não respondo, apesar de ter reparado nisso

quando cheguei. – Sou negro e meus pais são bem-sucedidos. Os alunos tiveram que me engolir. Se você quer saber, até o idiota do Henrique encencou comigo no primeiro ano. Imagina a surpresa que ele teve quando descobriu que o pai abonado dele era empregado do meu.

– As pessoas costumam se chocar quando você quebra o pensamento atrasado delas. Agora ele tem que aceitar um branco pobre na escola dele. Vida difícil, a desse cara... – ironizo entre uma garfada e outra.

– E de novo, vai ter que engolir. – Ele ergue o copo de suco e brindamos. – Estamos aqui pra revolucionar o mundo, Victor. É na escola que tudo começa. É ali que os preconceitos são expostos e sentidos. A gente sofre, a gente erra, a gente aprende.

– Nisso você tem razão. Eu mesmo me peguei em um, achei que todos vocês seriam riquinhos idiotas, e não foi assim.

– É porque ser idiota não tem a ver com dinheiro, mano.

Mais uma vez, não respondo, mas reflito sobre suas palavras. Em minha antiga escola não tínhamos problemas com a cor de ninguém, mas vi outros casos de preconceito. Até mesmo contra os garotos de escolas particulares. Agora eu estava com um pé em cada mundo e nunca me senti tão perdido.

Eu sei que não vai ser fácil. Meus amigos antigos me culpam por sair da escola e abandonar o time, e aqueles que conheci agora não aceitam que alguém como eu tenha ido para uma posição tão importante. Mas, apesar de todos os meus problemas e receios, Leo, Matheus e Sophia fizeram com que eu me sentisse em casa.

Quando terminamos de comer, saímos caminhando e conversando sobre seriados de televisão.

– Vou por aqui, mano. – Aponto para uma rua.

– Vai pela sombra, *bro*. Valeu pelo treino e pela companhia no almoço. Todos gostaram muito de você e do seu futebol – ele fala, andando para outra direção. – Qualquer coisa, chama no Whats.

– Valeu você! Até amanhã!

Sigo meu caminho para casa pensando no primeiro dia. Entre altos e baixos a somatória foi positiva. Preciso tomar cuidado para que o Henrique não se torne um problema. Mas ao mesmo tempo que quero ficar longe dele, penso em me aproximar mais da Sophia. E algo me diz que isso não vai ser tranquilo.

Coloco meus fones de ouvido e sigo meu caminho, enquanto o sorriso de Sophia aparece de repente no meu pensamento.



Capítulo 5

Encostado no vidro do ônibus, escuto música, distraído, quando meu celular começa a vibrar.

Você foi adicionado ao grupo LeMaVi

Leo: Sou péssimo pra nomes.

Math: hahaha. Pelo menos não foi “Os Demais”.

Leo: Aff, meu, eu tinha 14 anos e era bobão.

Math: Não me lembra! E aí, Vitão? Cês foram almoçar sem mim, né, trouxas?

Leo: Coisas do time de futebol. Segura a emoção aí.

Leio a troca de mensagens entre eles, dando risada.

Victor: E aí? Almoça com a gente amanhã, Math.

Leo: Ele não aguenta esperar e almoça mais cedo, Victor. Tá reclamando porque gosta de causar.

Math: Posso almoçar duas vezes, ué. Há alguma lei que proíba isso?

Pelo resto do trajeto, vou conversando com eles. Não podia deixar de ser grato por esses dois. Mesmo com os outros alunos olhando estranho para eles por estarem comigo, Math e Leo continuaram tentando me fazer sentir em casa. Quando desço do ônibus ouço um grito:

– Victor! – Quando me viro, vejo a Bia acompanhada pelo João e pelo Bruno, alunos da minha antiga escola.

– E aí, galera! Como vocês estão?

– Estamos bem, mano. E você, traidor? – João brinca com o fato de eu ter mudado de escola. Ele até que está lidando bem com isso. – Como foi o primeiro dia?

– Foi tranquilo até, mano. A maioria da galera ficou olhando estranho pra mim, mas dois garotos fizeram eu me sentir mais à vontade.

– Pelo menos dois se salvam entre os muitos riquinhos de lá – diz João com tom de ironia.

– E as meninas? – Bruno pergunta brincando, e a Bia fecha a cara. Ela é minha melhor amiga e tem ciúmes de toda e qualquer amiga nova.

– A maioria nem olhou na minha direção, mas tinha uma que era bem legal. – Abro um sorriso, os meninos entendem a mensagem e fazem uma série de provocações. – Bom, tenho que ir, gente, porque agora, além do treino, tenho que correr pro trabalho pra pegar alguns consertos.

– Sua mãe sabe que você ainda tá trabalhando? Ela disse pra você focar na escola. – Bia se preocupa, sabendo que minha mãe ficará brava se descobrir.

– Não sabe, não. Preciso ajudar em casa ainda, mas relaxa. Dá pra fazer tudo.

– Você não vai voltar pra escola mesmo, né? – Bruno pergunta. Ele era meu companheiro de time.

– Não vou, galera. Minha mãe está muito feliz com a bolsa.

– Mas, e você? Está? – pergunta Bia.

– Estou sim. – Não é totalmente verdade, mas é mais do que como eu me sentia de manhã.

– Não parece... – Bia insiste.

Ela sabe bem do meu dilema. Minha mãe sempre fez tudo por nós. É minha vez de fazer o que devo, mesmo que não seja o que eu quero.

– Estou sim, teimosa! – Ergo a mão para ela bater e ela o faz, mesmo não concordando comigo. – Tô indo lá, galera. Foi bom ver vocês!

– Vai aí, traidor! – eles brincam mais uma vez. – Boa sorte.



Chego à oficina, me troco e vou para os carros. Antes eu conseguia tirar dinheiro suficiente para ajudar muito mais em casa. Agora, com menos tempo, acho que talvez só consiga pagar uma ou duas contas.

Trabalho fazendo alguns consertos em uma oficina a duas quadras de casa. Minha mãe quis que eu largasse tudo e me focasse nos estudos. Eu acho que dá para conciliar as coisas. Não tenho horário fixo nesse trabalho. Minha mãe já faz demais e não tem que cuidar sozinha de mim e da minha irmã caçula.

Elas precisam de mim.

Capítulo 6



Chego em casa no fim da tarde, lavo a louça do café da manhã e coloco o feijão para cozinhar. Quando termino de limpar a cozinha, vou para o banho. Minha mãe deve chegar em breve.

Coloco uma bermuda e, quando saio do banheiro, Bruna, minha irmã mais nova, corre em minha direção e pula no meu colo. Abro um sorriso e pergunto:

– Como foi na escola nova, pequena?

Minha mãe quase ficou maluca quando eu disse ao diretor que só aceitaria a bolsa se minha irmã também tivesse uma. A unidade em que estudo não tem ensino fundamental, mas eu sabia que se ele quisesse, podia dar um jeito. E deu mesmo, né?

– Foi muito demais! – ela diz, pulando quando a coloco no chão. – Tem uma biblioteca gigante, e sala de música, e de informática! – Ela fala por vários minutos, toda empolgada, e depois vai para seu quarto brincar.

Bruna tem só 8 anos, então as preocupações que tive para ser aceito na nova escola não fizeram parte dos pensamentos dela. Isso é bom, espero que ela mantenha essa inocência por mais tempo.

Vou para a cozinha e minha mãe já está lá. Antes de falar com ela, eu a observo de costas. Penso em como seu dia trabalhando como diarista deve ter sido cansativo e mesmo assim lá está ela preparando o melhor para a gente. Tudo o que sinto é orgulho. Eu me aproximo dela, toco seus ombros, dou um beijo em sua cabeça e ela leva um pequeno susto.

– Menino! – Ela me bate com um pano de prato e me abraça em seguida, carinhosa.

– Como foi seu dia?

– Foi bom. Cansativo, porém bom. E o seu, filho? Como foi o primeiro dia?

– Foi legal.

– Victor, te conheço e você me conhece. Acha que vou me satisfazer com um “legal”?

Por mim, não falaria nada, mas é um fato: a gente se conhece mesmo. Então esconder seria pior.

– Ah, tem uma galera meio esnobe, mas me enturmei com dois garotos que são muito gente boa.

– Que bom, filho! Tenho certeza de que em breve a maioria será gente boa. Sei que é chato mudar, mas você viu como sua irmã está empolgada. Ela já fez uma série de amiguinhos. Logo você conhece todo mundo, como era antes.

– É... Quem sabe? Vou conseguir *amiguinhos* – eu a provoco e dou uma leve risada, porque

duvido muito que isso aconteça, mas não vou falar para ela.

– Vai ser até melhor que antes, você vai ver. Pare de duvidar de mim. – Dou risada. Parece que ela leu a minha mente. – Agora vai já colocar uma camiseta!

– É pra já, veia! – Ela finge que vai me bater com o pano de prato e eu corro para meu quarto.

Minha mãe trabalha como diarista na casa do dono e diretor da escola e foi assim que me descobriram. Desde que minha mãe mostrou para ele meu vídeo jogando na minha antiga escola e me ofereceram a bolsa, ela não consegue conter a felicidade. É muito importante para ela que eu tenha um bom futuro, e estudar em uma das melhores escolas de São Paulo é fundamental para que eu consiga isso. Ainda que eu tenha entrado na metade do terceiro ano, se eu ganhar o campeonato posso garantir uma bolsa por mais tempo para a minha irmã.

E é muito importante para mim que elas estejam felizes. Sempre fomos só nós. Não tenho recordações do meu pai. Ele morreu quando eu era bem pequeno. Já o pai da Bruna, bom... Ele ficou pouco tempo conosco. Não queria saber de trabalhar nem de ajudar em casa. Quando soube da gravidez da minha mãe, deu no pé.

Já vi minha mãe passar por muitos perrengues para nos sustentar, por isso faço o que posso para ajudar. E se ela está feliz com esses novos arranjos, quem sou eu para reclamar?

E acho que mal não fará, não é mesmo?

Capítulo 7



A manhã seguinte começa com a serelepe da minha irmã me acordando antes de o despertador tocar.

– Vamos! Vamos! É outro dia de escola nova.

Nunca vi tanta empolgação para ficar na escola em tempo integral. Jogo as cobertas para o lado e me levanto. Dividir o quarto com essa pestinha tem dessas.

Tomo um banho rápido, me arrumo, pego um pão com presunto para comer no caminho e vou para o ponto de ônibus pensando em como será o dia. Está fazendo muito frio essa manhã, e apesar de estarmos no inverno, ontem estava um calorão. Isso é São Paulo. Sempre nos surpreendendo.

Quando chego à escola, noto que os comentários sobre mim diminuíram um pouco, embora ainda ouça alguns.

Na sala, vou para a minha mesa e reparo que Matheus não está lá. Segundo dia de aula do segundo semestre e ele já faltou? Deve ter alguma coisa errada.

Quando Sophia chega, vem até mim e me cumprimenta.

– Bom dia! – Ela diz com um lindo sorriso no rosto.

– Bom dia! Chegou no horário hoje? – brinco.

– Hoje sim. Nossa, meu... só eu mesmo pra conseguir ser zoada no segundo dia de aula. – ela ri, faz um bico fingindo chorar e pisca repetidamente seus lindos olhos. Eles parecem mudar de cor às vezes e são os mais lindos que eu já vi.

– Desculpa, não resisti. – Rimos um pouco mais, até que pergunto: – Você sabe do Matheus?

– Olha, ninguém me falou nada, mas ontem à noite a Carol, namorada do Matheus, estava muito estranha, e hoje ele faltou, então acho que eles brigaram ou até terminaram de novo.

Estranho a frieza com que ela diz isso e não resisto a outra pergunta:

– Como assim terminaram de novo?

– É porque acontece sempre. Uma vez por mês, mais ou menos. – Ela ri bastante. – Relaxa, Victor, se eles realmente terminaram, até a noite voltam. É assim há quase dois anos. Aqueles dois vão casar.

– Então tá, né.

Não acredito que isso seja tão normal quanto ela fala. Achei o Matheus bem decidido, mas posso estar enganado. Normalmente tenho um bom olho para conhecer as pessoas, mas um dia é pouco tempo.

Quando a aula acabar, vou mandar uma mensagem para ele.



Como mandei a mensagem e ele não respondeu, pergunto para o Leo, depois do treino.

– Relaxa, cara, eles terminam toda semana – Leo também não parece se preocupar. Sophia disse “todo mês” e ele “toda semana”. Acho melhor não perguntar para mais ninguém, porque daqui a pouco será todo dia. – Mas fala aí, mano, como foi esse novo dia? Hoje não teve o Math pra quebrar o gelo.

– Ele fez falta, mas até que foi legal. Conversei bastante com a Sophia. – Ele franze a testa me olhando, desconfiado. – Que foi, cara?

– Hmmmm, Sophia, lindos. – Ele faz cara de apaixonado. – Serei padrinho, já vou dizendo.

– Para com isso, cara! Não tem nada, somos só amigos. Além do mais, não quero problemas com o ogro, opa, quer dizer, o Henrique. – Saímos da quadra e seguimos até o restaurante.

– Só amigos por enquanto. E sobre o Henrique, fica tranquilo, logo ela vai ver que ele é um babaca.



Entro no meu quarto e mando outra mensagem para o Matheus. Ia mandar no grupo, mas acho que como o assunto é coisa particular dele, uma mensagem privada é melhor.

Victor: E aí, Math? Tá vivo?

Math: Tô sim, mano. E aí? Tá tranquilo?
Como foi na aula hoje?

Victor: Foi suave. Depois tenho que te explicar um trabalho que a professora de atualidades passou.

Math: Demorô.

Victor: Então, mano, tá tudo bem mesmo? Leo me falou que você tinha terminado o namoro.

Math: Ah, eu tinha kkk. Mas já voltamos. Hahaha

Victor: Nossa! Bem que me falaram que era assim hehe

Math: Ah, esse povo fifi. Haha. Fazer o quê?
Eu amo aquela menina.

Victor: Awnnn que fofos. Hahahaha

Provoco, dando risada, deitado na cama e feliz por ele estar bem.

Math: Dá risada não, logo menos é você e Sophia.

Victor: Começou...

O celular vibra e vejo que Matheus mandou mensagem no grupo LeMaVi também.

Math: Ô, Leo, Victor e Sophia... eu aprovo. E você?

Leo: Mas é claro! Já disse até que vou ser padrinho.

Math: Então vai ter que ter dois padrinhos, porque eu que juntei os dois, cara.

Victor: Vocês são muito idiotas. Hahahaha.
Bom, tenho que ir.

Math: Isso. Foge, foge. Haha

Leo: Não precisa ficar tímido.

Victor: Não tô fugindo não. É que tenho que arrumar umas coisas antes da minha mãe chegar. Hoje o treino foi pesado.

Leo: Nossa, isso foi mesmo. O técnico estava possuído pelo Capitão Nascimento.

Victor: Tô morto.

Leo: Dois membros.

Math: Ai, ai, falaram os atletas. É por isso que hoje disputei um campeonato de fazer nada e ganhei.

Leo: Disputou com você mesmo, né?

Math: E tem pessoa melhor?

Victor: Hahaha. Tô querendo um dia desses aí.
Bom, agora vou indo mesmo.

Math: Demorô, mano. Vai lá. Boa noite.

Leo: E sonha com a Sophia mais tarde.



O jantar está pronto e me sento à mesa, que está linda como sempre. O cheiro da comida da minha mãe é sensacional, restaurante nenhum consegue fazer uma comida como essa. Não sei como ela consegue, mas mesmo quando passamos dificuldade e tínhamos poucas coisas, ainda assim ela conseguia fazer o melhor jantar do mundo.

- Como foi seu dia, filho?
- Foi tranquilo até, mãe. E o de vocês?
- Foi ótimo! – minha mãe e Bruna dizem juntas e começam a rir.

– Você não tá com saudade da antiga escola, Vi? – Bruna pergunta, enfiando uma rodela de tomate na boca.

– Estou, bastante na verdade, mas vou me acostumar e adorar tudo igual você! – Bagunço seu cabelo.

– Sabe, filho, acontecem coisas na nossa vida que na hora não entendemos o porquê, às vezes passamos anos sem entender, mas em algum momento vemos que aconteceu o melhor. Tudo tem um “motivo maior”. Você é um garoto de ouro, Victor. Lá fora existe um mundo gigante te esperando e você é forte pra aguentar qualquer coisa que apareça em seu caminho. Encare essa mudança de escola como o fim de um ciclo que foi bom e o início de um que será maravilhoso!

Fico em silêncio por alguns segundos, pensando em suas palavras. Não sei o que essa mulher tem. Deve ser algum tipo de superpoder, mas sempre que ela me dá conselhos ou algo assim, fico sem saber o que falar. Embora eu saiba que vai ser difícil minha adaptação nessa escola, no fundo eu também sinto que algo bom está por vir. Algo muito bom!

– Acho que você tem razão. Eu só quero ter um bom futuro pra poder nos ajudar.

– Ela sempre tem razão – Bruna brinca, embora eu ache que ela pense assim mesmo. E provavelmente está certa. – Viu, mãe? Você sempre tem razão. Agora posso ser a filha favorita?

– Rimos bastante e faço cara de triste, brincando com a pequena.

– Você já é minha filha favorita, Bruna. – Minha mãe acaricia seu rosto. – E o Victor é meu filho favorito.

– Ah, mas eu quero ser a favorita dos dois!

– Você pode ser, maninha! – Levanto e lavo meu prato, colocando-o no escorredor. – Vou ler alguns capítulos do livro que a professora de literatura passou e deitar, gente.

– Não vamos ver *Flash* hoje? – minha irmã pergunta.

– Hoje preciso estudar. Lembra o que combinamos? Dia sim, dia não. – Beijo seu rosto e faço o mesmo com minha mãe. – Boa noite. Amo vocês.

– Amo você, filho!

– Também te amo, maninho!

Capítulo 9



O primeiro sábado de folga chega e, quando acordo, às 9 horas da manhã, meu WhatsApp já está fervendo.

No grupo dos meus amigos antigos tem mais de 300 mensagens. Alguns querem saber se vou jogar bola mais tarde, como todos os sábados, outros ironizam, achando que não vou mais me misturar com eles.

Nem respondo nada. Se eu aparecer na quadra à tarde, eles verão que não pretendo abandoná-los jamais.

Abro o grupo LeMaVi e, apesar de sermos só três, há muitas mensagens também.

Leo: A gente podia fazer alguma coisa, né?

Math: Nem acordei ainda.

Leo: Tá digitando dormindo?

Math: Aqui é o Robot 5.0. Fui programado para responder idiotas nas redes sociais sempre que meu mestre Matheus estiver dormindo.

Leo: HAHAAHAHA, seu animal.

Math: Me deixa dormiiiiiiiiir! Não sou atleta e não sou obrigado a fazer nada antes do meio-dia. (Além da escola, a que vou obrigado. COM CERTEZA!)

Leo: Eu tô falando depois do almoço, mané. Agora vou dar um mergulho na piscina e depois dormir por duas horinhas. Ô! Vcs podiam vir nadar aqui. O que acham?

Math: Vai ter comida?

Leo: E não tem sempre?

Math: Agora tem o Victor. Tem que ter muita. Vai saber como ele come. Eu como por mim e pelas duas lombrigas que carrego no estômago.

Leo: Você tinha que ser obeso e não esse chassi de grilo. Só Deus sabe pra onde vai tanta comida.

Math: As lombrigas... eu tô dizendo.

Leo: Vai ter muita comida. Tá bom assim?

Math: Então fechou.

Victor: E aí, caras?

Leo: E aaaaaaaa! Já ia te ligar, mano. Bora colar aqui à tarde? Traz roupa de banho!

Victor: Ih, Leo, tenho jogo às 14h com o pessoal aqui do bairro.

Leo: Ah, então beleza. A gente passa aí um pouco antes, vamos ao jogo com você e depois te arrastamos pra cá.

Victor: Não sei se termina cedo.

Leo: Oxi, deixamos a piscina pra outro dia, então, mas pelo menos a gente faz alguma coisa.

Math: É isso aí! Porque agora eu já fui iludido com comida e onde quer que seja a reunião vai ter que rolar comida.

Olho para o celular sem saber como responder. Bom, mas que mal pode haver em juntar novos e velhos amigos?



Caminho devagar até a quadra, que está lotada. Meus amigos me cumprimentam, felizes e meio surpresos por eu estar ali. Quem esse pessoal pensa que eu sou? Uma escola nova não me torna uma pessoa diferente.

– Relaxa, Vi – Bia diz ao me abraçar. – Os meninos estão com o ego ferido porque você não vai poder representar a escola. É isso.

– Tá tão na cara assim o que estou sentindo?

Beatriz e eu estudamos juntos desde o ensino infantil. Meio mundo pensa que a gente já teve algo ou ainda vai ter, mas nos consideramos como irmãos. Ela esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida. É bem ruim não ver a Bia todos os dias na escola. O bom é que moramos na mesma rua.

– Tá não. – Ela toca meu braço, me confortando. – É que te conheço, né? E vi as piadinhas no grupo. O que importa é que você tá aqui. Logo isso passa.

Abro a boca para contar a ela que “convidei” dois amigos novos para o jogo, quando um carro luxuoso para em frente à quadra. É raro ver um desses por aqui, então todo mundo presta atenção.

Leo e Matheus descem do banco traseiro. Eles param em frente à calçada e olham ao redor. Tiram os óculos de sol quase ao mesmo tempo e Matheus dá um tapinha nas costas do Leo, apontando para mim.

Eles caminham na nossa direção enquanto o João se aproxima de mim.

– Não vai me dizer que esses dois mauricinhos são seus amigos... – ele diz, incomodado.

– Eles são, sim. E foram eles que me aceitaram e me fizeram sentir muito bem na escola. Então, agradeço se vocês retribuírem a gentileza.

– Nossa. Não devem nem saber jogar. O que estão fazendo aqui?

– Matheus não joga mesmo, mas o Leo é capitão do time de futebol. Joga muito.

– Isso eu pago pra ver.

– Cuidado com o que aposta.

– Dá um tempo pros caras, João, – Bruno intervém e coloca a mão no meu ombro. – Quer ser igual aos riquinhos que esnobaram o nosso amigo? Aqui a gente não tem essas babaquices de separar as pessoas pelo que elas têm ou não.

Balanço a cabeça, agradecendo pelo Bruno ser tão sensato.

– E aí, Victor! – Leo e Matheus chegam me cumprimentando, entusiasmados.

É interessante notar que, mesmo que eles destoem de todos, principalmente o Matheus, que está realmente todo estiloso, com roupas de marca, eles se comportam como se estivessem no quintal de casa. Ou são muito corajosos ou são doidos. Ou não, né? Talvez não devessem existir as fronteiras que criamos. Eu devia ter chegado na escola dessa forma e não me sentindo um intruso. Não há nenhum motivo para que eu não possa ou mereça estar lá.

– E aí, caras? – Eu abraço os dois e os apresento aos meus amigos.

– Então, são vocês os caras que ensinaram esse moleque aqui a jogar? – Leo dá um tapinha no meu ombro. – Será que sobrou um pouquinho pra ensinar pra mim?

– Bom, no meu caso, nem um milagre salva. – Matheus ergue as mãos para os céus.

E pronto. É assim, com um coração gigante e bom humor fenomenal, que Leo e Matheus ganham meus amigos.

Capítulo 10



O jogo acaba com meus amigos comemorando pelo Leo ter ficado no time deles e ter dado um show de bola. Meu time perdeu, mas confesso que foi uma derrota que me deixou muito feliz.

Depois eu fiquei um pouco sem jeito, por não saber como dizer ao Leo que eu não podia sair correndo, já que após as partidas é tradição irmos tomar açaí na lanchonete do Marcão. Mas, outra vez, vi que não precisava me preocupar. Leo e Matheus nos acompanharam e, segundo eles mesmos, provaram o melhor açaí do mundo.

– Ih, tô achando que o Victor reclamou de barriga cheia, hein? – João disse cuspiendo açaí. – Não é que esses boyzinhos são legais mesmo?

Bia dá uma cotovelada nele e recebe uma piscada do Leo.

– Somos mesmo, meu. Tá pensando o quê? – Leo dá uma gargalhada.

– Mas nem todo mundo é demais desse jeito, né? – Matheus bate no peito.

– Tenho que concordar. – Ergo minha garrafa de refrigerante.

– Não liguem pro João. Ele está com medinho de perder o amor do Victor – Bruno provoca.

– Com certeza – Bia também alfineta. – Pensa num amigo ciumento!

– Olha quem fala! Só tô cuidando do que é meu. – João dá de ombros. – Já tiraram o atacante do nosso time. Só faltava perder o cara que me tira das enrascadas.

– Tem amor para todo mundo aqui! – Abro os braços, sorrindo.

Dou mais uma colherada no meu açaí, cheio de leite condensado e leite em pó, sem deixar de perceber o sorrisinho da Bia na direção do Leo, que corresponde à altura.

Meu celular vibra no bolso e chega uma mensagem. Pela reação do Leo e do Matheus o mesmo acontece no deles.

Festa na casa do Julião. Às 22h.
Traga sua bebida.

Não reconheço o número, mas Leo, que está ao meu lado, responde:

– É do Cássio, do terceiro 3.2.

– Como ele tem meu número? E por que me convidou? – Olho para o celular sem entender nada.

– Você é do time de futebol. É automaticamente convidado para todas as festas – Matheus

explica. – Por que você acha que eu ando com o Leo?

– E aí, vamos? – Leo dá um tapa na cabeça dele. – Vocês estão convidados também – ele diz aos meus amigos.

– Qualquer um pode ir? – João pergunta, meio receoso, mas pelo que vejo, morrendo de vontade de ir.

– Vocês não são qualquer um. São *nossos* convidados. Jogadores de futebol não têm passe livre apenas pra entrar, nós podemos levar quem quisermos.

– De novo: por que você acha que eu ando com o Leo? – Matheus gargalha. – Está decidido, vocês vão. Nós só vamos se vocês forem.

– Eu achei que só meninas dissessem isso – Bia franze a testa, rindo.

– Nós fazemos um monte de coisas que vocês fazem – Leo responde com toda a atenção voltada para ela. – A diferença é que alguns caras são babacas e acham que assumir isso afeta a masculinidade deles.

– Ah, se tem uma coisa para a qual nós não ligamos é a nossa masculinidade. – Matheus abraça Leo como se fossem um casal. – Minha mãe até hoje sofre porque queria que eu fosse gay e o Leo fosse meu namorado. Ela costuma dizer que o mundo é injusto, porque ela é uma mãe amorosa e me encheria de amor, não importa quem eu fosse. Mas não rolou, né, amor? – Ele acaricia o braço do Leo, que simula uma facada no coração. – A gente não liga pra essas coisas nem pra mania estúpida das pessoas quererem julgar os outros. Viemos ao mundo pra *causar* e quebrar preconceitos. Estamos inclusive planejando dançar “YMCA” na festa de formatura e uma outra coisinha que ainda não posso dizer, mas é provável que deixe os pais mais conservadores de cabelo em pé. Talvez de saia curta. Anota aí, Leo. Acho que é uma boa forma de dizer que as pessoas podem vestir o que quiserem. Você vai também, viu, Víctor?

– Mas é claro que eu vou!

– Essa eu pago pra ver e ainda vou gravar! – Bia me mostra o celular.

– Não precisa pagar, não. Será minha convidada, – Leo diz, e seguro o riso quando a vejo corar.

Pela primeira vez, desde que fui obrigado a mudar de escola, estou muito feliz. Ver todos os meus amigos perfeitamente enturmados faz com que eu sinta paz e tranquilidade. É muito bom tê-los na minha vida, e vê-los bem então... é melhor ainda.

Capítulo 11

A casa do Cássio é uma mansão em um condomínio fechado. Meus amigos e eu nos dividimos nos táxis que vieram buscar o Leo e o Matheus. Eu insisti para irmos de ônibus e metrô, mas quando a galera ouviu o convite para uma carona, aceitou na hora. Bia e eu fomos com o Leo. João e Bruno, com o Matheus.

O tempo todo Bia e eu trocávamos olhares e sem precisar dizer nada conversávamos sobre o quanto era surreal que estivéssemos indo de táxi até o outro lado da cidade. Enquanto isso, Leo estava super à vontade. Afinal, isso fazia parte do seu cotidiano.

Eu estava sentado no meio dos dois, porque quando a Bia cisma, é muito tímida, e apesar de ela querer conversar com ele, fica nessa de me colocar no meio. Não sei por que, já que ele parece ter gostado dela.

Quando chegamos, ouço o Bruno e o João dizerem para o Matheus que estão se sentindo na festa do Oscar. É um pouco de exagero, mas compreendo a sensação. É um mundo diferente de tudo o que conhecemos. Quer dizer, é o que imaginávamos até entrarmos pela garagem, onde é a festa, e vemos que não somos tão diferentes assim...

O lugar é gigante e há umas 100 pessoas por ali.

Meus amigos ficam conversando em um canto e estão bastante animados. Saio para pegar bebida, e antes de chegar ao bar, o Henrique tromba comigo.

– Abriram a porta da favela, é? – ele diz em um volume mais alto que a música.

Respiro fundo e tento seguir em frente, mas ele me barra. Levo um segundo para reagir, e é tempo suficiente para o João aparecer do meu lado, cruzar os braços e encarar o Henrique.

– Tá tudo bem por aqui? – ele pergunta, com a expressão fechada.

– Abriram mesmo – Henrique responde, irônico, medindo o João de cima a baixo.

Antes que o João possa fazer qualquer coisa, toco em seu braço e passo pelo Henrique, falando perto do seu ouvido:

– Pensa bem antes de ir por esse caminho, fera.

Não sei se ele se surpreende com minha ameaça ou se é pela cara do João, que parece estar com muita vontade de dar uma lição nele, mas Henrique nos deixa passar e vai falar com seus amigos.

– Nem precisa falar quem era aquele cara. – João segura o copo que estendo para ele. – Ainda bem que vim te ajudar a levar as bebidas.

– É, é ele mesmo. – Começo a duvidar se devia ter aceitado o convite para essa festa.

Pelo jeito que o Henrique fala com seus amigos e olha para nós, sei que ainda não acabou.

Voltamos para o nosso pessoal com as bebidas e ficamos em um canto conversando. Mais tarde, quando a Bia se afasta para ir ao banheiro, vejo a Sophia no meio daquelas pessoas, descendo para a garagem.

Olho para os lados querendo saber se a música mudou ou se é apenas na minha cabeça que ela diminuiu o ritmo.

Solto a respiração devagar, observando-a descer, enquanto sorri para quem encontra. Pela disposição das luzes da festa, ela não consegue me ver, e é melhor assim. Suspeito que eu esteja com a expressão mais bobona do mundo.

Estou prestes a ir até ela, quando Bia volta com os olhos vermelhos.

– Vamos embora? – ela pede, segurando meu braço.

– O que houve? – Pergunto, olhando para atrás dela.

– Nada. Eu só quero ir embora – ela insiste, e sei que está mentindo.

Bruno se inteira do que está acontecendo. Bia olha por cima do ombro e depois para mim, implorando para que deixemos o lugar.

Atrás dela, encostado na parede, Henrique tem um sorrisinho superior no rosto.

– O que ele fez? – Meu tom é duro e Bia se sobressalta, temendo me contar.

– O que está acontecendo, gente? – Leo pergunta. Agora todos os meus amigos percebem que o clima pesou.

– Nada – Bia insiste sem olhar para ele.

A cada segundo fico mais irritado. Quero ir até o Henrique tirar satisfação, mas o olhar de Bia me suplica para que eu não faça nada.

– Ele encostou em você? Machucou você? – Preciso saber. Matheus me contou que, para o Henrique, não existe “não” como resposta. Mas se ele fez algo que a Bia não queria, não vou responder por mim.

– Não. Foram só palavras – ela confessa, porque sabe que não vou desistir assim. – Aqui não é o nosso lugar, Vi. Não é. E ele só deixou claro isso. É um idiota, mas está certo. Nem devíamos ter vindo.

Olho ao redor. Bia tem razão. Destoamos das pessoas aqui, com suas roupas de marca e tecnologia de última geração. Depois da tarde com o Leo e o Matheus, achei que podíamos nos misturar e ser aceitos. Mas a verdade é que os dois são exceção.

Sophia está a dois metros de mim quando me vê, mas Henrique a alcança. Ela o cumprimenta, feliz.

Volto a olhar para Bia, que compreende. Ela pega meu braço e saímos dali.

Não precisamos de nada daquilo.

 Capítulo 12

Rotina é aquela coisa doida que nos faz mergulhar num círculo infinito de tempo e quando percebemos, já se passaram vários dias.

Mais uma vez no ônibus, a caminho da escola, percebo que já tive dois meses de aula. A boa notícia é que realmente somos capazes de nos adaptar a tudo. Evito as festas da turma, mas na escola já sou história antiga. Além do Henrique e sua turma, ninguém mais me olha diferente.

Leo e Matheus se tornaram grandes amigos. Até foram várias vezes ao meu bairro e se aproximaram mais dos meus amigos da antiga escola. Depois daquele pequeno clima ruim inicial, só tivemos bons momentos.

Uns dias depois daquela primeira festa, Bia me contou que o Henrique disse coisas horríveis para ela, perguntou como ela andava com macacos, referindo-se ao Bruno e ao João, que são negros. Ela reagiu e o xingou, mas temeu que suas palavras chegassem aos nossos amigos. João não teria tolerado ser xingado daquela forma, nem mesmo o Bruno, que é um poço de tranquilidade.

Ainda não entendi direito por que ela se afastou do Leo, por quem parecia estar interessada. Nem ele entendeu. Quando os dois se encontram, meio que rola um clininha, e eu ainda acho que vai rolar algo.

Quando a questioneei, sua resposta foi bem simples: “Somos de mundos diferentes e opostos. Eu não vou ser a Julieta de ninguém. Sabemos como essa história termina”.

Eu não soube o que dizer...

Acho que é por causa da minha história e dos sentimentos que a Sophia vem despertando em mim. Acabei fazendo algumas tarefas da escola com ela, o que aproximou bastante a gente, mas não nos encontramos fora de lá e eu não deixei que nada mais crescesse. Quer dizer, eu tento, né? Sentimento é aquela coisa idiota que não costuma muito obedecer à gente.

Em alguns momentos, nas últimas duas semanas, a Sophia pareceu estar correndo e meio transtornada. Tem horas que quero descobrir e tem horas que digo para eu cuidar da minha vida.



Na sala de aula, espero o Matheus chegar. Ele aparece com a cara bem triste. Para alguém sempre sorridente e brincalhão como ele, é bem fácil perceber. Eu acho que já sei o que aconteceu, mas fico preocupado e pergunto:

– Bom dia, cara. Está tudo bem?

– Bom dia. Não está não, mano. Eu e a Carol terminamos de novo.

Em dois meses acho que essa é a terceira vez que isso acontece.

– Relaxa. Logo menos vocês voltam.

– Não... dessa vez é sério. – Seus ombros estão caídos e ele está desolado.

– Você disse isso da última vez, irmão. A gente se conhece há dois meses e mesmo eu não conhecendo a Carol, já sei que vocês vão se casar. – Ele ri um pouco. – Viu? Até você sabe. Não fica triste com isso, não.

– É, talvez você tenha razão.

– Bom dia, meninos! – Sophia chega perfumada como sempre.

Não consigo evitar de reparar em como ela está linda. Aquela camiseta com um brilho azul-esverdeado, que parece mudar de cor, assim como seus olhos, e seus cabelos castanho-escuros que quase chegam à sua cintura me deixam cego.

– Bom dia – Math responde com uma voz triste.

– Matheus, para de drama. A Carol já me contou tudo e eu não dou dois dias pra vocês voltarem.

– Eu aposto em um! – brinco.

Sophia bagunça os cabelos do Matheus, que abaixa a cabeça entre os braços encostados em sua mesa. Ficamos alguns instantes ali até que a professora chega.

– Bom dia a todos. Como vocês sabem, esse é um dos semestres mais importantes do ensino médio. É quando vocês decidirão com o que vão trabalhar pelo resto de suas vidas. Então passarei um trabalho. Vocês devem formar grupos de quatro alunos, e cada um deve entrevistar o pai ou mãe do outro, sobre os seus respectivos empregos. Vocês também devem me entregar um papel onde vão escrever três opções de cursos que pretendem fazer na faculdade no ano que vem. O prazo de entrega é de uma semana.

Quando a professora termina de falar, começa uma bagunça na sala para a formação dos grupos.

Olho para o Matheus ao mesmo tempo que ele olha para mim, fazemos sinal de positivo e com isso já confirmamos a nossa parceria. Agora só faltam dois.

Sophia é logo cercada por suas amigas, pedindo para ela fazer parte do grupo delas. Reparo que contando com a Sophia são cinco garotas, e quando vejo uma delas levanta a mão:

– Professora, nós podemos fazer um grupo com cinco membros?

– Não, no máximo quatro. A sala tem o número exato para fazer esses grupos.

As meninas ficam sem saber o que fazer, até que Sophia olha para trás e me vê sentado com o Matheus, conversando justamente sobre quem mais chamaríamos. Ela então diz para suas amigas:

– Gente, podem fazer o grupo vocês. Eu vou fazer com o Matheus e o Victor.

Elas estranham, mas concordam. Sophia vem até mim e diz:

– Posso acompanhar dois dos três mosqueteiros da escola nesse trabalho?

– Você tem certeza? – Matheus coça a cabeça com a ponta da caneta. – Vi suas amigas chamando você.

– Tenho sim! Uma de nós ia ter que ficar de fora, então resolvi por elas e escolhi ficar com vocês.

– Tranquilo então, mas quem mais vai fazer com a gente? É nessas horas que percebo que as pessoas ainda fogem de mim. – Dou uma leve risada.

– Para com isso. Ninguém foge de você. As pessoas só preferem manter suas panelinhas.

– Justo.

Quando paramos para procurar alguém que esteja aparentemente sem grupo, vejo um garoto loiro muito quieto mexendo no celular e pergunto para ela:

– Quem é aquele?

Tento me lembrar de alguma vez que eu tenha interagido com ele, mas só consigo pensar *nele* no canto *dele*. Toda vez. O máximo de interação que já vi foi ele conversando um pouco com a Sophia antes de as aulas começarem.

– Ah, é o Renan. Desde que descobriram que ele era gay, no final do semestre passado, algumas pessoas idiotas o excluem e tornam a vida dele bem difícil. Vamos chamá-lo?

– Nossa, que babacas! Claro, vamos sim. Ninguém merece ser excluído.

Eu me sinto um pouco mal por não ter percebido isso antes. Mesmo que o garoto pareça viver para se esconder, eu tinha que ter visto e ajudado. Estou tão focado nos treinos e na exclusão que eu mesmo sofro que não percebi alguém sofrendo perto de mim. Para alguém como eu, que sempre colocou os outros em primeiro lugar, isso é imperdoável.

Então, decidido, me aproximo do Renan e digo:

– Ei, cara, quer fazer com a gente?

– Sério? – Ele me olha confuso, como se um convite desses fosse algo impossível de acontecer. – Quero. Obrigado.

– Não tem que agradecer, irmão! Sempre que tiver um trabalho em grupo pode contar com a gente. Sou o Víctor. – Estendo a mão para cumprimentar. – Peço desculpa por não ter me apresentado antes. É que fico pensando que as pessoas sempre vão reagir mal, então procuro ficar na minha.

– Sei como é.

– É, mas olha só... isso quase fez com que nós dois não nos falássemos. – Sorrio, querendo de verdade que ele se sinta à vontade com a gente. Quanto mais pessoas legais na nossa turma, melhor. – Bom, agora chega aí, vamos discutir como faremos o trabalho.

Capítulo 13



Quando o sinal toca, no final da aula, Sophia assume o comportamento estranho dos últimos dias. Ela sai correndo da sala, praticamente sem se despedir.

– Você já reparou como a Sophia corre quando o sinal toca? – pergunto ao Matheus.

Ele franze a testa, pensando antes de responder:

– Olha, agora que você falou, é verdade. Ela começa a ficar doidinha perto de bater o sinal, né? Deve ser TPV.

– TPV?

– Tensão pré-vestibular – ele explica e ri.

Me despeço dos garotos e confirmo o combinado, Matheus e Renan moram perto, então um entrevistará o pai do outro, enquanto eu vou entrevistar a mãe da Sophia, e ela a minha. Acho que o Matheus usou a localização como desculpa para eu fazer o trabalho com a Sophia, mas não vou reclamar.

Vou até o banheiro e vejo a Sophia subindo para o segundo andar da escola, olhando para todos os lados, como se não quisesse ser vista. Está tão focada que nem percebe que estou ali.

Por alguns instantes, fico pensando se devo ou não subir atrás dela, mas a curiosidade fala mais alto e vou. Quando estou chegando no andar de cima, vejo Sophia entrando em uma salinha que eu nunca nem tinha reparado que estava lá. Acho que ninguém nunca reparou, na verdade. Também, essa escola parece um castelo.

Me aproximo da porta e quando abro tenho uma surpresa. Eu não imaginava os motivos para ela estar estranha, mas isso com certeza não tinha passado pela minha cabeça. Sophia estava cuidando escondida de uma cadela amamentando cinco filhotes. Eu a observo por alguns instantes, sem saber o que dizer. Então ela me vê e...

– QUE SUSTO! – ela grita e tenta esconder a cadela. – Não conta pra ninguém, Vi, por favor. Eu encontrei ela na rua e achei que tinha que cuidar, mas não posso levá-la pra casa. Minha mãe me mataria. Olha só, os filhotinhos acabaram de nascer. Não são lindos?

– Desculpa, Sô. Relaxa que não vou contar pra ninguém. Foi tudo bem no parto?

– Eu não sei. Ontem quando vim dar comida pra ela não tinha nenhum filhote. Devem ter nascido durante a noite. Estou com medo de ter acontecido alguma coisa errada.

– Se acalma. Eu trabalhei em uma clínica veterinária. Se não teve nenhum problema, a natureza se vira sozinha. Parece que foi tudo bem, então pode ficar tranquila que deu tudo certo.

– Você trabalhou em uma clínica veterinária? Veterinária é o curso que eu quero prestar no

vestibular.

– Sério? É muito legal! Eu trabalhei durante três meses no ano passado, dando banho nos cães.

– Que demais! Mas, meu, e agora? Se com uma cadela eu já não sabia o que fazer, imagina com cinco filhotes! Estou desesperada. Se pelo menos meu tio não estivesse viajando...

– Você tem vindo aqui todos os dias sozinha? Por que não pediu ajuda pra alguma amiga sua?

– Eu adoro minhas amigas, mas uma sempre conta pra outra e acaba vazando. Achei melhor resolver isso sozinha.

– Bom, agora não está mais sozinha! – Entro e fecho a porta, observando ao redor. Parece ser um depósito, mas pelo tanto de poeira, acho que não é usado faz tempo. – Vou te ajudar a achar um lar pra cada um deles!

– Não precisa se preocupar, Vi.

– Eu quero! Estamos juntos nessa.

– Tem certeza? Muito obrigada, de coração.

– Não precisa agradecer, só me explica uma coisa: como você conseguiu a chave dessa sala?

– Peguei escondida do meu tio, ele é o diretor da escola, lembra?

– Ah, sim. Bom, vamos deixar comida e água aqui. – Quero acariciar a cabeça da mãe, mas ela ainda me olha bem desconfiada. – Preciso ir pro treino, amanhã eu volto.

– Vou com você. Muito obrigada.

– Não precisa agradecer, linda.

Abro a porta do depósito querendo entender por que falei aquele “linda” em voz alta, mas o sorriso da Sophia faz tudo valer a pena.

Capítulo 14

Saio da quadra conversando com o Leo. Passamos pelo Renan, que está sentado em um dos bancos da entrada, lendo um livro. Aquilo que a Sophia me contou sobre o que fazem com ele por ser gay ainda está na minha cabeça. Descobri que ele também é do time. Ele é reserva e joga na mesma posição do Henrique. Como alguém pode ser tão quieto a ponto de ser tornar invisível? Eu me culpo outra vez por não ter reparado nele antes.

Leo se despede, dizendo que não vai almoçar comigo hoje porque tem dentista. Estou bem próximo da saída da escola quando escuto um barulho como se algo estivesse sendo atirado na parede. Olho para o lado, incomodado, e saio em busca do que era aquele som. Não levo nem dois segundos para perceber que não tem algo sendo jogado na parede, e sim alguém. Henrique estava agredindo Renan.

– Agora chega! – Em instantes, puxo o Henrique pela camiseta e o empurro para longe do Renan.

Ele tenta me acertar, mas ergo o braço, bloqueando-o. Renan fica desesperado tentando me tirar de lá. Henrique segue tentando me acertar e errando. Quando ele finalmente acerta um soco no meu ombro, devolvo com um em seu queixo e ele cai.

– Eu vou te matar, seu bandidinho – ele grita enquanto coloco o braço no ombro do Renan e saio com ele da escola. Sem dizer nada. Ele não merece que eu responda.

O inspetor ainda estreita os olhos quando cruzamos o portão. Ah, agora você aparece, né, senhor? Devolvo a encarada e começo a descer a rua.

– Vamos almoçar? – Acho que é a última pergunta que ele esperava ouvir, mas ele assente surpreso, com um sorriso.

– Obrigado pelo que fez. – Ele ruboriza um pouco. Renan é um garoto loiro e magrinho. Até parece ter menos do que seus 17 anos.

– Não precisa agradecer. Ninguém vai te encher enquanto eu estiver aqui. – Queria muito poder dizer nunca, mas sei como os valentões agem.

– Mas e se o Henrique contar pra alguém que você bateu nele? Você não vai perder sua bolsa?

– Ele não vai contar. Sabe que se fizer isso vai ser expulso por te bater e provavelmente processado por homofobia. Pode ficar tranquilo, irmão. Vamos comer algo porque a fome tá osso, aí aproveitamos e conversamos um pouco. – Entro no restaurante e encontro uma mesa.

Enquanto esperamos o pedido, pergunto o que está me incomodando:

– Há quanto tempo isso acontece?

– Há um ano, mais ou menos. Eu não devia ter me assumido na escola. Bem que meus pais me avisaram.

– Você pode se assumir onde quiser. A culpa da estupidez do outro não é sua. E seus pais, como são?

– Ah, eles aceitaram de boa. Minha mãe disse que sempre soube. Meu pai ficou com um pouco de medo das outras pessoas. Não do que pudessem pensar, mas da violência, como aconteceu hoje. Eles disseram que me amam, apesar das minhas escolhas. Ser gay não é exatamente uma escolha, né? Quem escolhe viver sob tanto preconceito o tempo todo? – Seus ombros estão caídos enquanto ele fala.

– Imagino que não seja uma escolha. Mas não quer dizer que você não deva se orgulhar de quem é.

– Eu me orgulho, mas isso não impede os socos.

– Ele chegou te batendo do nada? – Estou com as mãos fechadas, tentando conter a raiva.

– Sim. Ele ouviu o treinador me dizendo que em breve vai me dar uma chance num jogo oficial.

– E te dar uma chance significa que o Henrique vai pro banco.

– Exatamente.

– Ele vai ter que lidar com isso. E quanto a você, vai treinar ainda mais e entrar no time titular.

Ele sorri e a comida chega. Quando voltamos a falar, não toco mais no nome do Henrique. Conto a ele como minha irmãzinha deu uma lição de moral numa amiguinha que disse que azul era cor de menino.

Nós deixamos o tempo passar falando de coisas boas, e me sinto bem por saber que o ajudei. Sei que o que fiz com o Henrique pode ter sido arriscado demais, mas eu não podia ver aquilo sem fazer nada. Farei o que puder para que não aconteça outra vez.



Horas depois chego em casa, bastante cansado. Na oficina, costumo usar regata para trabalhar e não reparei que meu ombro estava roxo até que meu chefe falou sobre aquilo. Resultado do soco do Henrique, mas não contei nada.

Coloco na geladeira algumas compras que fiz com o dinheiro que recebi hoje.

Vou para o banho e deixo a água cair nas minhas mãos enquanto reflito um pouco sobre o dia. Lembro das palavras da minha mãe um tempo atrás sobre existir um motivo para tudo aquilo e eu estar naquela escola. Acredito que ajudar o Renan seja um deles.

Na hora do jantar conto para ela sobre o trabalho e o Renan sofrer bullying. Só não falo dos cachorrinhos e da briga, com receio de ela contar para o diretor, tentando me proteger de problemas.

Ela fica alguns segundos em silêncio, depois diz:

– Sabe, filho, não existe nada que me deixe mais triste do que ver uma pessoa sendo oprimida. É claro que eu não gostaria de vê-lo metido em encrenca, mas criei você e sua irmã para tentarem ajudar esse mundo contra coisas assim. Você já é meu herói, filho. Seja o desse

garoto também.

– Pode ter certeza de que farei o possível pra isso, mãe. Se eu vir ou ficar sabendo de algo, vou reagir. Nem o Renan nem ninguém merece isso.

– Eu sei disso. Nem preciso falar, mas estou orgulhosa.

– Eu também tô! Meu irmão é um herói! Vai salvar o mundo! – diz minha irmã, rindo e vindo me beijar.

– Você vem salvar comigo, pirralha!

– Eu vou! Eu vou!

Ela dá pulinhos e me abraça. Esses momentos não têm preço. Faço qualquer coisa para ver isso todos os dias. Amo essas mulheres.



No dia seguinte, na escola, é como se nada tivesse acontecido. Como imaginei, o Henrique não deve ter comentado com ninguém.

Na sala de aula, combino com meu grupo que dia faremos o trabalho, já que o prazo é quarta-feira que vem. Decidimos que a Sophia irá entrevistar minha mãe no sábado, e eu, a mãe dela no domingo. Só precisamos confirmar os horários.

– Awnnn, tá vendo isso, Renan? O casal já vai conhecer a mãe um do outro! Que fofinho! – Matheus nos provoca.

– Olha como ele está feliz hoje, Sô. Acho que ganhei a aposta! O término do namoro só durou um dia – brinco de volta.

– Ok, vocês estavam certos. E não vamos terminar mais! Podem ter certeza.

– Aham, tá bom – Sophia e eu falamos juntos.

– Awnnnnn, lindos! Casem! – Renan brinca quando o sinal toca.

Sophia e eu nos despedimos dos garotos e vamos escondidos ver como estão os cães. Nós os encontramos dormindo. Colocamos ração e água para a mãe e a observamos amamentar os pequenos. Sophia é muito cuidadosa e conversa com eles enquanto executa suas funções de cuidadora provisória.

– Você é realmente apaixonada por animais, né?

– Amo, é como se neles eu conseguisse ver o amor puro, sabe?

– Sei sim. Ontem você disse que queria fazer veterinária, certo?

– Certo.

– E por que não vai?

– Sabe, Vi – ela senta perto dos cachorros. Eu sento em frente a ela, mas tomando cuidado para não assustar a cadela –, meus pais sempre pagaram as melhores escolas para mim, porque o sonho deles é ter uma filha advogada. Sou filha única e essa pressão fica toda em mim. Aí vou acabar prestando vestibular pra direito mesmo, mas meu sonho sempre foi veterinária.

– Meu, vou ser sincero com você, eu te entendo. Quando me ofereceram a bolsa, eu quase não aceitei. Eu amava minha antiga escola e vim pra cá por causa da minha mãe. Ela vive dizendo que algo bom está pra acontecer comigo nesta escola, que tudo isso tem um “motivo maior”, e acredite, ela sempre acerta. Mas nossos casos são diferentes, porque eu amo jogar futebol. Não parece que você ame ser advogada. Se o seu sonho é ser veterinária, acho mesmo que você tinha que contar pra sua mãe. Se você tentar, vai conseguir! Você é incrível e ela sabe disso, tenho

certeza.

– Nossa... Ninguém nunca tinha me falado coisas assim. Obrigada de verdade! Você que é demais!

– Magina. – Ficamos observando um ao outro por alguns instantes até que meu relógio desperta. Ou seja, é hora do treino.

– Bom, temos que ir, né?

– Temos – concordo, mas na verdade o que eu realmente queria era ficar ali, conversando com ela a tarde toda.



O treino é bem tranquilo. Henrique mal olha na minha cara, o que é normal. Leo e eu ensaiamos algumas jogadas com o Renan. Não é à toa o medo imbecil do Henrique em perder a posição. O menino é bom mesmo.

Mais tarde, quando desço do ônibus na rua atrás de casa, reencontro Bruno, que grita:

– Olha só! Quem é vivo sempre aparece. Como é que você tá, sumido?

– Estou bem, cara. E você?

Imediatamente me sinto um pouco culpado por ter perdido os dois últimos jogos. Fiquei os dois sábados anteriores na oficina. Entrou um trabalho grande e quis juntar um dinheiro.

– Tranquilo. A galera tá chateada sem você lá. Amanhã é o campeonato interclasses.

– Poxa, cara, eu faria o possível pra jogar com vocês, mas...

Ele ergue a mão, me interrompendo.

– O professor disse que se você quisesse poderia jogar pela nossa sala.

– Como assim? Isso vai dar problema.

– Ele disse que tem um esquema de te colocar como aluno extracurricular ou algo assim.

Minha primeira reação é topar. Seria maravilhoso disputar um campeonato com eles outra vez, mas a responsabilidade pega.

– Eu tenho aula, mano, não posso ir.

– Falta na aula só um dia. A galera sente muito sua falta.

– Eu também sinto muita falta de vocês, mas infelizmente eu não posso, irmão.

– Bom, você que sabe. O convite está feito. Eu sei que você vai fazer o que é certo. Te espero lá amanhã.

– Não me faz passar vontade e para com essa chantagem emocional! – Ergo os braços, mas mantenho o sorriso no rosto. – Vou indo. Não posso me atrasar pra oficina hoje.

– Vai lá. Até amanhã – ele brinca mais uma vez.

Eu me afasto dele passando a mão pelos cabelos. A vontade de ir é grande. Espero que eu não faça besteira.

Capítulo 16

Após o jantar, Bruna me pede ajuda na lição de ciências sobre os animais. Eu estava pesquisando com ela na internet algumas raças de cachorro, quando no Google Imagens vejo um cão igualzinho àqueles de que eu e Sophia estamos cuidando na escola. Não consigo conter um leve sorriso ao me lembrar dela.

– Que sorrisinho é esse, hein? Tá apaixonado? Tá, né? Tá namoraaaaando, tá namoraaaaando!

– Que apaixonado o quê! Só achei esse cão fofinho igual a você – falo com voz de bebê e faço cócegas nela.

Nossa mãe nos observa com um sorriso ainda mais bobo do que o meu. Bruna e eu somos tudo o que ela tem, e sabemos disso. Deixo a minha irmã, olho para a minha mãe e pergunto:

– Tá bem, veia?

– Veia é sua mãe!

– Exatamente! – Começo a gargalhar na cama da Bruna.

– Ops! – todos rimos juntos.

– Mãe, aproveitando esse lindo momento de descontração familiar – faço cara de pedinte e ela revira os olhos –, lembra aquele trabalho da escola que eu comentei com você ontem?

– Lembro sim. O que você quer?

– Será que tem como a Sophia vir aqui no sábado pra fazer a entrevista?

– Sophia é a menina por quem você tá apaixonado, né? – Bruna pergunta, pulando em cima de mim. – Montinho!

– Não! Ela é só uma amiga. E eu vou fazer montinho em você também. – Eu a tiro de cima de mim e começo a fazer cócegas na sua barriga.

– Amiga, sei... – Minha mãe cruza os braços, duvidando de mim. – Ela pode vir sim.

– Aí no domingo eu vou entrevistar a mãe dela, ok?

– Tudo bem. Só que isso é meio estranho. Na minha época demorava mais pra conhecer as sogras. – Bruna e ela caem na gargalhada.

– Qual é, mãe? Bom, engraçadinhas, já está tarde. Preciso dormir. Amo vocês.

– Também te amamos, namoradoiro.

Minha mãe sai do quarto e Bruna se prepara para dormir também.

Logo que me deito na cama, as palavras do Bruno voltam aos meus pensamentos. Sinto muita falta de jogar com os moleques da antiga escola. Alguns ainda aparecem nos jogos aos sábados, mas o time completo, não. Acho que não vai fazer mal se eu faltar só um dia. Decidido, mando uma mensagem para o Matheus perguntando se tem algo importante amanhã:

Math: Mano, todo dia tem coisas importantes. Nossa, se minha mãe lesse essa conversa, ia morrer de orgulho.

Victor: hahaha. Ia mesmo, mas é sério. Tem?

Math: Amanhã só vai ter uma aula. O resto vai ser pra debate e não tem tanto problema faltar. Mas vai faltar por quê?

Victor: Tenho que resolver um negócio da minha antiga escola, aí não vou conseguir chegar a tempo. E amanhã é sexta, não tem treino, então é mais tranquilo. Valeu, cara, vou deitar agora, boa noite!

Math: Tranquilo, mano, boa noite!

Está decidido: amanhã vou para a minha antiga escola matar a saudade e ajudar o meu antigo time.

Ansioso para o dia seguinte, fico com um sorriso no rosto, como não tinha há muito tempo.

Capítulo 17



Acordo muito empolgado. Tomo meu café da manhã e sigo meu caminho. Minha antiga escola é perto de casa, então vou andando. Não estou muito seguro quanto a matar aula, mas agora já foi. Tomei a decisão pelo time. Meus amigos precisam de mim e eu disse que sempre seria um deles.

Quando chego, todos enlouquecem. Não estou mais acostumado a que façam festa pra mim. Aqui eu era o mais conhecido e mesmo estando há dois meses e meio fora é como se nunca tivesse saído.

O time e a torcida vão à loucura, e confesso que reparei na cara de preocupação dos caras da outra equipe. Esse realmente é o meu lugar!

O técnico me avisa que vou ter que fazer um projeto na biblioteca da escola para justificar o jeitinho que ele deu de me colocar no time. Bruno e João dizem que não devo me preocupar, porque me ajudarão. É bom mesmo, ou estou lascado, já tenho responsabilidades demais.

Eu me preparo para o jogo junto aos meus colegas de time e recebo minha antiga camisa 10.

Começam os jogos. É um campeonato curto e estamos na fase decisiva. São três jogos. A diferença entre o meu time e os outros é bem grande.

Quando começamos a jogar, a torcida delira. Ganhamos a primeira partida com muita facilidade e somos ovacionados. Como eu estava com saudade disso!

Os dois últimos jogos foram um pouco mais complicados. Levei algumas pancadas, mas não me machuquei. Ainda bem. Ou meu atual técnico me mataria. Ganhamos a terceira partida e levamos a taça.

– Nós não teríamos conseguido sem você! – Bruno me abraça enquanto a torcida grita meu nome.

– Teriam, sim. Mas foi muito bom fazer parte disso outra vez.

Muitas pessoas vêm me cumprimentar. Alguns que eu nem conheço. Muitos me imploram para voltar, mas isso está fora de cogitação. Já errei em ter vindo hoje, mas foi a minha despedida definitiva. Estou me sentindo muito bem, apesar da sensação de culpa e de saber que não vai ser tão tranquilo contar para minha mãe. Eu devia ter falado com ela antes. Por mais que outras mães surtem, é provável que ela me deixasse vir. Mas não posso negar que o sentimento do momento é bom. É inexplicável, como se eu tivesse passado anos fora de casa e do nada tivesse voltado.

Quando vou até a mochila pegar minhas coisas, olho para o meu celular e algo mais que

inesperado está lá: uma mensagem da Sophia.

Sô: Por que vc não veio? Tá tudo bem?

Victor: Tá sim, Sô, eu tive que resolver uma coisa na minha antiga escola. Aconteceu alguma coisa?

Sô: Não, só fiquei preocupada. Vc nunca tinha faltado antes, rs

Victor: Relaaaaxa que amanhã vc vem pra entrevistar minha mãe. Ai já mata essa saudade HAHAAHA

Sô: HAHAAHAHA BOBO. Até amanhã. ☹️

Guardo meu celular e vejo que o Bruno estava atrás de mim, lendo as mensagens:

- Pelo sorriso no seu rosto a mensagem é daquela garota que fez você babar quando chegou na festa, né? Aquela que você disse que era “bem legal”.
 - Nem vou tentar esconder. É ela mesma. Ela é demais, cara.
 - Você não iria conseguir mentir pra mim, irmão. Fala aí, qual é a sua e da “Sô”? – Ele lê como o contato dela está salvo no meu celular.
 - Somos *só* amigos. – Pisco para ele, brincando com a sonoridade do apelido da Sophia e da palavra “só”. – Mano, falando nisso, você não sabe de ninguém que queira adotar uns cãezinhos não?
 - Na verdade, sei sim. Vai ter campanha da adoção aqui na escola mês que vem. Se quiser, traz eles e a gente vê.
 - Tranquilo! Muito obrigado. Tenho que correr pra casa agora, mas a gente fala sobre isso. Vou trazer cinco filhotes e a mãe deles no dia.
 - Beleza. Vai lá! Valeu por vir hoje. Foi muito importante pra geral.
 - Valeu pelo convite. Foi importante demais pra mim também.
- Sigo meu caminho para casa sem conseguir conter a felicidade no meu rosto. Nem se eu quisesse conseguiria disfarçar.



Saio do banho ainda pensando no quão maravilhoso foi esse dia, e que amanhã também promete! Sophia vem aqui em casa e vai ter pagode no bairro. Quem sabe ela não vai querer dar uma passada lá?

Desço as escadas do sobrado e vejo minha mãe sentada no sofá da sala com uma expressão triste. É como se meu ótimo dia não tivesse existido. Se ela está mal, fico mal junto.

- O que foi, mãe?
- Me ligaram da sua escola. – Fico em choque. Imagino que seja algo sobre a briga com o Henrique e a bolsa de estudos. – Me falaram que você não foi à aula hoje, mas eu vi você saindo de casa antes de eu ir pro o trabalho. Pode me explicar o que aconteceu? – Fico um

pouco aliviado, porém ainda chateado. Por mais que eu não tenha perdido muita matéria, sei o quanto é importante para ela essa bolsa. Eu vacilei e não dei valor.

– Me desculpa, mãe. Eu fui à minha antiga escola jogar o interclasses com os moleques. Quando recebi o convite, recusei e não pretendia ir mesmo, mas eles estão chateados por eu ter saído da escola e eu também estou. Como hoje só tinha um debate e minha turma já tinha se apresentado, achei que não teria problema. Agi sem pensar, me desculpa mesmo. Teve alguma consequência séria?

– Na escola não, eles acham que você ficou doente, mas você é bolsista, Victor. Não pode ficar faltando. Você está de castigo! Sophia não pode vir aqui amanhã e nem você pode ir lá domingo!

Minha mãe tem lágrimas nos olhos e está bem chateada. Mas ela nunca foi boa com castigos. Acho que por sermos só nós ela acaba relevando muita coisa. Não que eu apronte também. Sou bem tranquilo, mas dessa vez falhei.

– Mãe, isso não, por favor, é para o meu trabalho da escola. Me deixa de castigo no outro final de semana, mas não faz isso.

– O que você fez foi muito errado. Entendo que mudanças são difíceis, mas matar aula era algo que você nunca poderia ter feito. E você sabe que se tivesse me explicado antes, eu não ia conseguir dizer não. Sei que mudou de escola pra me deixar feliz e não por você mesmo. E ainda consegui barganhar uma bolsa pra sua irmã, coisa que eu nunca teria pensado em pedir. Mas não traia mais minha confiança, Victor. Vou deixar Sophia vir amanhã só porque é pra escola, senão você ia ver!

– Não vou mais te esconder nada. Eu sei de tudo isso. Me desculpa, de verdade, estou muito arrependido. – Respiro aliviado.

– Agora vou preparar algo pra comermos, porque sua irmã está chegando e ela odeia nos ver brigando, mas não pense que eu esqueci. Você ainda ficará de castigo.

– Eu sei disso. Mais uma vez, desculpa. Amo você.

Minha mãe cruza os braços e me olha séria, tentando conter o sorriso.

– Ah, eu estou brava, não deveria responder, mas não consigo. Também te amo, filho. – Dou uma leve risada, sabia que ela não ia resistir.

– Ninguém resiste ao meu charme. – Faço cara de galã e vou para o meu quarto.

Realmente o que fiz hoje foi errado, mas mesmo estando arrependido não consigo conter a felicidade. Arrependido ou não, foi um ótimo dia e sei que não vou repeti-lo.



Acordo tarde. Passei boa parte da noite anterior refletindo sobre tudo o que vem acontecendo na minha vida. Acho que a mente não entende que quando colocamos a cabeça no travesseiro é para dormir, e não para pensar.

Ainda nem me levantei e já consigo escutar os preparativos para o pagode de todo último sábado do mês. Não me lembro quando foi a última vez que faltei. Espero conseguir ir nesse, e com alguém mais que especial.

Escovo meus dentes, tomo um banho e me arrumo. Faltam 15 minutos para dar a hora combinada com a Sophia e está tudo pronto.

Vou para a cozinha e vejo que minha mãe preparou um bolo que eu nem sabia que ela faria. Há um aroma diferente no ar.

– Eita! Pra que tudo isso? – pergunto espantado.

– Não é todo dia que se conhece uma pretendente, linda como a Sophia. Tem esfirras de carne e queijo no forno também.

– Mãe, pra começar ela não é minha pretendente, e, calma, como você sabe que ela é linda?

– Eu adicionei ela no Instagram e ela me adicionou de volta. Já estou apaixonada!

– MÃE! No Instagram não se adiciona, se segue! E, meu, por que você fez isso?

Essas mães com rede sociais... Devia ter uma lei dizendo que você tem que ter menos de 30 anos para poder baixar Instagram e outras redes sociais no seu celular.

– Tanto faz. – A campanha toca. – Olha, deve ser minha norinha. Abre lá, filho.

Ignoro a parte da norinha e vou. Quando saio, tem um cara de terno e gravata abrindo a porta de um Sonata preto. Sophia desce do carro com um sorriso mais encantador do que o normal. O carro já está roubando a cena no meu bairro, mas quando o pessoal que está na rua vê Sophia, fica de queixo caído.

– E aí, Sô, tudo bom?

– Tudo sim, e com você?

– Tudo também. – Abro a porta e aponto para dentro. – Pode entrar e fique à vontade.

– Obrigada. Que casa linda! – ela diz reparando nos enfeites que minha mãe guarda com tanto carinho. – Onde vamos fazer a entrevista?

– O computador fica no meu quarto. Vamos pra lá que minha mãe já deve estar indo.

– Ok.

Quando chegamos ao meu quarto Sophia olha ao redor parecendo estar em outro mundo.

– Tá tudo bem? – pergunto, desconfiado.

– Só estou reparando nos detalhes – ela diz, apontando para os carrinhos de brinquedo que guardo desde pequeno. – Ai, meu Deus, você toca? – ela pergunta pegando meu violão encostado na parede.

– Toco. – Pego o violão de sua mão e começo a dedilhar algumas notas.

– Você nunca falou nada!

– Sou discreto – brinco, apontando para a cadeira para ela sentar. – Esse é um dos meus muitos segredos.

– Ah, é? Quais segredos?

– Jura não contar pra ninguém? É muito importante.

– Juro! Pode falar!

Me aproximo do seu ouvido e cochicho:

– Eu sou o Batman. – Começamos a rir muito e me dou conta de que minha mãe está lá encostada na porta nos observando.

Sophia fica meio envergonhada e diz:

– Você deve ser a dona Silvia, prazer! Eu sou a Sophia, amiga do Victor.

– Nada de “dona”. Pode me chamar de Silvia, *dona* Sophia. – Minha mãe se aproxima, muito amável. – Muito prazer, linda! Ouvi falar muito de você.

– Não ferra, mãe, por favor.

– Vamos começar? – Sophia diz quando para de rir.

Ela está um pouco sem jeito. Minha mãe consegue zoar e ser mais sem noção que o Matheus.

– Vamos.

– Não sei se o Victor te explicou. O trabalho é uma entrevista, e o objetivo é saber quais eram as dúvidas que os nossos pais tinham em relação a suas carreiras. Bom, quando você tinha a nossa idade, qual era seu sonho profissional?

– Na idade de vocês eu sempre quis trabalhar em escola. Adorava a ideia de poder ajudar pessoas em formação. Meu sonho era preparar meus alunos para serem heróis, assim como criei meus filhos – minha mãe responde, com a expressão sonhadora.

Sophia olha para mim e sorri. Sorrio de volta.

– Entendi, e a senhora seguiu esse sonho? Se não, por quê?

– Infelizmente não consegui. Eu era de uma família muito pobre. Estudei em um colégio não muito bom, e como eu tinha que trabalhar pra ajudar em casa não tinha muito tempo pra estudar. Acabei aceitando um emprego aqui, outro ali, pra ajudar minha família. Quando me casei, nossa condição melhorou um pouco, mas meu ex-marido não me deixava estudar. Ele faleceu quando o Victor era bem pequeno. Aí tinha o peso de criar um filho sozinho. Depois veio o pai da Bruna e, bem, eu era a única que trabalhava, então estudar estava fora de cogitação. – Eu fecho a cara. Esse é um assunto que me incomoda muito. Minha mãe nunca precisou de homem nenhum. – Então ele nos deixou, a situação apertou de novo e comecei a trabalhar como diarista. Há um ano e meio estou trabalhando na casa do dono e diretor da escola de vocês – ela encerra a história com uma leve risada.

– Você trabalha na casa do meu tio Gabriel?! – Sophia está impressionada. Ela vive em outra realidade, e embora tenha muitos problemas, não está acostumada com esse tipo de situação.

– Ah, então é por isso que você é familiar. Tem uma foto sua no escritório dele. Foi lá que eu

te vi. Antes do Instagram.

As duas riem e eu balanço a cabeça. Tô perdido.



Quando Sophia acaba a entrevista, tomamos suco e comemos as esfirras e o bolo de cenoura com cobertura de chocolate. Minha mãe, não sei bem o porquê, está muito feliz. Sophia e ela conversam sobre diversos assuntos enquanto eu apenas observo. Parece que elas se conhecem há anos.

Não passo mais constrangimento com a doida da minha mãe expondo meus sentimentos e dou graças a Deus pela Bruna ter ido dormir na casa da minha tia. Se ela estivesse aqui, aí sim eu estaria perdidinho.

O papo após o lanche flui muito bem até que a campainha toca e nos interrompe. É o Bruno.

– E aí, cara? Vamos começar a tocar agora. Você não vem hoje? – ele fala, se referindo ao pagode do bairro.

– Não sei, mano. Vou falar com a minha mãe.

Vou novamente até a cozinha e elas estão conversando como se nada tivesse acontecido. Espero um momento e pergunto:

– Mãe, a Sophia e eu podemos ir ao pagode? Já acabamos o trabalho.

Minha mãe estreita os olhos e me encara. Sei que ela está pensando na aula que matei ontem e avaliando se deve ou não me punir. Estou gelado, mas, por fim, ela diz:

– Você gosta de pagode, Sophia? Se ela quiser, podem sim!

– Gosto sim! – diz Sophia. – Quem não gosta de um bom pagode? Além do mais, daqui a pouco tenho que voltar pra casa, então é melhor aproveitar um pouquinho mais. Muito obrigada pelas esfirras, pelo bolo e pela conversa. Estava tudo maravilhoso.

– Obrigada você, linda! Apareça mais vezes.

– Pode deixar!

– Ah, Victor, não sei se eu te disse, mas você vai lavar toda a louça do jantar sozinho por um mês! – Ela me dá um sorriso vitorioso, finalmente colocando o castigo em prática.

Dou uma gargalhada. Eu sabia que não ia escapar...

– Pode deixar – respondo para ela e me viro para Sophia. – Então, vamos lá? Até mais, mãe. Amo você.

– Aproveitem! Também te amo.

Sophia olha de um para outro maravilhada e sorri para mim, misteriosa.

Capítulo 19

No pagode, o pessoal faz aquela bagunça gostosa e nos recebe muito bem. A maioria cresceu junto no bairro.

Sophia me parece um pouco tímida, mas está se divertindo. Quando nos aproximamos do pessoal que está tocando, vejo o Bruno entre eles, o que me preocupa.

– Fala, Victor! – um dos garotos grita.

– E aí, mano! Essa aqui é a Sophia. – Eu nunca tinha trazido uma garota aqui, ainda mais uma tão maravilhosa quanto ela, então eles se surpreendem ao serem apresentados, mas continuam recebendo-a muito bem. – Vão começar tocando o que hoje?

– Uma homenagem a você... ou a vocês, sei lá. – Bruno brinca, e Sophia e eu ficamos vermelhos. Era isso que me preocupava. – Vamos começar, galera! “Camisa 10!” da Turma do Pagode, letra do Charles André.

Eles começam a tocar e vamos ficando cada vez mais envergonhados, mas tentamos disfarçar e aproveitar a música.

Eu não me separo de você, mulher
Nem se a Globeleza um dia me quiser
Se na Mega-Sena eu vencer
Fico com você, fico com você
Se no Barcelona eu for camisa 10
Me cobrir de ouro da cabeça aos pés
Mesmo assim se isso acontecer
Fico com você, fico com você.”

Sophia e eu nos entreolhamos e, feliz, ela começa a dar uns passinhos do meu lado. Ela reagir tão bem faz com que eu fique menos tenso.

Eles tocam mais algumas músicas e conseguimos sair do foco das atenções. Curtimos um pouco por ali e depois vamos dar uma volta.

– Então você gosta mesmo de pagode? – pergunto caminhando ao seu lado, pela subida íngreme. – Percebi você toda felizona cantando algumas músicas.

– Eu adoro! Tem um primo meu, por parte de pai, que também toca. Quando a família se reúne, ele sempre toca um pouco. – Ela passa a mão sobre seus braços demonstrando estar com frio.

– Toma... – Tiro o meu moletom, estendo a mão e a entrego.

– Não precisa, Vi. Eu deveria ter trazido uma blusa. São Paulo sempre me engana.

– Engana a todos nós, mas, sério, pega. Eu estou bem assim.

Ela veste o moletom, que fica gigante nela.

– Estou parecendo uma rapper! – Ela ri e continuo achando que é a menina mais linda do mundo.

– Manda uma rima aí pra gente! – Começamos a gargalhar quando chegamos ao lugar que eu queria mostrar para ela. – Bom, é aqui que eu venho pra pensar. – Aponto para um banco de onde dá para ver São Paulo inteira, e sentamos.

– Nossa, que lugar lindo! Vou começar a vir também, – ela brinca.

– Só marcar hora. Esse lugar é meu! – Ela dá uma leve risada quando começamos a olhar um para o outro fixamente.

– Obrigada por hoje. Eu não tinha um sábado divertido há tempos.

– Você não tem saído com suas amigas?

– Não, minha mãe me obriga a ficar estudando em casa por causa do vestibular. Ela só deixou eu vir hoje porque era trabalho de escola. Quando eu voltar, vou ter que fazer alguns exercícios da prova do ano passado.

– Putz, que barra. Realmente o vestibular está chegando, mas não vou fazer esse ano. Minha mãe disse que não quer que eu faça enquanto não tiver certeza do que eu quero. E ainda não tenho. Seu tio disse que posso fazer mais um ano de cursinho lá na escola e ajudar o técnico de futebol. Vou tentar isso.

– Eu tenho certeza do que quero, mas não vou fazer. – Ela abaixa a cabeça com uma cara triste.

– Ei, para com isso. Conversa com a sua mãe que ela vai entender. – Levanto a cabeça dela.

– Não vai, mas vamos parar de falar disso. Não quero estragar esse sábado maravilhoso. – Ela puxa as mangas do meu moletom, que cobriam suas mãos, para tirar o cabelo do rosto.

Ficamos alguns instantes em silêncio apenas nos olhando e curtindo a presença um do outro. Eu me perco naqueles lindos olhos que ora parecem azuis, ora verdes, ora uma cor indefinida e maravilhosa.

Começamos a nos aproximar lentamente, quando o celular dela toca e quebra o momento. Nós nos afastamos, ela pega o celular e vê que é sua mãe.

– Melhor eu ir, Vi, ela está preocupada e já é tarde.

– Tudo bem, Sô. Amanhã eu tô lá. Obrigada por hoje.

– Obrigada você! Pelo dia e por me mostrar mais uma vez que a vida não é só estudar.

– Magina, sempre que você precisar estarei aqui.

– Você também pode contar sempre comigo. – Ela sorri e descemos para pegar o táxi. – Até amanhã, Vi.

– Até... – Percebo que ela está indo embora com meu moletom, mas não digo nada.

Maldito celular! Era minha hora! Meu coração estava disparado e eu podia sentir que ela também estava nervosa. Bom, não era para ser naquele momento. Isso não deixa o sábado menos maravilhoso. Amanhã também será.

Capítulo 20



Na manhã seguinte, acordo ainda mais empolgado. Sophia mora na zona sul de São Paulo, que é bem longe de casa. Saio bem antes do combinado para não me atrasar. No caminho, sentado com a cabeça encostada na janela do ônibus, escuto música, observando as gotas de chuva que descem pela janela. Começa a tocar “Camisa 10”, lembro de ontem e abro um sorriso. Foi mágico e estou com muita expectativa sobre hoje.

Chego à porta do condomínio exatamente na hora marcada. Tiro meu fone e, como não me lembro o bloco em que Sophia mora, mando uma mensagem:

Victor: Boa tarde, Sô. Tô aqui na porta já. :)

Sô: Okkk! Estou indo aí.

Coloco novamente o fone enquanto aguardo. Não demora muito e sou abordado pelo porteiro, que me olha da mesma maneira que sou olhado na escola:

– Posso ajudar?

– Boa tarde! Eu não sei qual o bloco em que minha amiga mora, mas ela já está vindo me buscar.

– E sua amiga mora aqui?

– Sim.

– Tem certeza? – Seu olhar cético faz com que eu olhe para as minhas roupas. Será que não me arrumei direito?

Talvez ele esteja estranhando por eu estar aqui parado.

– Acabei de falar com ela. – Mostro o aparelho celular. – Ela já está vindo.

O porteiro entra na cabine sem falar mais nada. Observo os muros gigantes do condomínio. Parece uma fortaleza. Daqui não dá para ver nada lá dentro. Olho para a portaria e vejo Sophia descendo. Ela está vestindo meu moletom e me dá um sorrisinho fofo. Ela faz sinal para eu me aproximar e caminho até ela, mas sou impedido de continuar por um segurança.

– Vai aonde, moleque? – ele me aborda, colocando a mão no meu peito.

– Minha amiga está ali. – Aponto para Sophia, que começa a descer mais rápido. Ele nem olha para ela.

– Que amiga o quê! Você não vai entrar aqui! Tô ligado em você de olho no condomínio há

alguns minutos. – Ele meio que me empurra para eu sair.

– Espera! – Sophia grita.

– Posso ajudar, senhorita? – Ele desfaz a cara de mau no ato.

– Ele é da minha escola e está indo lá pra casa. – Sophia aponta para mim.

– Me desculpe, senhor! – Sua expressão é de choque. – Alguém da portaria disse que havia um elemento estranho na porta do condomínio e saí para ver, mas ele já deve ter ido embora.

– Não tinha mais ninguém aqui comigo.

– Deve ter sido algum engano. Me desculpe, por favor. Pode subir.

– Obrigado. Boa tarde. – Vou em direção à Sophia um pouco apreensivo.

Eu a cumprimento e caminhamos até sua casa. Só consigo ver mansões com jardins gigantes e lindos. Estamos em silêncio até que ela diz:

– Me desculpa por isso. Eles são meio rígidos com quem entra e sai daqui.

– Tudo bem – respondo um pouco mais tranquilo. – Eles sabem que uma ladra de moletom mora aqui?

– Espero que não, né? Imagina se descobrirem o meu segredo. Já basta o Batman saber. – Ela me provoca, depois ri, coloca o capuz e sai correndo. Começo a correr atrás dela, a alcanço e a abraço.

– E aí, está tudo bem com você?

– Estou ótima. E você?

– Estou ótimo. – Quando a solto, ela aponta para a casa mais linda daquele quarteirão e diz:

– É aqui, entre!

– Com licença. – Entro e observo cada lindo detalhe daquela casa que mais parecia uma mansão de filme.

– Minha mãe ainda não chegou. Vamos para o meu quarto esperar.

Chegamos ao quarto e há vários pôsteres do Justin Bieber nas paredes. Seu quarto é lindo. Paredes em tons de rosa, muitos espelhos e fotos suas claramente profissionais, que devem ser de alguns trabalhos como modelo.

– Esse aqui é o quarto da Barbie em tamanho real?

– Não!

Ela me bate com a almofada e me faz esbarrar em um porta-retratos, que cai no chão. Pego, verifico que nada quebrou e digo:

– *Is it too late now to say sorry?* – Ela ri muito, reconhecendo o trequinho da música do Bieber.

– Relaxa, JB, a culpa não foi sua. Minha mãe me mandou uma mensagem dizendo que está chegando. Vamos esperá-la na sala.

– Qual delas? – brinco, já que vi pelo menos três.

– Bobo, vamos lá – ela diz, rindo e apontando para a escada.



Estamos sentados conversando quando a mãe da Sophia chega. Ela aparenta ter mais ou menos 40 anos, mas não tenho muita certeza. Acho que é a pessoa com mais maquiagem que eu já vi.

– Mãe, esse aqui é o Victor! – Sophia nos apresenta e me levanto para cumprimentá-la.

– Prazer, Victor. Ouvi falar muito de você.

Sophia cora um pouco. Pelo visto não é só minha mãe que diz o que não deve.

– Muito prazer, dona Helena! Também ouvi muito sobre a senhora.

– É claro que sim – ela diz bem séria, mantendo a classe.

Fico sem saber o que falar, e Sophia intervém.

– Ele é o melhor jogador do time, mãe. Chegou esse ano para nos salvar!

– Sêrio? Mas e o Henrique? – Ela coloca a mão no peito. Vixe, só faltava ela ser fã número um do cara. – Eu sou uma grande torcedora do time desde quando estudei lá. Henrique é um dos melhores jogadores que já vi.

Aperto os lábios para não dizer que há vários outros melhores, incluindo o Leo e o Renan, mas me contenho.

– Todos do time são ótimos, mãe. É a *equipe* que faz a diferença. Esse ano o modelo de campeonato mudou. São apenas três jogos, mas só as melhores escolas participarão. Nós não íamos participar, mas um dos organizadores foi assistir ao nosso treino e nos convidou – Sophia explica. – Graças ao Victor, mãe, porque no ano passado não conseguimos – ela diz com ar de orgulho enquanto sua mãe chama a empregada, que começa a preparar a mesa da sala de jantar para um lanche.

Eu a cumprimento e me levanto para ajudá-la. Não sei quem está mais surpresa: a mãe ou a empregada. Sophia também começa a ajudar, e parece que um banquete foi preparado para a entrevista.

– Que ótimo! – Dona Helena está um pouco sem saber o que fazer, mas não nos impede de ajudar. – Com certeza vamos aos jogos, e se formos campeões esse ano, a escola ficará muito grata a você. Já fomos os melhores do estado, mas de uns anos pra cá nosso rendimento foi caindo muito.

– Eu que sou grato à escola. A bolsa de estudos que ganhei está me ajudando muito. Não faço mais que minha obrigação de dar 100% em todos os jogos.

– Ah, você é bolsista... – Ela para a frase no meio. – Aline, não precisa trazer tanta coisa assim. – A empregada para no lugar com um prato de bolo. – Essa entrevista é uma coisa rápida, né?

– É sim. – Me sinto muito mal por perceber o que está acontecendo. – Bom, vamos lá, quando você tinha nossa idade, qual era seu sonho?

– Eu sempre fui uma jovem muito decidida. Estudei na mesma escola que vocês. Era de um tio por parte de mãe, antes de o meu irmão comprá-la, há alguns anos. Eu sempre soube que faria faculdade de direito. Meu pai era juiz e fazia todo sentido, além de me proporcionar o estilo de vida que eu queria. Quero o mesmo para Sophia, e por isso ela vai fazer direito também.

Aquela era a única pergunta que eu precisava fazer. Percebi como Sophia ficou após aquele comentário e, apesar de eu estar chateado com a mudança repentina de tratamento, não ia deixar de ajudá-la.

– Entendi. Se seus pais não aprovassem essa escolha, o que você faria? – pergunto sob o olhar espantado da Sophia, que sorri.

– Sophia me disse que era apenas *uma* pergunta. Preciso ir à casa de um cliente agora. Vamos

que eu o deixo na portaria.

– Mas você disse que não tinha mais nada hoje, mãe. Nós nem tomamos café. É domingo!

– Tinha me esquecido desse cliente. Você me conhece. Assuntos importantes surgem de repente. Vamos, garoto? – Ela pegou a bolsa no sofá e as chaves na mesinha.

A situação é claramente um sinal para eu ir embora.

– Vamos. Tchau, Sô. Até amanhã. – Dou um beijo rápido no seu rosto, o que não passa despercebido por sua mãe.

– Até. – Ela está visivelmente triste e envergonhada pela situação.

A empregada nos observa em silêncio e sorri, tentando me confortar, quando me despeço dela. Mas reconheço esse sorriso. Ele reflete a tristeza de saber como me sinto.

Entro no carro e vamos até a portaria sem trocar uma só palavra. Antes de descer do carro, digo:

– Boa tarde, obrigado pela entrevista!

– De nada... – Ela fecha o vidro escuro do carro e cada um de nós vai para um lado.

A música nos meus ouvidos não consegue me distrair. Estou bem chateado. Não entendo o porquê daquele tratamento. Quer dizer, na verdade, entendo, mas não quero acreditar que tudo aquilo foi apenas por uma diferença social.

Estou sentado no ponto de ônibus quando vejo o carro da mãe da Sophia entrando novamente na portaria. Eu devia imaginar que aquele teatro todo foi para me tirar de lá.

Sinto um aperto no peito, uma vergonha que faz meus olhos arderem. Respiro fundo. Sei que não tenho nada do que me envergonhar, mas ela fez com que eu me sentisse como lixo.

Se ontem foi um dos melhores dias da minha vida, hoje com certeza foi um dos piores.



Estou deitado na cama com a luz apagada, quando chega uma mensagem da Sophia no meu celular.

Sô: Me desculpa por hoje. E obrigada por ter tentado ajudar com o lance do vestibular.

Victor: Fica tranquila, Sô, tá tudo bem. Mais cedo ou mais tarde ela vai deixar vc seguir seus sonhos.

Sô: Tomara. Eu sinto muito mesmo pelo que aconteceu, Vi. Minha mãe errou feio.

Victor: Tá tudo bem.

Sô: Que bom. Agora vou dormir, Vi. Só queria me desculpar. Boa noite. Até amanhã.

Victor: A culpa não foi sua e está tudo bem. Boa noite. Até <3

Viro para o outro lado para dormir quando a luz do celular acende mais uma vez. Abro a mensagem da Sophia e é um coração. Mando outro de volta, sorrio e vou dormir.

Capítulo 21



Entro na sala de aula e me sento, esperando os outros. Eu estava começando a me sentir querido aqui, mas ontem, quando uma mulher adulta me tratou daquele jeito, fiquei me sentindo péssimo novamente.

Renan, Matheus e Sophia chegam juntos e vêm conversando sobre o trabalho:

– Bom dia! – Matheus está superanimado, como sempre.

– Bom dia, galera! Como foram as entrevistas de vocês dois? – pergunto para o Matheus e o Renan.

– Foi da hora! Demais, mesmo! O pai do Renan é muito engraçado e minha mãe amou ele.

– Foi mesmo – Renan completa –, a Carol nos ajudou bastante também.

– Ela fez toda sua parte de novo, né, Math? – Sophia faz cara de brava.

– Claro que não! Ela só ajudou a montar e a fazer a entrevista.

– Vulgo... sua parte – brinco.

– Ah, pombinhos, parem, por favor! Vão ficar se defendendo agora – Matheus nos provoca. – Como foram as entrevistas de vocês?

– Foram ótimas! – digo sem pensar, não quero que ninguém saiba sobre o que aconteceu ontem.

– Foram mesmo. Teve até pagode no sábado. – Sophia batuca na mesa.

– Tá vendo isso, Renan? O casal sai pro pagode enquanto você e eu ficamos fazendo trabalho.

– Eu e a Carol, né? – Renan também entra na brincadeira.

– Até você!? Judas! – Matheus finge uma punhalada no peito.

– Estou brincando, Math. Você ajudou bastante. O som do videogame no fundo foi fundamental.

Todos rimos e o Matheus segue se fingindo de ofendido. A professora chega, entregamos o trabalho e nos preparamos para mais uma aula.



Quando a aula acaba, Sophia e eu vamos rapidamente para a sala onde estão os cães. As segundas-feiras são os piores dias, porque fica uma bagunça acumulada do fim de semana.

– Meu tio precisa chegar logo da viagem. Ele vai ajudar a gente com certeza. A sorte é que os

cachorrinhos são bonzinhos e esse andar está fechado para reforma. Ainda bem que ainda não nos descobriram. – Ela abre um saco de lixo e joga várias folhas de jornal sujas.

– Meu! Esqueci de te contar. Vai ter uma feira de adoção de animais na minha antiga escola. Conversei com o Bruno e ele disse que posso levar todos.

– Que demais! – Ela amarra o saco e coloca em um canto. – Quando vai ser?

– No mês que vem.

– Perfeito! – Ela joga um pouco de desinfetante no chão. – Dá o tempo certinho para os filhotes não precisarem mais ser amamentados. Eu pesquisei e são 45 dias.

– Olha, que demais, futura veterinária. – Abasteço o pote de ração enquanto ela troca a água sorrindo, mas sem comentar nada.

Terminamos de arrumar tudo e nos sentamos um pouco para fazer companhia para eles.

– Eu sempre quis um cão, mas minha mãe nunca deixou. – Sophia acaricia um dos filhotes.

– Eu tive um quando era menor, mas ele morreu atropelado. – A lembrança é bem ruim e fecho os olhos por um momento. – Depois fiquei sem coragem de ter outro.

– Sinto muito.

– Recentemente venho pensando em pegar um para a minha irmãzinha, mas estudar, trabalhar e treinar está tomando todo meu tempo.

– Você trabalha?

– Faço uns consertos em uma oficina perto de casa para ajudar com algumas contas, mas nada de contar para sua BFF, quer dizer, minha mãe. – Empurro seu braço de leve.

– BFF mesmo, até nos seguimos no Instagram. – Ela abre o perfil da minha mãe e me mostra uma foto minha de quando era bebê. – Falando nisso, que fofinho você era! Por que você cresceu, meu?

– Fecha essa foto! – Pego o celular da sua mão. – Eu cresci e fiquei melhor, ok? As minas piram!

– Ah, piram? Sei, sei. Tá se achando muito gatão. – Ela se faz de brava.

– Ah, linda, *you know you love me, I know you care* – disse, imitando o Justin Bieber.

– Parece que você é mais fã dele do que eu, né? – Ela levanta a sobrancelha fazendo cara de desconfiada.

– Fazer o quê? O cara manda muito! – Fingi um ataque de histeria, depois olho para o relógio, surpreso pela hora. – Bom, já deu por hoje. Tenho que ir para o treino. Sábado começa o campeonato.

– Vamos, Justin. – Sua expressão fica tensa. – Você está bem mesmo, né?

– Estou. – Sei que ela se refere ao que aconteceu com sua mãe.

Sorrio e me sinto um pouco mal por não ser um sorriso sincero. Não, não estou bem. Não tenho como estar. Mas não sei se ela entenderia de verdade o que senti ou o quanto o que sua mãe fez me feriu. Eu sei que ela entende que foi errado e que jamais trataria alguém desse jeito, mas Sophia nunca esteve desse lado da história. Ela nunca perdeu nada ou foi condenada. Ela nunca se sentiu um lixo por ser quem é. E, pior, nunca se sentiu assim mesmo sabendo que não merecia.

Por isso, por mais que eu quisesse falar sobre o que aconteceu, acho melhor guardar para mim. É a mãe dela, afinal de contas.

Saímos de fininho para não sermos vistos. As coisas entre nós estão ficando cada dia

melhores. Ela me faz bem apenas por estar perto e estou gostando muito disso.



Após o treino, saio conversando com o Renan. Desde o incidente, faço questão de sair todos os dias com ele para evitar que algo parecido aconteça de novo. Hoje foi o último treino antes do início do campeonato. Estou escalado como titular e me deram a camisa 10. Essa é uma das camisas mais lindas com que já joguei. É preta, com apenas o escudo na frente e o número em vermelho. A pressão do número é enorme, afinal todos estão falando que fui chamado para ser o herói do time.

Esse campeonato é muito difícil. São apenas três jogos, e só os melhores se classificam. E nós estamos entre eles. Nosso time é bom e está muito bem entrosado, a não ser pelo Henrique, que prefere jogar a bola para fora da quadra a ter que passá-la para mim.

Estou muito otimista e é com esse pensamento que tomo meu rumo. Na volta para casa, encontro o Bruno.

– E aí, cara?

– E aí, mano. Tranquilo? – Estendo a mão.

– Tudo certo. E com você? – Ele a aperta.

– Suave. O campeonato começa nesse sábado. O jogo não vai ser muito longe, caso você e a galera queiram ir.

– Claro que vamos, mano! Não é porque você saiu da escola que vamos deixar de te apoiar. Você nos apoiou quando precisamos. Até matou aula, né?

– Valeu mesmo, cara. Me deram a camisa 10. Estão contando muito comigo. – Passo a mão pelos cabelos, sentindo o peso da responsabilidade. – Estou bem nervoso e vai ser bom ter vocês lá.

– Relaxa, mano! Você é o melhor. Vai deitar em cima deles.

– Valeu, irmão! Agora preciso ir. Hoje tenho bastante trabalho na oficina.

– Vai lá, cara. Até sábado!

– Até, irmão!

Vou ter bastante apoio nesse primeiro jogo. Não só a galera antiga, mas com certeza quase toda a escola vai. Eles levam muito a sério o esporte.

Tenho certeza de que fiz a minha parte, agora vamos que vamos!



É hoje! O frio na barriga está me matando. Termino de pegar minhas coisas e colocar na mochila. Eu sempre jogo como se fosse a última partida e a sensação é de como se minha vida dependesse disso.

Conforme me aproximo da escola, consigo escutar as torcidas. Estou me sentindo um jogador profissional. Vou para o vestiário fazer minha concentração e pouco a pouco o resto do time vai chegando.

Faltam 30 minutos para o início do jogo. Meu coração começa a bater no ritmo do grito da torcida. Tento me tranquilizar em meio a mil pensamentos quando chega o técnico para a última conversa:

– Galera, esse é nosso primeiro jogo e tenho certeza de que vamos começar com o pé direito. A maioria conhece o campeonato, mas pra quem não conhece aqui está o banho de água fria: se perdermos, já era. Sei que vocês têm potencial para ganhar, então deem o melhor de vocês. O capitão é o Leo. Vocês devem segui-lo dentro de quadra. Não discutam com o juiz e nada de brigas. Acho que é só isso, bom jogo, time!

Vamos para a quadra. Quando entramos, a torcida vai à loucura. Na arquibancada, vejo o Bruno, o João e a Bia, sentados ao lado da minha mãe e da minha irmã. Matheus estava logo em seguida. Um pouco mais afastadas estão a Sophia e sua mãe.

Quando nossos olhares se encontram, Sophia não consegue conter a felicidade. Ela abre um sorriso enorme e acena. Sorrio de volta e começo meu aquecimento junto ao Leo.

O juiz manda o time se organizar na quadra para começarmos. Antes de entrarmos, formamos a roda com apenas os jogadores e o Leo diz:

– Para muitos esse é o último campeonato! É o último ano, galera. Vamos dar o nosso máximo e passar por cima de todos que vierem! – Colocamos nossas mãos no centro da roda.

– 1,2,3... VITÓRIA! – o time grita, a torcida nos ovaciona e entramos em quadra.

O juiz autoriza e começa o jogo. O time adversário é muito rápido em todas as jogadas e chega para machucar. Assim que domino a primeira bola vem um jogador para me derrubar. Eu o driblo e toco a bola para o Leo, que me devolve o passe. Eu chuto e o goleiro defende. Isso é o bastante para a torcida se agitar mais ainda. Ela canta diversos gritos de guerra para motivar o time.

Domino mais uma bola e dessa vez levo uma pancada. Caio no chão com dor e não consigo me levantar logo. Os jogadores do meu time vão para cima do cara que fez a falta, mas Leo separa.

Eu me levanto para a cobrança da falta. Combino uma jogada com o Leo e o restante do time entende. É exatamente o que ensaiamos. Leo cobra a falta, tocando para mim, que devolvo com

apenas um toque para ele, que por sua vez dribla um jogador e devolve para mim. Em menos de um segundo, bato no canto rasteiro do goleiro e... GOL!

A torcida começa a gritar meu nome enquanto aponto para minha mãe, dedicando o gol a ela.

O jogo continua pesado e muito agressivo entre as equipes. Quando o primeiro tempo se encerra, o técnico dá mais algumas orientações e diz para mantermos o ritmo.

Voltamos para o segundo tempo da mesma forma, até que o Henrique derruba um jogador dentro da área e é expulso. É pênalti para o outro time, que não perde a oportunidade e marca um gol.

Balanço a cabeça e olho para o alto, tentando entender como ele pôde ter sido tão idiota. Nosso técnico pede tempo e dá uma dura no Henrique.

O retorno ao jogo não é fácil. Após o gol, começamos a ser dominados pelo adversário até o momento em que dou uma arrancada e driblo dois jogadores. Um terceiro me dá um pontapé, tentando me derrubar, mas eu não caio. Salto sobre seu pé, chuto e marco o segundo gol.

Todos comemoram eufóricos, menos o Henrique, que está sentado no banco de reservas. Parece que sua rivalidade comigo é mais importante para ele do que a vitória do time.

O jogo continua difícil nos minutos finais, mas quando o juiz apita, olho para o alto, dessa vez agradecendo. Conseguimos a vitória por 2 x 1 e estamos classificados para as semifinais.

A torcida enlouquece e grita meu nome sem parar. Vejo a expressão de orgulho dos meus amigos e da minha família. Sou parabenizado pelo restante do time, e assim que recebe a autorização da mãe, Sophia corre para dentro da quadra para comemorar comigo.

Em meio à bagunça, Matheus me cutuca e me mostra que o Henrique viu Sophia comemorando comigo:

– Isso vai deixar ele mais irritado ainda, mas esquece isso hoje. Vamos comemorar, Neymar!

– Com certeza!

Chamo Bruno, Bia e João, que começam a conversar animadamente com Leo e Math. Bia e Sophia ainda não se conhecem pessoalmente, então as apresento.

– Acho bom cuidar bem dele, viu? – Bia avisa antes que eu possa impedi-la. – O Victor é o melhor cara que eu conheço e merece alguém que reconheça isso.

– Bia, para – tento interceder.

– Fica quieto, Victor, sou sua melhor amiga. – Bia me ignora. Não tem jeito, essa aí vai me defender até a morte. Da mesma forma como eu faria com ela. – Você parece ser uma garota legal. Não abusa da sorte. Caras como o Victor não aparecem todos os dias. – Bia dá uma olhadinha para Leo e vira as costas, indo conversar com João.

Minha amiga tem um pé atrás com Sophia. Bia foi a única pessoa para quem contei sobre o que aconteceu com a mãe da Sophia, e ela não consegue esquecer, muito menos perdoar. Por mais que eu diga que a culpa não foi da Sophia, ela insiste que a Sô tinha que ter me defendido.

O problema é que a Sophia não consegue nem *se* defender da mãe, quanto mais os outros. Acho que ela nem enxerga tudo o que a mãe faz.

– Desculpa por isso, Sô. A Bia é superprotetora. – Acaricio o braço da Sophia, que mantém o sorriso no rosto.

– Está tudo bem – ela garante, encostando a cabeça no meu ombro por uns segundos. – É bom que você tenha amigos que o defendam.

– Defender? – Bruno se intromete. – Uma vez uma menina com quem eu estava namorando

ficou com outro cara. A gente precisou segurar a Bia ou ia rolar sangue. A gente se protege mesmo, Sophia. Não esquentar, não.

Como um raio, Bruna corre e pula no meu colo.

– Já contou pra ela sobre sua namoradinha? – Matheus espera Sophia se afastar um pouco.

– A mamãe me contou! – Ela está toda feliz por termos ganhado.

– Só vocês mesmo, viu? – Dou risada.

– Victor, vamos lá. O treinador tá chamando a gente. – Leo dá um toque no meu ombro e anda até o treinador.

– Vamos! Até mais, galera. Valeu o apoio!

Se felicidade brilhasse, as pessoas não conseguiriam olhar para mim.

Que demais!

Capítulo 23



Na segunda-feira após o jogo, as coisas estão diferentes na escola. Os alunos me olham cheios de admiração e os comentários são diferentes daqueles que me machucaram bastante um dia. São coisas tipo “Você viu a jogada dele?” ou “Ele nos salvou”.

Confesso que fico um pouco sem jeito com tudo isso. Nada se compara à competitividade que há nesta escola. Os jogos são levados a sério em outras escolas, mas aqui é caso de vida ou morte.

Na sala de aula, a comemoração continua. Eles me cumprimentam e saúdam entusiasmados. Quando me aproximo, Sophia está concentrada em um livro de química.

– Bom dia! Tudo bom?

– Bom dia! – Ela olha rápido das folhas para mim. – Tudo sim. Quer dizer, mais ou menos. Tô nervosa. As provas começam quarta.

– PUTZ! – Sim, eu tinha me esquecido das provas. – Eu não estudei nada.

– Estudou pra quê? – Matheus se junta a nós.

– Pelo menos não sou o único. – Eu o abraço.

– Único o quê, cara? Não tô entendendo nada.

– As provas, Matheus! – Sophia diz indignada.

– O que tem elas?

– COMEÇAM QUARTA! – Sophia se irrita.

– Eita, calma, linda. Já entendi. Relaxa, viu, Victor. Desde o quinto ano ela é assim. É só falar “prova” que ela começa a surtar.

– Eu não surto. – Ela fecha a cara, praticamente entrando dentro do livro.

– Bom, e agora? Eu também não me lembrei, Matheus. – Estou preocupado. Com os treinos dobrados, os cachorros e o trabalho na oficina, me esqueci completamente do básico: preciso estudar.

– Tamo ferrado, mas tamo junto! – ele diz, estendendo a mão para eu tocar.

Eu toco e rimos juntos, enquanto Sophia continua irritada.

Depois de debatermos por vários minutos, Sophia decide nos ajudar a estudar após o meu treino.

Agora minha agenda vai ficar ainda mais apertada, mas vamos em frente.



Quando a aula acaba, Sophia e eu corremos para ver como os cães estão. Combinamos de nos encontrar com o Matheus na biblioteca para estudar, assim que meu treino acabar. Então terei que correr aqui, no treino, no estudo e depois ver se consigo pegar alguns consertos ainda hoje. Resumindo: vai ser louco.

Enquanto limpamos a sujeira dos cães, Sophia me pergunta:

– Como está a sua mãe?

– Tá bem, por quê?

– Nada. É que gostei muito dela e queria saber. Algo me diz que ainda esse ano ela vai conseguir realizar o sonho dela.

– De trabalhar em escola? Esse ano é complicado, Sô. Já estamos em outubro e o ano letivo está acabando. – Eu pego um dos cachorrinhos e faço carinho em sua barriga. – No ano que vem, quero que ela comece um curso que a ajude a trabalhar com o que ama de verdade. Não vou deixá-la mais interromper seus sonhos. Mas por que você acha isso?

– Ah, sei lá. – Ela faz mistério. – Eu tô sentindo e meu sexto sentido nunca falha.

– Então você tem superpoderes?

– Mas é claro! Você achou que ia salvar o mundo sozinho, Batman?

– Eu trabalho sozinho – falo imitando a voz do Batman.

– Então tá. Termina de limpar tudo aí! – Ela finge que vai sair do depósito.

– Não, calma. Ok, o mundo é bem grande, dá pra gente dividir. – Estendo a mão para ela apertar. – Parceiros?

– Parceiros. – Quando ela estende a mão, eu lhe entrego um pano. – Ajuda aí, parceira.

– Estamos quites! – ela diz depois de uma risadinha.

Quando terminamos o trabalho, saímos de fininho como sempre e cada um segue seu caminho. Fico pensando, e sem entender direito, no que ela disse sobre minha mãe. Essa garota tem muitos mistérios.



Desde que entrei nesta escola, todos me pareciam muito seguros e autossuficientes, mas tudo se mostrou diferente na semana de provas. Vi muita gente desesperada. Teve até choro no meio da prova. Ouvi muitas conversas nos corredores de alunos que estavam com o mesmo problema que Sophia. Queriam fazer um curso, mas os pais queriam que fizessem outro.

Não é à toa que essa é uma das melhores escolas de São Paulo e com o índice mais alto de aprovação no vestibular. As provas que fizemos eram mais difíceis que os vestibulares.

Preciso dizer que fiquei muito assustado com tudo isso. Todos estão uma pilha de nervos, ainda mais agora que as notas estão sendo entregues. Muitos estão ficando envergonhados. O professor fala a nota de cada um na frente da sala toda e alguns alunos estão se sentindo expostos. Também teve choro no meio da divulgação das notas.

Quando recebo as minhas, fico preocupado. Eu me encontrei três vezes por semana, depois do treino, para estudar com a Sophia, o Matheus e o Renan, além do Leo e da Carol, que são do outro terceiro ano. Até o Henrique apareceu um dos dias, mas ficou apenas cinco minutos. Senti que ele queria apenas ver como a Sophia e eu estamos.

Minhas notas não foram ruins, mas poderiam e *deveriam* ter sido melhores. Acho que o trabalho está me atrapalhando. Eu poderia ter estudado mais se não passasse tanto tempo na oficina.

O sinal toca e não há a mesma euforia de sempre. Poucos alunos foram bem. A grande maioria sai cabisbaixa. Sophia e eu nos olhamos e entendemos o recado: é hora de ir para o depósito dos cães.

Quando chegamos, pergunto:

– Como você tá?

– Eu tô bem. – Ela nem disfarça a mentira.

– Sô, você não sabe mentir. Pode desabafar.

– Pois é... Eu nunca soube. – Ela se rende, triste. – Eu não tô bem, não. Minha mãe vai me matar quando vir isso. – Ela me mostra sua nota.

Não entendo bem a reação, já que considero a nota muito boa.

– Mas você foi superbem, Sô! Melhor que a grande maioria da sala.

– Mas não é o bastante para passar na faculdade de direito que minha mãe quer. Ela vai me matar, ainda mais depois da conversa de ontem.

– O que vocês conversaram ontem? – pergunto, notando que a cada dia os bichinhos fazem

mais sujeira e temos mais trabalho.

– Eu joguei a possibilidade de fazer veterinária no ar e ela surtou. Acabamos brigando. – Ela abaixa a cabeça.

– Putz, que barra. Mas o que ela falou? – Passo a mão pelo seu cabelo.

– Ela jogou tudo na minha cara. Disse que tudo o que tenho é por causa do dinheiro que ela e meu pai ganharam com o direito e que eu não vou jogar isso no lixo só para seguir um sonho de criança que não vai me levar a lugar algum. Disse também que não vou conseguir dar nada para meus filhos se fizer isso, e mais um monte de coisas que eu não quero nem lembrar. – Ela está desolada. Seus olhos brilham como se fosse começar a chorar.

Fico sem ter outra reação a não ser puxá-la e abraçá-la. Eu já tive muitas brigas com a minha mãe, mas nunca houve nada desse tipo. Percebo que Sophia começa a chorar. Levanto seu rosto, olho no fundo dos seus olhos e digo:

– Ei, linda, não chora. Vai ficar tudo bem, eu tô aqui. Eu sei que já disse isso, mas você é uma garota sensacional e sua mãe sabe disso. Tenho certeza de que ela disse todas essas coisas da boca pra fora.

– Não é só por isso, Vi. É muita pressão que colocam em mim. Não só em mim, né? Em todos nós. Mas eu não sei lidar com isso como você. Eu te vejo jogando. Meu, você é tão seguro. Eu queria muito ser assim. Sem contar que tô muito confusa com tudo isso. – Abro um leve sorriso, porque sei do que se trata. – E agora, além de triste, eu tô brava comigo mesma. Sempre faço isso. Odeio chorar na frente dos outros.

– Eu não sou tão seguro quanto pareço, só não deixo transparecer o medo. Quando minha irmã nasceu e o pai dela foi embora, eu tive que assumir responsabilidades como se eu fosse um homem formado. Minha mãe foi contra isso, mas eu sentia que era o meu dever. Ela precisava de ajuda e não tínhamos mais ninguém, então ela não pôde me impedir de ajudar. Isso me deu uma maturidade muito grande. Tem até uma frase do seriado *Arrow* com que me identifico muito: “Eu não posso me dar ao luxo de cair em pedaços. Todo mundo olha para mim para lidar com as coisas, tomar decisões. Todo mundo espera pela minha liderança. Se eu desmontar, ninguém vai conseguir”. No começo era só com a minha família, mas depois comecei a levar isso para a vida. – Nos olhamos por alguns segundos em silêncio até que volto a falar. – Mas eu também estou confuso com tudo isso. Aconteceu muito rápido.

– Aconteceu mesmo – não precisamos dizer que é sobre nossos sentimentos que falamos. Algumas coisas não precisam ser ditas–, mas uma vez me falaram que quando é pra ser é assim mesmo. A gente não entende, só sente.

– Tenho certeza disso.

Nós nos olhamos por mais alguns instantes até que nos aproximamos e nos beijamos.

Nunca senti o que estou sentindo agora. Não é pelo beijo. É por *ela*. Por beijar alguém por quem eu realmente tenho sentimentos. Como eu disse, tudo aconteceu rápido demais. Eu a vi e soube que seria importante na minha vida. É assustador. Mas não acho que devemos tentar entender tudo. Tenho uma sensação diferente no peito. É quente, é reconfortante. É um beijo com gosto de felicidade.

Quando paramos de nos beijar, continuamos abraçados por um tempo até que ela olha para mim e diz:

– Obrigada.

– Pelo quê? – Estamos muito próximos e a diferença de altura está nítida. Isso só torna mais linda a *minha pequena*.

– Por ter aparecido na época em que eu mais precisava e por ser você.

– Eu que agradeço. Acho que descobri o que minha mãe tanto fala. O “motivo maior” de eu ter vindo para essa escola.

– Sua mãe é demais. Eu tenho certeza de que foi por isso. Eu precisava de você, senhor Oliver Queen.

– Ah, mentira que você assiste? – Mal posso conter minha empolgação. – Você tá ficando cada dia melhor!

– Também tenho meus segredos. – Ela sorri.

– Tô louco para descobrir. – Sorrio de volta e saímos do depósito.

Hoje não vou conseguir pensar em mais nada, apesar de ter que mostrar minhas notas para minha mãe. Como dizia o mestre Chorão: “Hoje ninguém vai estragar meu dia, só vou gastar energia para beijar sua boca”.



Entro em casa ainda sem acreditar no que aconteceu. Ainda não caiu a ficha que beijei a Sophia. Nunca me senti assim. Acho que pela primeira vez estou realmente apaixonado.

Na oficina, com a cabeça nas nuvens, derrubei graxa na roupa toda, quando fui trocar uma peça.

A felicidade gigantesca diminui um pouco quando lembro que preciso mostrar minhas notas para a minha mãe.

– Mãe, saíram as notas... – falo com um tom de tristeza.

Ela nunca ficou muito brava com esse lance de nota, mas nessa escola tudo pode ser diferente.

– E como você foi, filho?

– Eu não fui mal – entrego o boletim –, mas não sei se é o suficiente.

– Em algumas matérias você atingiu a nota mínima para continuar com a bolsa. Agora, em geografia e física, não. Estou um pouco preocupada, mas vai dar tudo certo. Vou falar com o Gabriel. – Ela se refere ao tio da Sophia, dono e diretor da escola. – Ele sempre nos ajuda. Ele me deu um bom aumento no mês passado. Acho que se eu explicar que você tirou essas notas porque se divide entre o treino e o trabalho, ele vai entender.

– Que trabalho?! – Eu me sento tão rápido que quase derrubo a cadeira. Fico em choque, não fazia a menor ideia de que ela sabia.

– O seu, né? Menino, você acha que eu sou uma mãe relapsa e não conheço o filho que tenho? – Dou um sorrisinho sem graça. – Ou será que você pensa que eu acho que brota na geladeira comida que eu não comprei? O dinheiro que eu deixo pra você fazer o mercado não dá pra todas as coisas que você compra. – Ela cruza os braços e balança a perna. É um tique nervoso que ela tem.

– Desculpa, mãe. – Eu me rendo logo, afinal fui pego.

– Pelo quê? Por querer que sua irmã e eu tenhamos o melhor possível? – Ela se senta ao meu lado e bagunça meus cabelos como faz desde que me entendo por gente. – Eu entendo o que fez e permiti porque precisava. – Ela cora, envergonhada, e me sinto mal por ela.

– Mãe, é minha obrigação. Não se sinta mal por isso.

– Não, filho. É *minha* obrigação.

– Somos uma família?

– Sim. – Sua expressão melhora, entendendo o que vou dizer.

– Então é *nossa* obrigação. Eu não me arrependo de nada. Mesmo que eu perca a bolsa.

Não vou mentir... Se eu perder a bolsa agora, pela primeira vez acho que ficarei triste. Bem quando estou me entendendo com a Sophia... Mas fiz o que fiz por minha família, e se esse for o preço, vou pagar sorrindo.

– Você não vai perder a bolsa. Você precisava ver como os olhos do Gabriel brilharam quando ele viu seu vídeo pela primeira vez. Vou explicar e ele vai entender. Mas há uma condição.

– Qual?

– Vai ter que largar o emprego pelo menos até as férias de verão.

– Ah, mãe!

– “Ah, mãe”, nada. Você sempre quer ser o herói e eu amo isso, afinal te criei assim, mas pense no seu futuro. Se você focar nos estudos, seu futuro será muito melhor. Acabei de te dizer que recebi um aumento. É muito maior que o valor que você tira se matando na oficina em cada tempinho livre que tem. – Ela fica séria outra vez. – Vamos priorizar as coisas, filho. Primeiro os estudos. Já tem o treino, a escola, seus amigos e a Sophia. Vai ter que fazer uma pausa no trabalho. Só por agora, tá bem?

– Tá bom, mãe. – Ela me abraça, feliz. Faço a pergunta que está me deixando curioso. – Mas por que o Gabriel te deu esse aumento do nada?

– Porque eu estava fazendo um bom trabalho. – É tudo o que ela diz, e pelo modo como se levanta e começa a preparar o jantar, não vai dizer mais nada. – Fica tranquilo, filho, vai ficar tudo bem.

Percebendo que ela não vai mais falar sobre o que quero saber, digo o que estou sentindo e espero conseguir.

– Eu juro que nós vamos melhorar de vida. Vou fazer de tudo por isso. – Minha voz embarga e fico contendo o choro.

– *Nós* vamos fazer. Somos uma família, lembra? Ninguém está sozinho aqui. Tenho certeza de que vamos conquistar muitas coisas lindas. Fica tranquilo, tá? Eu te amo!

– Eu também te amo, rainha.

– E eu amo muito vocês! – Bruna entra na cozinha e pula em cima de mim, quase fazendo minha cadeira tombar.

Ver minha mãe triste e se sentindo culpada me fez pensar muito. Às vezes nós queremos tanto ajudar que não percebemos que acabamos nos prejudicando.

O trabalho ajudava em casa, mas não era grande coisa. Se eu focasse e valorizasse a oportunidade que era tão importante para a minha mãe, teria a chance de conquistar muito mais para a nossa família. Ela estava muito orgulhosa e cheia de expectativas comigo nessa escola e eu não podia arriscar perder essa oportunidade.



Perto da hora de dormir, estou deitado na cama e não consigo parar de pensar na Sophia. Toco em meus lábios ainda sem acreditar. Nossa, como estou bobão. Rio em silêncio. Ainda bem que a Bruna já dormiu, ou me faria mil perguntas.

Eu já gostei de outras garotas antes, mas com ela é... sei lá, diferente. Fico me perguntando se

ela está pensando em mim tanto quanto estou pensando nela e também se ficaremos juntos amanhã. Será que foi algo de uma vez só? E se eu estiver viajando? Meu Deus, minha cabeça está a milhão.

Pego o celular para tentar me distrair. Quando abro meu WhatsApp, Matheus manda uma mensagem no grupo.

Math: Voltei com a Carol, rapaziada!

Leo: Você tinha terminado?

Victor: Você tinha terminado?

Math: Nossa, ótimos amigos vocês, viu? 🍷. Vou mudar o nome do grupo, enjoei desse.

Math alterou o nome do grupo para "Os Três Mosqueteiros"

Victor: Realmente, muito melhor. Eu sou o Athos!

Leo: Ok ok kkkk

Math: Não sei quem eu sou. Algum deles vive com problemas com a namorada? hahaha.
Vivia, né? Porque agora voltamos e chega de terminar.

Leo: KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK

Victor: HAHAAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA

Math: Seus trouxas! E como está o quase casal mais lindo de São Paulo?

Leo: É, Vi, fala pra gente. O Math disse que vocês so-
mem todo dia depois da aula e eu só te vejo no treino.
#qtaconteseno

Eu fico sem saber o que responder. Logo hoje eles decidem me fazer essas perguntas. Vou ter que dar um jeito de enrolá-los.

Victor: Pra onde a Sophia vai eu não sei, mas eu vou estudar na biblioteca.

Leo: Victor, eu vou estudar na biblioteca todos os dias e nunca te vi lá.

Victor: Eu fico nas salas de estudo individual.

Math: Aham, tá bom. Eu não tô com paciência para mentirinhas de namoro escondido. Logo a gente descobre. Vou deitar, Boa noite!

Leo: Também já vou. Boa noite.

Victor: Boa noite, gente. Até amanhã!

Ainda bem que o Matheus dorme mais que tudo. Não é hora de contar para eles, afinal ainda não sei nem se tem o que contar. Não sei o que eu sou da Sophia. A única coisa de que tenho certeza é que amanhã é a semifinal do campeonato e eu não consigo pensar em nada além dela.

Capítulo 26



Acordo com a lembrança do sonho que tive com a Sophia. No sonho, ela estava assistindo ao jogo, eu fazia três gols e dedicava o último discretamente para ela. Vamos focar para tornar isso realidade hoje!

No ônibus da equipe, a caminho da escola onde jogaremos, apenas duas coisas passam pela minha cabeça: Sophia e ganhar o campeonato.

Estou menos nervoso do que na primeira partida, afinal, se perdermos, estaremos eliminados, mas se ganharmos, estaremos na final. Fato que não acontece há muitos anos. Henrique está suspenso dessa vez, e Renan deve jogar.

Mais uma vez o ginásio está lotado. O treinador adversário aponta para mim enquanto fala com o time, provavelmente eles me conhecem. Olho para, arquibancada procurando a Sophia e a vejo ao lado do Henrique, o que me deixa um pouco incomodado. Volto minha atenção para o treinador, que nos orienta.

Minutos antes de a partida começar, vou até o vestiário que fica atrás da arquibancada, pois tinha esquecido minha caneleira. Assim que saio, alguém pula nas minhas costas. Eu me viro assustado e não consigo conter o sorriso. É Sophia. Ela está linda como sempre.

– Bom jogo, Neymar!

– Caramba, Neymar, Justin Bieber, Oliver Queen! Tô podendo, hein? – Sorrimos juntos.

– Bobo! Bom jogo, você vai arrasar. – Ela se aproxima e nos beijamos por alguns instantes até que ouço uma chamada dizendo que faltam três minutos para o jogo começar.

– Eu sempre arraso – brinco.

– Você tá se achando muito, hein!? – Ela finge estar brava.

– Obrigado por estar aqui. Seu apoio é importante demais.

– Eu sempre vou estar aqui. Agora vai lá que estão te esperando.

Eu me afasto devagar até que viro para trás e mando um beijo. Agora sim sigo muito mais motivado.



– Por que demorou, cara? – Leo pergunta.

– Não tava achando a caneleira.

Leo olha ao redor, observa a arquibancada, vê Sophia se sentando e diz:

– Ah, já entendi. Agora vamos jogar.

– Hora do show!

O jogo começa e o time adversário está muito nervoso. Rapidamente Leo pega a bola e passa para o Renan, que manda para mim e eu marco um gol, para o delírio da torcida. Sem perder tempo, roubo a bola e toco para o Renan, que marca outro. Que golaço!

Corro para comemorar com ele e vejo claramente que o Henrique fecha a cara. Terminamos o primeiro tempo com dois gols de vantagem. O jogo está muito mais fácil que o primeiro.

No intervalo, o treinador diz para administrarmos o resultado com calma, mas eu quero marcar gol e tornar o meu sonho da noite anterior realidade.

Entramos em quadra para o segundo tempo, e o outro time está com alguns jogadores novos. Quando o jogo recomeça, parece que está bem mais difícil do que o primeiro tempo. Rapidamente eles marcam um gol, e a torcida deles, que está em maior número, delira.

Meu time se abala um pouco, mas Leo grita palavras de concentração e incentivo. Em seguida, ele arranca com a bola e sofre uma falta. Todos os jogadores olham para mim e fazem sinal para eu chutar.

Na cobrança da falta, Renan toca para mim e eu chuto quase do meio da quadra, no ângulo direito, e marco! A torcida comemora como nunca e o jogo passa a ficar mais pesado. Eles tentam nos bater o tempo todo e eu encontro muita dificuldade para marcar outro gol.

Leo toca para o Renan, que está na área, pronto para chutar, quando o jogador adversário faz uma falta dura. Renan se machuca e tem que ser substituído.

Vou para a cobrança de pênalti e, exatamente como no meu sonho, corro para bola e marco. É inacreditável! Vou para a torcida e aponto discretamente para Sophia. O jogo termina e nos classificamos para as finais com um ótimo placar de 4 x 1.



Após o jogo, Leo, Math, Carol e eu vamos ao cinema para comemorar a classificação para as finais. Chamamos a Sophia, mas a mãe dela não deixou. Depois do filme, Math não consegue se conter e brinca:

– Muito obrigado por esse rolê de casal. Vocês são os melhores amigos que eu poderia ter!

– Cala a boca, Math – Leo e eu falamos juntos.

– Se você contasse o que tá rolando entre você e a Sophia pra gente, eu não ia ficar zoando.

– É, Vi, a Sophia tá estranha também. Conta pra gente, por favor! – Carol faz coro com o namorado.

– Pra começar, você me zoa de qualquer jeito, Math.

– Justo. – Math dá de ombros.

– E não tá rolando nada entre a gente. É sério.

– Você mente pior que ela, Victor. – Carol revira os olhos. – Awn... vocês têm tanto em comum.

Todos rimos e logo mudo de assunto. Não é hora de contar nada para ninguém. Sophia e eu nem conversamos sobre isso e, se alguém tem que contar, que ela fale primeiro.



Quando chego em casa, minha mãe e minha irmã estão se preparando para dormir. Desejo uma boa noite de sono para elas e me sento na beirada da cama. Começo a pensar em como minha vida mudou nos últimos meses.

Na escola, já me sinto em casa e sei que os meninos e a Sophia são os responsáveis por isso. Se alguém me contasse tudo o que ia acontecer quando eu mudasse de escola, nunca acreditaria.

Os outros alunos me olham como sou: mais um deles. E o sentimento me faz bem. Ser excluído me matava aos poucos, mesmo sabendo que não preciso ser aceito para ser feliz.

Agora está tudo se encaixando e espero que continue assim.

Capítulo 27



- Bom dia! Qual o motivo para tanta risada nessa segunda-feira chuvosa? – pergunto para Sophia, Matheus e Renan ao chegar à sala de aula.
- O Math estava dizendo pra gente sobre ontem e comentando que você e o Leo precisam de namoradas – conta Renan.
- Apresenta algumas amigas suas pra eles, Sô – Matheus completa. Pela cara dele, sei que é provocação, mas Sophia não parece se dar conta disso.
- É... Apresento. – Sophia gagueja e dou um leve sorriso.
- Ok, ok, já entendemos. Não precisa se explicar. – Matheus consegue deixá-la vermelha.
- Só vocês, viu. – Eu me sento quando vejo que a professora chegou.



- Meu, como vamos tirar esses cães daqui? – Sophia pergunta.
- A situação está insustentável. Pelo menos a feira é no próximo final de semana.
- Eu estava pensando nisso ontem. Tive uma ideia, mas você teria que ficar até depois do treino, que é quando a escola está mais vazia.
 - Eu fico! Amo futebol. Quando era mais nova eu até jogava!
 - Sério? Quando eu acho que você não pode melhorar... – Eu me aproximo e a beijo.
 - Muito sério! É um dos meus muitos segredos.
 - Estou adorando descobri-los – digo isso me aproximando e a beijando de novo.
- Nenhum de nós precisa falar nada. Sabemos o que temos. Nossa conexão foi forte desde o primeiro dia, mas agora está mais do que isso. É mágica.
- Nos últimos dias, muitas vezes fiquei pensando no porquê de ela me tirar o ar, me fazer sorrir ou me arrepiar com um simples sorriso.
- Quando nos conhecemos, ela chamou minha atenção, mas achei que era por nunca ter visto uma garota tão linda, porém conforme fui conhecendo a Sophia, mais queria estar perto dela. Vi que não tinha nada a ver com sua aparência física. Seu interior era ainda mais bonito que seu exterior.
- Estamos muito próximos e ela está na ponta dos pés para tentar ficar da minha altura. Dizemos tudo que o outro precisa ouvir, em silêncio, apenas com o olhar.
- O ensino médio é uma loucura. É quando começamos a nos descobrir e tentamos ajudar uns

aos outros para que façam o mesmo. O destino me trouxe para a vida de Sophia e a trouxe para a minha, porque ele sabia que precisávamos um do outro.

– Não sei o que seria de mim sem você hoje... – Sophia diz exatamente o que eu estava pensando, deixando ainda mais evidente nossa incrível conexão.

– Eu também não sei o que seria de mim sem você. Só consigo agradecer por você ter entrado na minha vida.

– Era pra ser. – Ela mexe no cabelo e sorri, como sempre.

– Com certeza. – Beijo seu rosto e volto a arrumar a bagunça dos cães, fazendo uma careta enquanto ela expira rendendo-se à arrumação também.

Combinamos que na sexta-feira vamos levar os cães. Teremos que ir com as nossas bolsas vazias e sair rapidamente da escola. Na saída, vamos transportá-los em caixas de papelão com furos, para que respirem, e os levaremos para onde estão os demais cães que serão doados na feira.



Pego uma chuva pesada no caminho de casa. O trânsito está um inferno.

Ao entrar em casa, encontro minha mãe e minha irmã sentadas na sala. Bruna está justamente implorando para que minha mãe a deixe ter um cachorrinho.

– Vai ter uma feira de adoção no sábado, vamos?

– Sim! Sim! Sim! – Bruna pula sem parar.

– Não vamos, não. – minha mãe intercede. – Eu não tenho tempo de cuidar de um cachorro. O Gabriel tem dois e sei o trabalho que dá.

– Eu cuido! – Bruna implora. – E o Victor me ajuda.

– Não ajudo, não – provoco minha irmã, que me olha com cara de brava. – Eita, ok, ajudo sim! Dá uma chance pra ela, mãe. Vamos à feira e você mesma escolhe o cãozinho.

– Eu vou pensar – minha mãe diz, mas sabemos que isso significa que temos um “sim” se aproximando.

– Aeee! Vou ganhar um amiguinho, vou ganhar um amiguinho! – Bruna sai girando pela sala.

– Eu disse que vou pensar! – Minha mãe dá um leve sorriso.

– Você sabe que vai fazer bem para ela. – Eu me sento ao seu lado. – Pode confiar que iremos cuidar.

– Tudo bem, no sábado vamos lá ver.

E cumprindo a minha promessa de não esconder nada dela, conto da cachorrinha que a Sophia tirou da rua e que depois acabou tendo filhotes.

– Ai, filho. E se isso der problema pra você? – Como eu esperava, ela se preocupa.

– A Sophia é sobrinha do diretor, mãe. Ela ia fazer tudo sozinha. Eu tinha que ajudá-la. Você mesmo fala que o Gabriel é um cara sensato, e pelo pouco que o conheci, deu pra sentir isso também. Vai dar tudo certo.

– É, vamos torcer, né? Mas foi bom que você me falou. Assim, se algo acontecer, eu seguro a bronca.

– Obrigado. – Dou um beijo na sua testa. – Vou tomar banho. Te amo, mãe.

– Também te amo, filho. Mas me diz uma coisa: e essa cara de apaixonado?

- Até você, mãe?
- Eu sei desde que ela veio aqui.
- Pois é... Vamos ver, né? Boa noite, mãe. – Dou um sorriso e subo para o banheiro. Será que eu estou deixando meus sentimentos tão evidentes assim?

Depois do banho, entro no meu quarto e troco algumas mensagens com Sophia. Não falamos sobre nada de mais, mas só o fato de estarmos conversando me faz sorrir. É, estou apaixonado mesmo...



Estou vivendo a melhor semana do ano até agora. Passo todas as tardes com Sophia. Nosso entrosamento é tão grande que parece que crescemos juntos. O assunto não acaba nunca.

Os dias estão tão bons que a sexta-feira chega voando.

– Ô, mister sorriso 2016 – Matheus brinca, interrompendo meus pensamentos. Até acho bom, porque preciso fazer o exercício. – Podemos saber por que toda essa felicidade?

– Nós só vivemos uma vez, então vamos viver felizes. – Pego nos ombros da Sophia, que está sentada de costas para mim.

– Pelo jeito, estamos de vela, hein, Matheus? – Renan ameaça se mudar de lugar.

– Bobo. – Sophia o puxa de volta.

– Viu? Até no sorriso vocês são iguais. – Renan se senta outra vez.

– Deixa eu avisar a Carol pra ir atrás de um vestido, porque um certo casalzinho vai casar. – Matheus pega o celular e finge mandar uma mensagem para ela.

– Imagino que todos tenham terminado os exercícios. – A professora se aproxima de nós e cada um dá uma desculpa diferente.



Na hora do lanche seguimos nessa alegria. O grupo entrosado e feliz. Depois da aula, vamos todos para o ginásio. Sophia se senta na arquibancada, enquanto eu e Leo vamos para o vestiário nos trocar.

– O Henrique faltou? – pergunto para o Leo, já que o Henrique é da sala dele.

– Ele não faltou. Que estranho ele não estar aqui. Desde que foi expulso e o Renan jogou bem, ele não falta em nenhum treino com medo de perder a posição.

– Estranho mesmo. Sophia queria ver ele também – digo não muito empolgado. Mas o cara é amigo dela, então fazer o quê?

– Ela não sabe de tudo que ele faz, né? – Leo pergunta.

– Nem imagina.

– Por que você não fala?

– Eles são amigos. Apesar de ele falar pra todo mundo que eles já ficaram e inventar muita coisa, ela nem imagina isso também. Talvez se eu contasse, ela acreditaria. Mas não sei... Não se mexe em amizade antiga. Pode parecer que eu tô com ciúme. Sei lá, como diz o ditado, a

verdade sempre aparece.

– Realmente. Vamos treinar que a gente ganha mais.

– Partiu!



O treino termina e eu enrolo no vestiário até que todos vão embora. Sophia já deve estar me esperando com os cães prontos. Vou até o depósito onde escondemos os cães e está tudo milimetricamente arrumado, como se nada nunca tivesse acontecido ali.

– Perfeccionista, também? – pergunto, surpreso.

– Melhor deixar tudo como estava. Se bem que tinha muito mais poeira antes. – Ela abre uma das mochilas. – Nesta aqui vou colocar a mãe. Aí você coloca os filhotes divididos entre estas duas. Deixei uma caixa grande pronta atrás do estacionamento.

– Ok, capitã!

Organizamos os cães e saímos como se nada estivesse acontecendo. Tudo parece ocorrer como o combinado, mas estou um pouco nervoso.

Quando vejo que a maioria dos alunos já foi embora, sinto um pouco de alívio. Passamos por alguns professores e ficamos apreensivos, mas felizmente eles não nos notam.

Estamos quase chegando na saída da escola, quando Henrique vem até nós.

– Oi, Sô! E aí, Victor? – Ele é o mais cínico possível.

– Oiê, Henry. Tudo bem? – Sophia parece um pouco nervosa.

– Tudo. Eu tô com um pouco de pressa agora. Mais tarde falo com vocês. – Ele segue pelos corredores.

A presença dele me incomoda bastante. Algo me diz que ele está tramando alguma coisa. Espero que minha intuição esteja errada.

Estamos a um metro da saída da escola, quando ouvimos a voz da coordenadora:

– Onde vocês pensam que vão?

– Embora, ué. Acabei de sair do treino e a Sophia vai me ajudar a estudar física. – Ainda bem que sou bom em pensar rápido.

– Venham até aqui. – Fico em choque, e nos aproximamos dela. – Abram essas mochilas.

– Por que, Hellen? É só nosso material. – Sophia começa a tremer.

– Então abra! Agora!

– Abre logo, Victor. – Escuto a voz do Henrique e o vejo com um sorriso sarcástico no rosto. Sem alternativa, eu obedeço.

– O que significa isso? – A coordenadora coloca as mãos na cintura. – Bem que o Henrique me avisou que vocês estavam aprontando. Isso vai prejudicar seriamente a sua situação, Victor. E suas notas não estão lá essas coisas. Pelas normas da escola, sua bolsa de estudos está comprometida.

– Por que você fez isso, Henry? – Sophia pergunta, chocada.

– Eu só queria ajudar. Um dia, vi aonde vocês iam. Não dava pra cuidar deles sozinhos, então pedi ajuda pra coordenadora. – A expressão dele mostra um arrependimento falso.

– Ah, não... Poxa, Henrique. – Sophia está triste, mas não parece estar brava com ele.

– Desculpa, Sô. Eu juro que não foi por mal. Vou tentar resolver isso agora. – Ele continua

com o teatrinho, e ela cai.

– Eu sei. Tudo bem.

– TUDO BEM!? – explodo. Uma coisa é ela não ver o que ele faz por não estar presente. Outra é ele mentir na cara e ela acreditar. – Sophia, ele tá fazendo isso pra me ferrar! Desde o primeiro dia de aula ele só quer ver meu mal!

– Não, Vi. Foi sem querer mesmo – Sophia o defende, e por trás dela Henrique me lança um sorriso vitorioso. – Mas não se preocupe, vou falar com meu tio e...

– Para de ser cega! – Não consigo conter a revolta. Esse moleque não vai sossegar até me ferrar. – Se ele quisesse ajudar, teria oferecido ajuda, não feito isso. – Aponto para o Henrique, revoltado. – Eu vou mostrar pra todo mundo quem você é, Henrique. Você vai ver!

– Vai ver o quê? – Reconheço a voz da mãe de Sophia. Fecho os olhos e respiro, tentando me conter.

Olho para trás e vejo que minha mãe também está entrando.

– Você chamou nossas mães!? – Não consigo acreditar.

– Viu, Sophia? Bem que o Henrique me falou que esse moleque era uma péssima influência para você. Antes dele você nunca teve problemas na escola, sem falar daquelas notas vergonhosas. Esse moleque nem devia estar aqui.

– Eu tenho nome! E não fala besteira porque as notas dela são ótimas – defendo Sophia sem pensar.

– Como você ousa falar assim comigo, moleque? – A mãe de Sophia está indignada.

– Está chamando quem de moleque? – minha mãe interrompe, soltando fogo pelos olhos. – Fala direito com o meu filho.

– Já vi de onde veio toda a falta de educação dele. Filho de peixe peixinho é. – Ela mede minha mãe da cabeça aos pés.

– Não fala assim com ela! – Meu tom de voz sai alterado. – Desce do salto, mulher!

– Victor! Não fala assim com a minha mãe – Sophia intervém.

– Você não tá vendo o que tá acontecendo aqui? – Abaixo o tom para falar com Sophia, mas a cada minuto fico mais nervoso. – Henrique armou tudo isso e ainda falou mal de mim pra sua mãe! Pra sua mãe, Sophia! Você não quer ver a verdade!

– Para de viajar, Victor, ele quis ajudar. – Sophia se irrita.

– O que está acontecendo aqui? – Gabriel entra na escola apressado.

Todos olhamos surpresos, afinal, só esperávamos o seu retorno na segunda-feira. Apenas minha mãe não se surpreende, o que me faz pensar que foi *ela* quem o chamou.

– Esse moleque está levando minha filha para o mau caminho. – A mãe de Sophia volta a me atacar. – Você está perdendo a mão ao aceitar qualquer um nessa escola. – Sophia abre a boca para criticar a mãe, mas perde a coragem. Isso me machuca muito. – Vamos embora, filha. Acho que seu tio vai tomar as devidas providências.

Sophia deixa os cães, sem saber o que fazer. Ela quer falar comigo, mas segue a mãe e Henrique, que novamente me provoca com o olhar.

Estou destruído.

– Por favor, coloque os cães em caixas de papelão, Hellen. – O diretor diz em um tom brando. – Vamos para minha sala. – Ele olha para mim e minha mãe.

Nós entramos na sala do diretor e nos sentamos. Estou transtornado e sem acreditar em tudo

que aconteceu.

– Deus, ainda bem que me ligou, Silvia. – Ele sorri para a minha mãe. – Olha, Victor. Não pense que por eu estar ausente da escola não acompanho você e os outros alunos. É óbvio que eu sabia desses cachorros. O andar está em reforma. Não é porque vocês iam até lá no horário de almoço do pessoal da obra que vocês são invisíveis. – Arregalo os olhos. Mais uma vez achei que estava fazendo algo escondido e um adulto estava ciente. Ele me mostra uma foto dos cachorrinhos no seu celular. – A Hellen não sabia. Ela tem rinite alérgica, foge daquele andar e, quando eu soube o que minha sobrinha estava fazendo, dei graças a Deus. Na verdade não é nada de mais. – Ele levanta as palmas das mãos para cima. – O problema maior são as suas notas, mas sua mãe me explicou que você estava trabalhando. Aí não tem como dar conta de tudo, não é mesmo? Bom, estamos conversados, certo? Pode levar os cachorrinhos para doação, como a Silvia disse que fariam. Se eu já não tivesse dois, ficaria com um. E não se preocupe com a minha irmã. Ela não tem o direito de tratar as pessoas daquele modo. Você é um rapaz excelente. Quem somos é muito mais do que o que temos e de onde viemos, Victor. Continuo acreditando que você tem um futuro brilhante.

Depois de tudo o que ouvi lá fora, não consigo acreditar que foi tão simples assim. Não sei nem o que dizer.

– Obrigada, Gabriel. Eu sabia que você entenderia. Eles não fizeram nada por mal. – Minha mãe só falta vomitar arco-íris.

Olho de um para o outro, estreitando os olhos. Não sei se já estou nervoso com o que passei, mas não estou gostando muito disso, não, apesar de ser favorável para o meu lado.

– Não foi nada, Silvia. – Ele mexe em uns papéis, parecendo ler algo. – Mais uma coisa. Há algum tempo Sophia comentou comigo que você tem o sonho de trabalhar em escola. Ela descobriu isso naquele projeto de entrevistas. Bom, surgiu uma vaga aqui e eu queria saber se é do seu interesse. Não é exatamente o que você queria, mas o salário seria maior do que pago lá para casa e eu podia acrescentar um curso ao pagamento. Assim você iniciaria sua jornada naquilo que ama.

Eu não consigo acreditar no que estou vendo. Minha mãe sorri, sem palavras. O diretor está interessado nela! Então, tudo o que ele fez por nós tinha um motivo?

De repente, falo sem pensar.

– Eu agradeço o que fez por mim e pela oportunidade, mas preciso deixar claro que você não pode nos comprar.

– Victor! Onde já se viu falar assim? – Ela diz brava e envergonhada. – Me desculpe, Gabriel, depois continuamos essa conversa. – Ela se despede com a cabeça. – E quanto a você, Victor, vamos conversar sério em casa.

Fico em silêncio e saímos da sala. Seguimos o caminho para casa sem trocar uma palavra.

Estou sem chão. Estava tudo bem, se encaixando... até o idiota do Henrique aparecer e se intrometer no meu relacionamento com a Sophia. Eu realmente não entendo por que existem pessoas assim.

Mas o pior de tudo é a mãe dela. Ela me odeia. E não é por algo que fiz ou por quem sou. É pelo que eu *não* tenho. Me mata saber que alguém pode me odiar por isso, sem que eu tenha a chance de mostrar que sou bom, sem que eu tenha alguma chance.

Para ela, sou um bandido e nada mais.

Capítulo 29



Deitado na cama, não consigo parar de pensar nos acontecimentos de hoje. Estou muito chateado. Ainda nem tive a tal conversa que minha mãe disse que teríamos. Ela saiu para resolver umas coisas e está me dando um tempo, e eu realmente preciso.

Envio uma mensagem no grupo do Leo e do Math contando tudo desde o início.

Math: Eu não acredito que ele fez isso. Agora esse moleque passou dos limites! Eu vou pra cima.

Victor: Isso só vai piorar as coisas. Depois do que eu fiz na sala do diretor, talvez eu até seja expulso. Tô com medo. E me desculpem não ter contado sobre mim e a Sophia antes, mas é que a gente estava mantendo só entre a gente mesmo.

Math: A Carol já tinha me contado, cara, fica tranquilo. Você não precisava contar.

Leo: Relaxa, Vi. O diretor não vai te expulsar. Ele entende que você estava transtornado. E, Math, sério, bater no Henrique só vai piorar as coisas.

Math: E você quer fazer o quê? Alguma ideia? Porque eu não vou deixar isso barato.

Victor: Eu também queria acertar a cara dele de novo, mas não é o melhor caminho.

Math: De novo?

Leo: De novo?

Victor: Uma vez eu peguei ele batendo no Renan e não consegui me segurar.

Math: NO RENAN? DE NOVO AQUELA MERDA POR ELE SER GAY? VOCÊS PODEM FALAR O QUE QUISEREM, MAS EU VOU MATAR ESSE MOLEQUE!

Leo: Por que você nunca contou isso pra gente, mano?

Victor: Era assunto do Renan, gente. Não cabia a mim contar. E tinha a Sophia no meio.

Leo: Você gosta mesmo dela, né?

Victor: Como nunca gostei de ninguém, mas agora eu perdi. Já mandei 4 mensagens pra ela e fui ignorado em todas.

Math: Ela tá sendo muito idiota em acreditar no Henrique e ceder à pressão da mãe dela.

Victor: Fazer o quê? Galera, eu vou tentar dormir. Toda essa história me deu muita dor de cabeça. Boa noite.

Leo: Boa noite, cara, tenta relaxar.

Math: Boa noite. Fica bem.

Apago a luz e coloco meu celular na mesa ao lado. Tento dormir em meio a mil pensamentos. Rolo de um lado para o outro e nada. Mas o momento que eu temia chega quando minha mãe entra no quarto, acende a luz, senta na beira da minha cama e diz:

– Filho...

– Fala, mãe. Cadê a Bru?

– Eu a deixei na sua avó depois de levar os cachorrinhos à sua antiga escola. – Aceno com a cabeça. Tomei um susto quando me lembrei que havia deixado os bichinhos lá na escola, depois de todo esse tempo cuidando deles. – Está tudo bem?

– Não. – Eu me sento, para conversarmos melhor. – Desculpa ter saído da sala daquele jeito. Você não merece, mas é que eu não sei o que fazer.

– Filho, as coisas vão se encaixar. – Ela dá dois tapinhas no meu joelho, como fazia quando eu era pequeno e tinha medo de ir ao banheiro à noite. – Tudo que vai volta. Essa história não vai ficar assim, eu te garanto.

– Eu fui expulso?

– Claro que não. – Ela balança a mão. – O Gabriel quer nos ajudar. Seu comportamento não foi bom, e sua acusação muito menos, mas depois que se desculpar com ele, isso se resolverá também. Eu aceitei o emprego.

– Você aceitou!? Ah, mãe, não sei. Eu tô meio preocupado que ele esteja a fim de você, sei lá... Não que isso seja errado, você merece alguém, né? Mas vai que ele só fez o que fez por isso.

– Filho – ela dá um longo suspiro, daqueles que dizem “haja paciência” –, o Gabriel é gay e mora com seu companheiro desde antes de eu começar a trabalhar lá.

– Sêrio? Você nunca falou nada.

– Mas por que isso seria da sua conta? – Ela cruza os braços. – Ele é superdiscreto e não tenho que falar da vida pessoal de ninguém.

– Meu Deus, eu só faço merda! – Cubro o rosto com as mãos, bem chateado. – Me desculpa, por favor.

– Tá tudo bem, ele entendeu. Como eu te disse, você tem que se desculpar, mas fica tranquilo. Quanto ao que aconteceu com a mãe da Sophia... – Sua expressão se fecha. – Olha, você sabe que eu odeio violência e sempre oriento sobre isso, mas que vontade de dar na cara dessa mulher!

– Ela é difícil, mãe. Não sei o que fazer.

– Bom, o primeiro é o que você já fez. Não admita ser menosprezado por ela nem por ninguém. Eu espero que você e a Sophia encontrem um modo de superar tudo isso. Sobre aquele garoto, o Henrique, há um ditado que eu não me lembro bem, mas que significa que nada fica escondido por muito tempo. Tenho certeza de que a Sophia e todos vão ver quem ele é.

– Espero que você esteja certa.

– E quando foi que estive errada? – ela pergunta, bagunçando meus cabelos e me dando um beijo na testa. – Fica tranquilo. Agora eu vou dormir. Te amo muito, tá?

– Eu também te amo, mãe. Mais uma vez desculpe e obrigado.

– Já passou. – Ela pisca, apaga a luz e fecha a porta.

Eu acho incrível como essa mulher consegue fazer as coisas melhorarem apenas com palavras. Eu ainda estou muito mal. Acredito nela e que tudo vai ficar bem, mas o momento é triste e não posso fingir que não é.

Sofrimento não tem botão de liga e desliga. Infelizmente.

Capítulo 30



Na segunda-feira, ao entrar na sala do diretor, eu me sinto como aquele aluno novo de meses atrás.

– Bom dia, Victor – ele cumprimenta, apontando a cadeira em frente à sua mesa. – Sente-se.

– Me desculpe. – Mal encosto na cadeira e já começo a falar. – Fui um idiota superprotetor. Eu sei que você só quer ajudar a gente, mas...

– Isso é estranho – ele completa, compreensivo.

– Muito... – Confesso o que está dando um nó na minha cabeça.

Ele me observa em silêncio. Entrelaça os dedos e apoia o queixo nas mãos.

– Que mundo triste este em que um garoto pensa que todos que lhe oferecem algo bom estão esperando receber outra coisa em troca. – Sua voz é pausada. Parece que ele quer que eu reflita sobre tudo, e está conseguindo. – É que sempre foi assim, não é mesmo?

– Sim – digo aquilo que não costumo compartilhar com ninguém. – Já vi minha mãe ser enganada tantas vezes que quando você se aproximou, pareceu que ia acontecer de novo.

– Sabe, eu sei de você e sua irmã desde que sua mãe começou a trabalhar lá em casa. Ela e o Otávio, meu companheiro – ele dá um sorrisinho, evidenciando o quanto sou tonto –, são muito próximos. De tanto a sua mãe falar, ele vivia me dizendo para ver seus vídeos jogando futebol. E um dia eu achei que devia. Estou cercado de mães corujas, sabe? Quando assisti, percebi o quanto você era incrível. Aí me dei conta de que podia te oferecer a bolsa. Depois que você começou a estudar aqui, passei a prestar mais atenção em tudo o que o Otávio dizia e percebi que você não é só bom jogador, também é um ser humano maravilhoso. Converso sempre com a direção da escola onde consegui a bolsa para a sua irmã e a opinião geral é a mesma: ela é excelente.

– É mesmo. – Eu me encho de orgulho.

– Esse é um dos motivos por que ofereci um trabalho para a sua mãe na escola. Ela cria pessoas que quero ter perto de mim, e aqui ela vai poder multiplicar o que faz. Quando a Sophia me contou sobre a entrevista, perguntei ao Otávio, que não tinha ideia do sonho da sua mãe. Aí ele deu uma especulada, confesso. Ela vai começar a trabalhar como minha secretária e, como parte do pagamento, vou dar um curso do que ela escolher.

– Não sei como agradecer. – Estou muito admirado. – Por que está fazendo isso pela gente?

– A pergunta que você deve fazer é: por que eu não faria isso por vocês? Ou... vamos virar

esse jogo: por que você passa um tempo extra treinando com o Renan? Ou por que fica sempre de olho no Matheus e se ele não vai se meter em encrencas? Por que ajudou Sophia a cuidar dos cães, sabendo que podia se prejudicar? E, mais, por que bateu no Henrique para defender o Renan, arriscando a sua bolsa? – Olho ao meu redor à procura de câmeras. Como sabe tudo isso se nem na escola ele estava? – Eu tive um afastamento por causa de saúde. As pessoas pensam que eram férias, mesmo durando mais de 30 dias. Eu já estou bem. – Ele reage ao meu olhar preocupado. – Mesmo sem estar de corpo presente, tenho olhos aqui. No caso do Renan, foi o próprio Henrique quem me contou. É claro que ele mentiu as razões, mas quando deixou escapar o nome do Renan, soube o que estava acontecendo. Reconheço um homofóbico de longe. Cheguei a perguntar ao Renan para confirmar minha suspeita, mas ele disse que não e tenho certeza de que foi para te proteger. Você é um amigo incrível, e isso atrai pessoas que te amam e te querem bem.

– Não sei o que dizer.

– Só responda uma pergunta: por que você faz essas coisas até mesmo quando sabe que pode se prejudicar?

– Porque é o certo a fazer – nem hesito.

– Então você tem a minha resposta também. Eu ajudo vocês porque é o certo a fazer.

Não digo mais nada. Apenas aceno com a cabeça para o cara incrível que está à minha frente e eu nem fazia ideia de que existia.

É uma pena que a irmã dele não seja assim.



A vida podia ser como aquela conversa na sala do diretor Gabriel, mas infelizmente as coisas não são bem assim e a Sophia não está falando comigo. Matheus disse que ela está chateada pelo modo como falei com a mãe dela e como reagi ao Henrique. Parece que ele a fez acreditar que agi por ciúme e não pela razão.

Ela senta na minha frente todo dia e não olha na minha cara. A escola toda ficou sabendo o que houve e, para os mauricinhos, sou conhecido como *garoto-problema*. Apenas os meus amigos estão do meu lado.

Toda hora vejo o Henrique e a Sophia juntos e isso me destrói. Quero falar com ela, mas meu orgulho me impede. Ele me olha com ar de vitória, como se a Sophia fosse um prêmio, o que me deixa ainda pior. Ela tem muito mais valor que isso. Todos no nosso grupo estão abalados. Querem ajudar e não sabem o que fazer.

Todos os dias se tornaram iguais e isso está me matando. Sinto falta do que tínhamos.

A aula esta chata e monótona. Sophia parece estar muito mal também, principalmente hoje.

– Está tudo bem, Sophia? – a professora pergunta, preocupada, vendo que ela está de cabeça baixa na mesa.

– Tá sim, obrigada. – Ela realmente não sabe mentir.

Minutos depois, Sophia pede para ir ao banheiro. Assim que sai da sala percebo que ela começa a chorar. Não consigo mais me segurar. Levanto e corro em sua direção. Nem paro para ouvir a professora me chamando.

Quando Sophia se vira, está em prantos. Fico em choque sem saber o que fazer, então

simplesmente a abraço.

– O que foi, Sophia?

– Eu não aguento mais, Victor. Eu achei que se a gente se afastasse, ia tudo ficar mais fácil. Minha mãe disse que o que eu e você tivemos foi um “amor de ensino médio”, mas eu não consigo acreditar nisso. Estamos brigando todos os dias. Ela diz que não sou mais a mesma e te culpa por isso.

– E você queria ser a mesma? – Enxugo seu rosto molhado.

– Queria qualquer coisa que me fizesse parar de brigar com a minha mãe.

– Até esquecer a gente pra sempre?

Ela não responde, mas eu entendo, entendo muito bem. Sophia não quer esquecer, mas não está mais disposta a largar tudo.

Fui só uma fase na vida dela. Achei que eu era mais, assim como ela foi para mim, mas não... Fui só uma fase... Fases passam e eu estou *passando*...



Amanhã é a final do campeonato e o clima não está tão empolgante como eu esperava. Essa semana passou de forma estranha, sem brilho. A felicidade que eu vinha sentindo se foi. Os dias são todos iguais: acordo, vou para a escola, treino, volto para casa e durmo. Todos os meus amigos parecem sentir a nossa tristeza.

Sophia mudou muito. Ela não conversa com ninguém. No intervalo, senta com suas amigas, mas não tira os fones de ouvido. Vê-la tão abatida me deixa sem chão.

Em casa eu tento fingir que está tudo bem, me distraindo com o filhotinho que a Bruna adotou. Não quero que ela e minha mãe percebam. Eu sempre fui a pilastra mais forte daquela casa e não posso desabar. Mesmo com muito esforço não consigo me mostrar 100% feliz. Elas me conhecem e estão preocupadas.



Entro quieto na sala de aula, esperando a professora chegar, até que o Matheus senta em cima da minha mesa:

– Cara, precisamos conversar. Os garotos e eu estamos muito preocupados com você.

– Tá tudo bem, cara, vai passar, assim como *eu passei* para a Sophia. Tudo passa.

– Não é assim, Victor. Cadê aquele seu sorriso sincero?

Eu me levanto e vou com ele até o fundo da sala. Não queria que a Sophia ouvisse aquilo.

– Você não tem noção de como é olhar para ela todos os dias e não ter o bom-dia caloroso que ela me dava. Você não tem noção de como é vê-la e não poder tocá-la, não poder nem sequer falar com ela. Eu tinha certeza de que nós dois éramos para ser, que ela era o “motivo maior”, que minha mãe tanto falava, de eu ter vindo pra cá. Agora aqui estou eu, sem cabeça nenhuma pra jogar amanhã. Sem vontade nenhuma de fazer nada.

Ficamos alguns segundos em silêncio. Ele parece estar tão sem saber o que dizer quanto eu.

– Cara, eu tenho certeza de que ela *é* esse motivo! A Carol me disse que ela está muito mal

também. Tá confusa, mas ela te ama, cara! Eu sei disso, todo mundo sabe disso, até o Henrique, por isso ele se incomoda tanto. Ele nunca gostou da Sophia desse jeito. Queria estar com ela por puro status de estar com a garota mais bonita da escola, mas não é com ele que ela quer estar, é com você! E mais cedo ou mais tarde isso vai se ajeitar, eu prometo! Nem que eu tenha que bolar um plano pra ela e a mãe dela descobrirem que o Henrique é um idiota.

– Irmão, todo dia no treino ele olha pra mim com ar de vitória, como se a Sophia fosse um prêmio. E embora eu não ache que ela seja isso, estou me sentindo sim um derrotado.

– Victor, se tem uma coisa que você não é, é um derrotado. Cara, você chegou nessa escola como o garoto bolsista que todos olhavam com preconceito e hoje você é o herói daqui. Fazia anos que não chegávamos à final do campeonato e agora somos favoritos, tudo por sua causa! A escola inteira sabe o que aconteceu na semana passada. Todos viram que o Henrique é um idiota, até a Sophia.

– Ela não viu.

– Ela viu sim, eu tenho certeza disso. Ela só não quer acreditar. Você tem noção de que o mundo dela inteiro virou de cabeça pra baixo nesse semestre? Sophia nunca tinha enfrentado a mãe antes. Você a fez amadurecer e fez o ensino médio dela inesquecível.

– Olha, Math, eu agradeço por tudo isso, de verdade, mas é que eu realmente estou perdendo as esperanças. Você viu ontem, mano. Ela saiu da sala chorando e disse que abriria mão da gente pra sempre. Você sabe como isso doeu?

– Sei. – Ele coloca a mão no meu ombro. – Ela só quer parar de brigar com a mãe, que está sob influência do, Henrique. Mas, olha... o Renan, o Leo e eu vamos fazer algo pra elas conseguirem ver a verdade. Ver que ele é um babaca.

– Valeu mesmo a intenção, irmão, mas não façam nada, por favor. Deixa assim. Com o tempo, tudo vai voltar ao normal. Um normal que eu não queria acreditar que era verdade... eu e ela separados.

– Posso só te pedir uma coisa? – Confirmo com a cabeça. – Sorria... Sorrir em dias comuns é fácil. Mas é quando a vida aperta que a dificuldade de sorrir aparece, e quando isso acontece, precisamos respirar e agradecer pelo que temos. – Fico sem saber o que dizer e dou um leve sorriso. – Você é um herói, irmão, e todo mundo sabe disso, inclusive ela.

A professora chega assim que ele termina de falar e manda todos irem para seus lugares. Matheus faz uma cara de que não vai ligar para o que eu disse e vai tramar algo, mas eu espero de verdade que eles não façam nada, afinal, não tem o que fazer.

Esse é o fim da história. Acabou.

Capítulo 31

Hoje é o dia da grande final. Há cartazes com a foto do time espalhadas pela escola inteira. Todos contando comigo e colocando fé em mim, menos eu mesmo. Essa semana não rendi bem no treino e estou sem cabeça nenhuma para jogar.

No ginásio da escola, as arquibancadas estão mais lotadas do que nunca. A pressão aumenta quando me aproximo da quadra e os torcedores conseguem me ver. Todos começam a gritar meu nome, o que me arrepia.

Olho para a arquibancada e todos estão me apoiando, meus amigos e minha família estão lá. Quando a Bruna me vê, começa a gritar:

– Meu irmão! Meu irmão! Ele vai arrasar. – Lembro do conselho de Matheus e sorrio sincero pela primeira vez desde que eu e Sophia brigamos. Continuo olhando pelas arquibancadas abismado. Meus professores e alguns alunos que nunca falaram comigo estão gritando meu nome. Sophia está entre eles, o que me surpreende. É como se meu coração tivesse parado de bater por um segundo. Ela está linda, vestindo as cores do time. Está sentada ao lado do diretor e de sua mãe, que, diferentemente de todo o resto, não grita meu nome.

Vou para o vestiário e termino de me arrumar. Meus batimentos ficam descontrolados. Eu quero entrar e arrasar, mas ao mesmo tempo não quero nem jogar. É difícil explicar a sensação. Leo percebe que não estou muito bem e fala:

– Irmão, vai com tudo. Imagina que é o último jogo da sua vida. Esqueça todos os seus problemas. Você é o melhor!

– Valeu, mano, vamos entrar e arrasar! – Tento parecer mais confiante do que realmente estou. Os jogadores entram uniformizados em quadra e a torcida enlouquece.

Pela primeira vez, Leo, Renan, Henrique e eu começamos jogando juntos. Normalmente ou é o Henrique, ou o Renan. Formamos uma roda na frente do banco de reservas para as orientações finais do treinador e palavras motivacionais do capitão.

– Nós chegamos até aqui. Para a grande maioria esta é nossa última chance. Joguem como se fosse a última partida da vida de vocês. Vamos fazer história!

Todos colocamos a mão no centro da roda e contamos juntos.

– 1,2,3... Vitória! – A torcida vibra conosco.

O jogo começa e eu erro passes bobos. Tento me concentrar, mas cada vez que pego na bola lembro da Sophia e isso me desestabiliza. Somos dominados pelo time adversário. Com certeza essa não é só a pior partida do time, mas também a pior partida da minha vida. Não estou

conseguindo fazer nada e o time está perdendo a confiança. Renan perde uma bola. Um jogador adversário dribla o Leo e faz o gol.

Pela primeira vez em todo o campeonato, a nossa torcida se cala. Olho para a arquibancada e ninguém consegue entender o que está acontecendo.

O primeiro tempo termina em 1 x 0 para eles e nós saímos de cabeça baixa. No vestiário, o treinador tenta nos motivar, mas nada dá certo. Parece que agora todos estão como eu e isso só me faz ficar pior. Estamos praticamente aceitando a derrota.

Quando o treinador para de falar, o silêncio domina o vestiário e as arquibancadas. É possível ouvir a torcida adversária já gritando “É campeão”. Mesmo estando em menor número, esse é o grito que predomina do ginásio.

Decido sair do vestiário sozinho alguns minutos antes de o segundo tempo começar. Caminho meio sem rumo, sem querer ir para onde estão todos. Escuto a voz do Henrique atrás da arquibancada xingando alguém. Quando me aproximo, vejo que ele está colando o Renan na parede.

– Por sua culpa estamos perdendo! Se você jogasse igual homem e não igual uma mocinha isso não estaria acontecendo. – Ele levanta o braço com o punho fechado para dar um soco.

Em questão de um segundo, toda a tristeza que eu estava sentindo por tudo se transforma em raiva. Vou para cima do Henrique. Prometi para o Renan que ninguém nunca mais ia mexer com ele e eu cumprio minhas promessas.

Começamos a brigar e eu não consigo enxergar mais nada na minha frente além do Henrique. Ele é maior do que eu, mas mesmo assim consigo brigar de igual para igual. Levo uma certa vantagem na briga e colo ele na parede. Quando preparo para dar um soco na sua cara, alguém me agarra e me joga no chão.

Quando reparo, se formou uma roda gigante em torno da briga. Todos só me viram batendo no Henrique e não o que aconteceu antes.

– Eu disse que esse moleque não tinha o perfil adequado dessa escola. Agrediu um colega do time sem motivo algum – grita a mãe de Sophia.

– Mas... Ele... – tento falar, mas ninguém deixa.

Todos começam a me xingar e não deixam que eu me explique. Estou mais perdido do que nunca. Não consigo achar nenhum dos meus amigos na multidão. Estou prestes a desabar, até que escuto:

– Parem de acusar o Victor. Eu vi tudo. Henrique estava prestes a bater no Renan. Ele disse muitas coisas horríveis só porque o Renan é gay. – Todos se silenciam para ouvir Sophia me defendendo. Matheus está ao seu lado.

– É verdade isso, Renan? – o diretor pergunta.

– Sim... – Renan abaixa a cabeça.

Todos ficam abismados e Math dá um abraço no Renan.

– Você é louco? – o treinador grita com Henrique. – Como pôde agredir um colega e colocar sua posição no time em risco por puro preconceito?

– Não quero fazer parte desse time. Vocês nunca vão conseguir ganhar com essa mocinha no meu lugar.

– Vamos agora para minha sala. – O diretor mantém a expressão fechada. – Jamais tolerarei homofobia ou qualquer tipo de preconceito na minha escola.

– É tudo culpa sua. – Henrique me olha cheio de ódio. – Você chegou aqui querendo ser igual a nós. É tudo culpa sua.

– Eu jamais serei igual a você – respondo, de queixo erguido. – Tenho orgulho de ser quem sou.

O diretor dá um toque nas costas do Henrique, que o segue, sem se importar com o restante de nós. A multidão começa a se dispersar e o treinador pede para nos prepararmos para voltar para o segundo tempo.

Eu começo a andar em direção à quadra, mas alguém me segura. Quando me viro, vejo Sophia.

– Me desculpa por não querer enxergar a verdade sobre o Henrique. Me desculpa por não ter lutado por nós. Mas eu farei isso agora, tudo o que importa é que eu amo você! – Ela me beija na frente de todos.

O beijo é o mais apaixonado de todos. Eu me arrepio dos pés à cabeça. Uma energia e uma felicidade sem igual começam a tomar conta do meu corpo. Quando paramos, olho no fundo dos seus olhos e dou o sorriso mais apaixonado que consigo dar.

– Eu também amo você. – Dou um selinho e entro em quadra supermotivado.

A torcida renasce como uma fênix. É como se o nosso beijo fosse o combustível de que eles precisavam. Matheus e Bruno começam a puxar a torcida, que novamente volta a cantar e gritar meu nome. Isso contagia o time inteiro.

O entusiasmo enche meu peito. É o meu momento!



O jogo recomeça e reagimos. Tocamos muito bem a bola, mas mesmo assim encontramos dificuldade. O adversário é muito bom.

Estamos sofrendo muitas faltas, até que consigo recuperar uma bola, driblo dois jogadores e marco! Que saudade que eu estava do grito de gol da torcida e do time. Aponto para minha irmã, dedicando o gol para ela, e então volto minha atenção para dentro da quadra.

O jogo fica mais tenso do que nunca. Nenhum dos times consegue marcar. Todos estão jogando muito bem. Faltam 10 segundos para acabar a partida. Leo recupera uma bola e toca para mim, dois jogadores tentam me derrubar, mas mantenho o equilíbrio. Driblo mais um e fico cara a cara com o goleiro. Eu posso marcar, sei que posso. Estou prestes a chutar, quando de canto de olho vejo Renan numa posição ainda mais favorável que a minha. Não hesito. Não é só o meu momento, é o *nosso*. Toco para ele, que marca o gol da vitória e o cronômetro zera! Renan sobe nas minhas costas e gritamos, rimos, nos emocionamos!

O juiz autoriza o final da partida e a torcida entra em quadra. Sophia corre para meus braços e eu a giro no ar enquanto comemoram ao nosso redor. Nós nos beijamos como se ninguém estivesse olhando. Uma roda de comemoração se forma em volta. Os jogadores do time levantam a mim e ao Renan e começam a nos jogar para o alto. A torcida não para de gritar nosso nome.

Ganho o prêmio de melhor jogador do campeonato, mas o dedico ao meu time. Eu não seria nada sem eles.

Pego minha irmã, coloco-a nos ombros e vou para a multidão comemorar com eles. Não consigo definir o tamanho da felicidade que ser campeão me traz. Meus amigos vêm até mim e me dão os parabéns. Entrego minha irmã para minha mãe, vejo Sophia encostada na arquibancada me observando com o maior olhar de orgulho e vou até ela.

– Você é tão linda. – Pego sua mão e a beijo.

– Você é tão lindo. – Nossos sorrisos se espelham. – Vai comemorar, campeão. Você merece tudo isso. – Ela aponta para a multidão.

– Eu não teria conseguido sem você.

Nós nos beijamos por alguns instantes. Quando nos separamos, tomamos um susto. A mãe dela está bem ali, nos olhando de perto.

– Tá tudo bem, mãe? – Sophia pergunta com medo.

– Está sim. – Ela parece bastante constrangida. – Eu queria me desculpar com o Victor. Não devia ter acreditado em tudo o que o Henrique disse. Meu irmão conversou comigo e me contou

algumas coisas. Você não merece o tratamento que eu te dei.

– Ninguém merece. – Não consigo conter a resposta.

– Eu sei. – Ela cora. – Não se quebram certos preconceitos com facilidade, mas estou disposta a tentar. E entrando nesse assunto, queria agradecer pelo que você fez pelo Renan. Meu irmão enfrenta situações muito difíceis por preconceito e sofreu bastante na época da escola. Ele teria sofrido muito menos se naquela época tivesse alguém como você.

– Não precisa agradecer. Minha mãe me criou assim. Sempre que puder, vou ajudar, não importa quem seja.

Ela me olha em silêncio por alguns segundos e me surpreendo por perceber que ela está admirada comigo.

– Sua mãe o criou bem. – Ela dá um sorriso um pouco contido. – Sophia, quando chegarmos em casa vamos conversar sobre a possibilidade de você fazer veterinária. Outro ponto que seu tio me esclareceu. Eu tenho sido muito dura com você e peço que me perdoe. Não é o que eu sonho, mas tenho que viver o *meu* sonho. Você tem que viver o *seu*.

– Mãe, eu te amo! – Sophia abraça a mãe.

– Eu também te amo, filha! Agora vão comemorar! Nem acredito que meu time ganhou. Finalmente! – Ela agita uma bandeirinha com as nossas cores.

Pego a mão da Sophia e vamos para o meio da multidão. Meus amigos nos encontram e nos abraçam, rindo. Bia se aproxima, desconfiada. Ela me dá um abraço forte e diz que me ama.

– Sabe que te amo também, garota.

Ela olha para Sophia, medindo-a. Conheço suas preocupações.

– Se você o fizer sofrer – Bia começa –, eu te mato! Mas se o fizer feliz – ela sorri –, vou te amar também.

Sophia ri e a abraça, sem precisar responder. As duas seguem cantando o grito de guerra da escola. Comemoramos como se não houvesse amanhã. Todo mundo me agradece. Parece que entrei para a história dessa escola. Não posso negar que a sensação é boa, mas eu só queria mesmo entrar para a história de uma pessoa.



Estamos sentados no banco, no meu lugar especial. Com Sophia, ele se tornou ainda mais especial. Aqui onde aconteceu nosso quase primeiro beijo, interrompido por uma ligação.

Estamos apenas sentados em silêncio. Sophia está encostada no meu ombro, e Sansão, o cachorro que minha irmã escolheu na feira, está do nosso lado.

Só queremos curtir a presença um do outro, a energia que um traz para o outro, até que Bruna chega.

– Ei, então você é minha cunhada? – ela pergunta para Sophia.

– Sou eu sim. – Ela ri e me dá um beijo no rosto enquanto mexe no meu cabelo.

– Eba! Você é muito linda! – Bruna abraça Sophia. – Victor, posso levar o Sansão pra casa?

– Pode, maninha, vai lá! – Entrego a coleira para ela e eles saem. – Agora a pequena já sabe, hein? Vai partir dois corações se me deixar – brinco.

– E quem foi que disse que eu quero te deixar?

– Vai saber, né?

– Você é muito idiota! – Ela sorri e apoia a cabeça no meu ombro novamente.

– E você é linda. – Toco seu rosto e nos beijamos.

Quando nos afastamos, o sol está se pondo. Ela entrelaça os dedos nos meus e observamos o horizonte. Penso em meus sentimentos e quando eles começaram, não sei dizer. Agora ela faz parte de mim e eu faço parte dela.

Se eu estou apaixonado? Não... é diferente.

É amor.

Quando estamos apaixonados e aquela pessoa não nos responde uma mensagem ou atende uma ligação, ficamos bravos, irritados. Agora, quando uma pessoa que amamos não nos responde, ficamos angustiados, preocupados. É difícil sentir raiva de quem amamos. Não tem como ter raiva de quem você quer por perto. Você pode brigar, falar o que pensa, mas quer estar bem e viver em harmonia. Quando se ama, a presença da pessoa é suficiente.

Muitas pessoas acham que nós, adolescentes, não sabemos o que é amor, não sabemos nada da vida. Eu discordo. O amor não tem idade, não tem hora, ele acontece quando você menos espera.

O amor é o que a Sophia e eu temos, mas também é o que minha família e eu temos, o que meus amigos e eu temos. Amizade é um amor tão forte quanto qualquer outro. Amar é se posicionar e lutar para proteger as pessoas que são importantes. Às vezes, começa sem que você espere. Você vê algo errado e reage, defende quem está sendo oprimido. Você pode pensar que não fez nada de mais, mas salvou uma vida e ganhou um amigo leal para sempre. Porque assim como o amor, também não há idade para a maturidade. É preciso lutar pelo que é certo, mesmo que ninguém mais lute.

E é preciso amar, mesmo que muitos se oponham a esse amor. Saber enxergar e se jogar também faz parte dessa vida.

Você pode estar vivendo seu amor sem nem saber. Preste atenção nos detalhes, nas coisas simples. O amor não é complicado. Quem diz isso é porque não sabe amar.

O rótulo “amor de ensino médio” é uma bobagem. Se parar no ensino médio é porque, no fim das contas, não era amor.

Ninguém precisa morrer por amor também. Romeu e Julieta precisavam mesmo era de diálogo, insistência e um pouco de fé. Ah! E de um celular... Claro que isso teria evitado tudo.

Essa foi minha história e acho que nem preciso dizer que não foi mais um “amor de ensino médio”.

Bom, como eu disse no início, eu nunca quis ser o Romeu de ninguém. Fui só eu mesmo. E, olha só, ganhei a garota, como ela me ganhou.

Minha mãe tinha razão e realmente teve um motivo maior para eu entrar nessa escola e fazer parte de todas essas vidas. Tudo tem um motivo, mesmo que a gente não entenda na hora. Acredite... ninguém está na sua vida à toa e cada um tem seu valor e algo para ensinar.

No fim, todas as histórias são muito mais que o acaso.

Agradecimentos

Quando estava me arrumando para ir ao evento de *Um ano inesquecível*, não passava pela minha cabeça que tudo ia mudar após aquele dia.

Agradeço, primeiramente, à minha mãe e maior inspiração, Bianca Briones. Obrigado por toda ajuda e incentivo.

Ao Arthur Briones, meu irmão, por ser a principal razão de eu não desistir de tudo em momentos de crise. Obrigado.

À minha editora linda, Silvia Tocci Masini, pela oportunidade, por acreditar em mim e por me lembrar do quanto eu era feliz escrevendo.

À Babi Dewet, pelos conselhos e por me ajudar em tudo o que pode.

À Bruna Dorazzo, minha melhor amiga, obrigado por ter sido uma das únicas pessoas do meu círculo de amizades que acreditava em mim.

A Mariana Martins, Isabella Dezidério, Carolina Nemeth, Gabriela Piva e Brenda Guidetti por, junto com a Bruna, aguentarem meus momentos de insegurança e mesmo assim não me deixarem desistir nunca.

A Luis Felipe, Bruno Longhini, Leonardo Muller, Vinicius Carneiro, Bruno Itiro e Matheus Campos, por sempre me defenderem e apoiarem.

A Bruna, Nicole e Monique Briones, minhas tias, que sempre me encorajaram a ser quem eu sou.

Aos meus coaches e amigos da Mahamudra Brasil, em especial Jonas Sulzbach, que me guiou para essa família onde me encontrei. Vocês salvaram minha vida.

Aos meus leitores, que me apoiaram desde o início, mesmo quando eu ainda engatinhava nesse meio.

E, por fim, agradeço à Flávia Pavanelli pela inspiração para Sophia.

Não teria conseguido sem vocês!

Copyright © 2016 Athos Briones
Copyright © 2016 Editora Gutenberg

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA

Silvia Tocci Masini

REVISÃO

Aline Sobreira

EDITORAS ASSISTENTES

Andresa Vidal Branco

Carol Christo

Nilce Xavier

CAPA

Carol Oliveira (sobre a imagem de TijanaM [shutterstock])

ASSISTENTE EDITORIAL

Andresa Vidal Branco

DIAGRAMAÇÃO

Larissa Carvalho Mazzoni

PREPARAÇÃO

Silvia Tocci Masini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Briones, Athos

Muito mais que o acaso / Athos Briones. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2016.

ISBN 978-85-8235-397-4

1. Ficção brasileira 2. Ficção - Literatura juvenil I. Título.

16-05889 CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA 

São Paulo

Av. Paulista, 2.073,

Belo Horizonte

Rio de Janeiro

Conjunto Nacional, Horsa I Rua Carlos Turner, 420 Rua Debret, 23, sala 401
23º andar . Conj. 2301 . Silveira . 31140-520 Centro . 20030-080
Cerqueira César . 01311-940 Belo Horizonte . MG Rio de Janeiro . RJ
São Paulo . SP Tel.: (55 31) 3465 4500 Tel.: (55 21) 3179 1975
Tel.: (55 11) 3034 4468

www.editoragutenberg.com.br



www.estradadoslivros.org

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora



5 mulheres, 5 histórias de amor

CLARISSA
CORRÊA

LILIANE
PRATA

GUTENBERG

As
fases
DA
Lua
CONTOS



BIANCA
BRIONES

LEILA
REGO

JENNIFER
BROWN

As fases da lua

Corrêa, Clarissa

9788582353783

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

5 mulheres, 5 fases da Lua, 5 histórias de... amor?

Alice é uma jovem com uma vontade crescente de cair no mundo, até se apaixonar pelo cara mais gato da cidade. Mas um incidente no meio de seu conto de fadas pode mudar sua vida para sempre.

Lena é uma mulher cheia de amor para dar e que stalkeia todos os passos dos homens por quem se apaixona. E ela realmente se apaixona por todos. O problema é que eles não se apaixonam por ela...

Um amor minguante não tem vez na vida de Bruna. Noiva do seu melhor amigo de infância, eles se preparam para o casamento e traçam planos para uma vida inteira juntos. Mas será que não é perfeição demais?

Ainda nova, Dora já é uma médica renomada, segura e decidida, mas seu coração traz uma ferida e ela não está disposta a se abrir novamente. Até que o amor lhe aparece em forma de canção...

Destiny é uma jovem com um passado marcado por dúvidas e segredos, assim como o misterioso luar azul que toma conta de sua cidade, deixando-a confusa e com medo... pois no fundo ela sabe que ele pode guardar as respostas que ela tanto busca.

Assim como a Lua, a vida também é repleta de fases, e neste livro acompanhamos as deliciosas histórias de cinco mulheres que estão em diferentes fases da vida, mas que têm em comum os altos e baixos, os amores e desamores, as promessas e

incertezas da busca pela felicidade.

[Compre agora e leia](#)

"Depois de *Garota exemplar* e
A garota no trem, seu sangue vai
congelar ao ler este livro."

A GAROTA NO GELO

QUE ESTRANHOS SEGREDOS ELA ESCONDE?

ROBERT BRYNDZA

GUTENBERG

A garota no gelo

Bryndza, Robert

9788582354056

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Seus olhos estão arregalados... Seus lábios estão entreabertos... Seu corpo está congelado... Mas ela não é a única.

Quando um jovem rapaz encontra o corpo de uma mulher debaixo de uma grossa placa de gelo em um parque ao sul de Londres, a detetive Erika Foster é chamada para liderar a investigação de assassinato.

A vítima, uma jovem e bela socialite, parecia ter a vida perfeita. Mas quando Erika começa a cavar mais fundo, vai ligando os pontos entre esse crime e a morte de três prostitutas, todas encontradas estranguladas, com as mãos amarradas, em águas geladas nos arredores de Londres.

Que segredos obscuros a garota no gelo esconde? Quanto mais Erika está perto de descobrir a verdade, mais o assassino se aproxima dela.

Com a carreira pendurada por um fio depois da morte de seu marido em sua última investigação, Erika deve agora confrontar seus próprios demônios, bem como um assassino mais letal do que qualquer outro que já enfrentou antes.

[Compre agora e leia](#)



MONICA SIFUENTES

ROMANCE

UM POEMA *para* BÁRBARA

A história de amor
que ajudou a escrever
a História do Brasil

Apresentação de Mary del Priore

 GUTENBERG

Um poema para Bárbara

Sifuentes, Mônica

9788582353363

432 páginas

[Compre agora e leia](#)

São João Del Rei, Minas Gerais, 1776. A cidade recebe o novo ouvidor da comarca, vindo de Portugal: o jovem intelectual e bon-vivant José Inácio de Alvarenga Peixoto. Pronto para assumir sua responsabilidade na próspera Colônia da Coroa, o caminho do magistrado se cruza com o de Bárbara Eliodora, moça de gosto apurado e ideias à frente de seu tempo, que encontra expressão na poesia, assim como Inácio. Do encontro dos dois nasce uma paixão repleta de sonhos de liberdade e revolução, e de um país livre dos grilhões da realeza. Retratando a jornada que culmina na turbulenta Inconfidência Mineira, Um poema para Bárbara é uma história de amor e coragem que jamais será apagada pelo tempo. Um legado de sangue e lutas, de ideais e heroísmo, que marca até hoje a História do Brasil.

[Compre agora e leia](#)

AUTORA BEST-SELLER N° 1 DO THE NEW YORK TIMES

MAYA BANKS



SALVE-ME

Trilogia Slow Burn · Volume 2



Salve-me

Banks, Maya

9788582353004

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

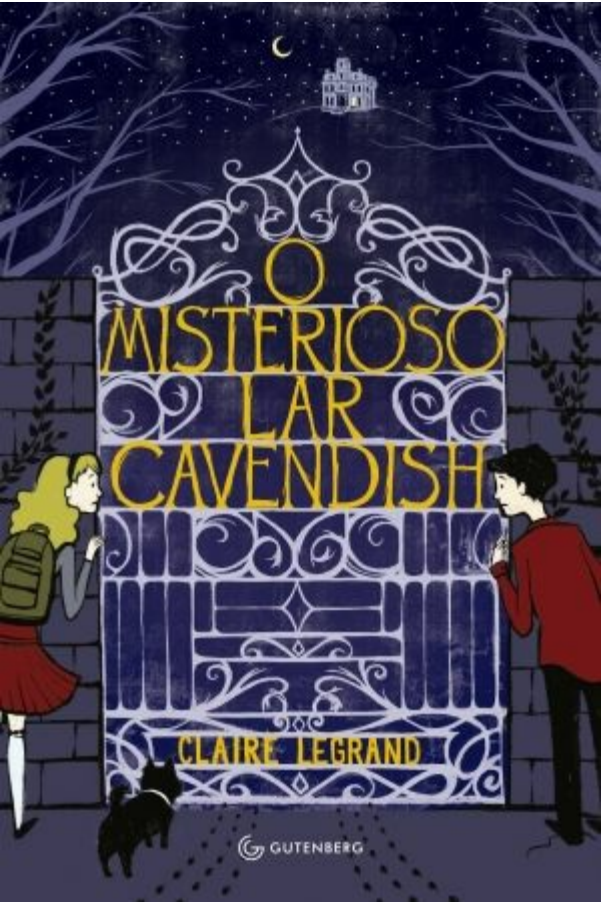
O que pode acontecer quando uma heroína determinada encontra um herói alfa sexy?

Abandonada quando bebê e adotada pelo jovem e rico casal Gavin e Ginger Rochester, Ariel cresceu em um mundo de privilégios. Sua única ligação com o passado é algo que a distingue de todos os outros: seus poderes telecinéticos. Protegida por seus pais adotivos para manter seu dom em segredo, Ari cresce no colo do luxo, mas também do isolamento. Até que, quando jovem, alguém começa a ameaçar sua vida...

Beau Devereaux é um homem frio, rico e poderoso, C.E.O. da DSS, empresa de segurança criada pela família após todos os sinistros acontecimentos com o irmão Caleb e a cunhada Ramie. Beau é mais que familiarizado com as realidades de poderes psíquicos. Assim, quando Ari o procura, dizendo que seus pais haviam desaparecido e que ela precisa de proteção, ele se prontifica a ajudar. O que Beau não está preparado é para a extensão de sua atração por sua bela e poderosa cliente.

O que começou apenas como mais um trabalho, rapidamente se transforma em algo pessoal, e Beau descobre que é capaz de qualquer coisa para proteger Ari. Mesmo que isso lhe custe a vida.

[Compre agora e leia](#)



O misterioso Lar Cavendish

Legrand, Claire

9788582351802

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Victoria é sempre impecável. Seus cabelos e unhas brilham, seu quarto não tem nada fora do lugar, sua rotina é precisa. Se há algo que ela pode considerar como um defeito em sua vida é Lawrence, que parece seu oposto: é preguiçoso, desorganizado, anda com a roupa desganhada e vive sonhando no mundo da música. Ela nem entende como eles vieram a se tornar amigos. Mas, exceto por isso, sua vida é perfeita na cidade de Belleville.

Até que Lawrence desaparece. Ela começa a investigar, e percebe que ele não é o único a sumir na pequena cidade. Por trás de suas ruas tranquilas, há segredos sombrios e assustadores, e as pistas que Victoria encontra parecem apontar para um lugar em especial: o Lar Cavendish. As pessoas entram lá mas saem... diferentes. Ou então não saem.

Ignorada pelos adultos, ela se vê como a única capaz de tentar resolver o mistério e trazer seu amigo de volta. Mas, para isso, terá de abrir mão de sua vida perfeita.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

<u>Título</u>	
<u>Dedicatória</u>	
<u>Prólogo</u>	
<u>Capítulo 1</u>	
<u>Capítulo 2</u>	
<u>Capítulo 3</u>	
<u>Capítulo 4</u>	
<u>Capítulo 5</u>	
<u>Capítulo 6</u>	
<u>Capítulo 7</u>	
<u>Capítulo 8</u>	
<u>Capítulo 9</u>	
<u>Capítulo 10</u>	
<u>Capítulo 11</u>	
<u>Capítulo 12</u>	
<u>Capítulo 13</u>	
<u>Capítulo 14</u>	
<u>Capítulo 15</u>	
<u>Capítulo 16</u>	
<u>Capítulo 17</u>	
<u>Capítulo 18</u>	
<u>Capítulo 19</u>	
<u>Capítulo 20</u>	
<u>Capítulo 21</u>	
<u>Capítulo 22</u>	
<u>Capítulo 23</u>	
<u>Capítulo 24</u>	
<u>Capítulo 25</u>	
<u>Capítulo 26</u>	
<u>Capítulo 27</u>	
<u>Capítulo 28</u>	
<u>Capítulo 29</u>	
<u>Capítulo 30</u>	
<u>Capítulo 31</u>	
<u>Capítulo 32</u>	
<u>Agradecimentos</u>	
<u>Copyright</u>	